

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO “CARLOS ALBERTO REYES
MALDONADO”**

**PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM LINGUÍSTICA
MESTRADO EM LINGUÍSTICA**

TÂNIA MARIA SANÁBRIA CARVALHO TOLOTTI

**UM ESTUDO SOCIOLINGUÍSTICO DO CURURU MATO-GROSSENSE FRENTE
ÀS VARIAÇÕES E O PRECONCEITO LINGUÍSTICO**

CÁCERES-MT
2023

TÂNIA MARIA SANÁBRIA CARVALHO TOLOTTI

**UM ESTUDO SOCIOLINGUÍSTICO DO CURURU MATO-GROSSENSE FRENTE
ÀS VARIAÇÕES E O PRECONCEITO LINGUÍSTICO**

Trabalho de Conclusão de Curso (Dissertação) apresentado ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Linguística da Universidade do Estado de Mato Grosso, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Linguística.

Área de concentração: Estudos de Processos Linguísticos

Linha de pesquisa: Estudo de Processos de Variação e Mudança e de Descrição, Análise e Documentação de Línguas Indígenas

Orientador: Professora Dra. Cristiane Schmidt.

CÁCERES-MT
2023

FICHA CATALOGRAFICA

Luiz Kenji Umeno Alencar CRB 1/2037

T653u	<p>TOLOTTI, Tânia Maria Sanabria Carvalho. Um Estudo Sociolinguístico do Cururu Mato-Grossense Frente às Variações e o Preconceito Linguístico / Tânia Maria Sanabria Carvalho Tolotti - Cáceres, 2023. 163 f.; 30 cm. (ilustrações) Il. color. (sim)</p>
	<p>Trabalho de Conclusão de Curso (Dissertação/Mestrado) - Curso de Pós-graduação Stricto Sensu (Doutorado) Linguística, Faculdade de Educação e Linguagem, Câmpus de Cáceres, Universidade do Estado de Mato Grosso, 2023. Orientador: Cristiane Schmidt</p>
	<p>1. Variação Linguística. 2. Preconceito Linguístico. 3. Toadas de Cururu. 4. Falar Cacerense. 5. Estudos Sociolinguísticos. I. Tânia Maria Sanabria Carvalho Tolotti. II. Um Estudo Sociolinguístico do Cururu Mato-Grossense Frente às Variações e o Preconceito Linguístico: . CDU 81'242:394.24(817.2)</p>

TÂNIA MARIA SANÁBRIA CARVALHO TOLOTTI

**UM ESTUDO SOCIOLINGUÍSTICO DO CURURU MATO-GROSSENSE FRENTE
ÀS VARIAÇÕES E O PRECONCEITO LINGUÍSTICO**

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Cristiane Schmidt
Presidente e Orientadora – PPGL/UNEMAT/UFMS

Profa. Dra. Dircel Aparecida Kailer
Avaliador Interno – PPGL/UNEMAT/UEMS

Prof. Dr. Manoel Mourivaldo Santiago Almeida
Avaliador Externo – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas/USP

APROVADA EM: ____/____/____

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus por me permitir percorrer esta caminhada, dando-me forças, animo e coragem. Mesmo com todas as dificuldades, ele me manteve na trilha certa para conseguir chegar até aqui!

Sou grata, também, a minha família pelo apoio recebido durante toda a minha vida, principalmente, aos meus pais Santilho Carvalho Neder e Leontina Sanábria Neder. Amo vocês!

Aos filhos apresentados por Deus e gerado no meu coração, Cleiton Felipe Nolasco Egues (*in memoriam*), Maria Victória Gomes Marques, que me ajudou a entender o linguajar cacerense durante as transcrições, e Jonathan Ferreira Amorim, pelo apoio, incentivo e ajuda durante todo o mestrado. Vocês são minha alegria, meu orgulho, meus amores!!!

Ao amigo Luiz Gustavo da Silva Moraes, pelo incentivo e ajuda nos estudos para a prova de ingresso ao mestrado. Sou muito grata a você, amigo!!!

Às minhas colegas de curso, Yara, Fabiane e, principalmente, Flaviane e Daniele que sempre estiveram à disposição para me ajudar com muita paciência e tranquilidade. Serei eternamente grata!

Ao Grupo Chalana pelas vivências culturais que me levaram à motivação pelo tema da pesquisa!

Aos voluntários da pesquisa integrantes do “Grupo Tradição”, diretora Elenir Antunes de Mendonça, senhores Juventino Pedroso da Silva, Joaquim Santana da Silva e Icaro Alexander Antunes de Mendonça. Muito obrigada por aceitarem fazer parte do estudo. Vocês foram fundamentais!

Deixo um agradecimento especial a minha orientadora, primeiramente, por ter aceitado guiar-me em uma investigação cujo tema se distanciava dos escopos de suas pesquisas e era complexo. Às vezes cheguei a pensar “ Meu Deus, por que não optei por algo mais convencional? ”. Obrigada pelo incentivo, dedicação, apoio e compreensão durante estes dois anos, foi um prazer tê-la como minha orientadora.

Também quero agradecer à Universidade do Estado de Mato Grosso Carlos Alberto Reyes Maldonado *Campus* Jane Vanini – UNEMAT/Cáceres e a todos os professores do meu curso pela elevada qualidade e excelência do ensino oferecido

RESUMO

Esta pesquisa se inscreve na área de Concentração “Estudo de Processos Linguísticos” e foi desenvolvida no âmbito da linha de pesquisa “Estudo de Processos de Variação e Mudança e de Descrição, Análise e Documentação de Línguas Indígenas”. O estudo lançou olhares sobre as Toadas do Cururu, com foco no falar dos cururueiros da cidade de Cáceres-MT, com vistas a descrever e identificar aspectos característicos desse linguajar. Portanto, objetivo dessa investigação foi analisar em que medida o processo de variação linguística, no contexto das toadas do Cururu em Mato Grosso, resiste às transformações socioeconômicas e às evoluções dos estilos de fala. Ao mesmo tempo, buscou-se, também, compreender os aspectos histórico-culturais do falar mato-grossense e analisar a ocorrência de atitudes de preconceito linguístico. Assim, a pesquisa pautou-se nos Estudos Sociolinguísticos, tendo como referência Labov, Bortoni-Ricardo, Tarallo, Bagno, entre outros pesquisadores que se debruçam sobre a compreensão da variação linguística e a concepção do preconceito em relação aos estilos de fala. Utilizando uma metodologia qualitativa de pesquisa, o estudo baseou-se em dados provenientes de observação participante, conversas informais e entrevistas. Os dados obtidos a partir da transcrição das toadas e das entrevistas revelaram a presença de vários tipos de variação na fala dos informantes. Ao analisar essas particularidades linguísticas identificamos padrões sociolinguísticos, como o papel do contexto social, a influência de fatores externos e as relações de poder que permeiam o uso da língua.

PALAVRAS-CHAVE: Variação linguística; Preconceito linguístico; Toadas de Cururu; Falar cacerense. Estudos sociolinguísticos.

ABSTRACT

This research falls within the field of Concentration "Linguistic Processes Study" and was developed within the scope of the research line "Study of Variation and Change Processes and Description, Analysis, and Documentation of Indigenous Languages." The study focused on the "Toadas do Cururu" (Cururu Songs), with the aim of describing and identifying characteristic aspects of this language used by cururueiros from Cáceres-MT. Therefore, the objective of this investigation was to analyze to what extent the process of linguistic variation, in the context of Cururu Songs in Mato Grosso, withstands socioeconomic transformations and changes in speech styles. At the same time, it also sought to understand the historical-cultural aspects of Mato Grosso way of speaking and analyze the occurrence of linguistic prejudice attitudes. Thus, the research was based on Sociolinguistic Studies, with references to Labov, Bortoni-Ricardo, Tarallo, Bagno, among other researchers who delve into the understanding of linguistic variation and the conception of prejudice regarding speech styles. Using a qualitative research methodology, the study relied on data obtained from participant observation, informal conversations, and interviews. The data obtained from the transcription of the "toadas" and interviews revealed the presence of various types of variation in the speech of the informants. By analyzing these linguistic peculiarities, we identified sociolinguistic patterns, such as the role of social context, the influence of external factors, and the power relations that permeate the use of language.

KEYWORDS: Linguistic variation; Linguistic prejudice; Toadas of Cururu; Cacerence Speaking.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Qr-code de acesso ao vídeo.....	17
Figura 2: Torre de Babel.....	27
Figura 3: Diacronia x Sincronia	28
Figura 4: Localização geográfica do MT	55
Figura 5: Mapa hidrográfico do Mato Grosso	56
Figura 6: Baixada Cuiabana-MT.....	57
Figura 7: Viola de Cocho	73
Figura 8: Ganzá	75
Figura 9: Tocador de reco-reco	76
Figura 10: Cururueiros	76
Figura 11: Pesquisa Interpretativista	85

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Síntese das variações encontradas nas falas dos Cururueiros	111
---	-----

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: diferença entre palavras	54
Quadro 2: Perguntas realizadas aos informantes	90
Quadro 3: Perfil dos Colaboradores.....	90
Quadro 4: Níveis Descritivos da linguagem	93
Quadro 5: Recorte 1: Cururueiro 01	94
Quadro 6: Recorte 2: Cururueiro 02	96
Quadro 7: Recorte 3: Cururueiro 03	97
Quadro 8: Recorte 4: Cururueiro 01	98
Quadro 9: Recorte 5: Cururueiro 02	98
Quadro 10: Recorte 6: Cururueiro 03.....	100
Quadro 11: Recorte 7 Cururueiro 01.....	100
Quadro 12: Recorte 8 Cururueiro 02.....	101
Quadro 13: Recorte 9 Cururueiro 03	102
Quadro 14: Recorte 10 Cururueiro 01	102
Quadro 15: Recorte 11 Cururueiro 02	103
Quadro 16: Recorte 12 Cururueiro 03	104
Quadro 17: Toadas Recorte 01.....	105
Quadro 18: Toadas Recorte 02	105
Quadro 19: Toadas Recorte 03	106
Quadro 20: Excertos e variação linguística da pergunta 01.....	107
Quadro 21: Excertos e variação linguística da pergunta 02.....	108
Quadro 22: Excertos e variação linguística da pergunta 3.....	108
Quadro 23: Excertos e variação linguística da pergunta 4.....	109
Quadro 24: Aspectos encontrados com maior frequência	110

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
CAPÍTULO I - SOCIOLINGUÍSTICA	20
1.1 Sociolinguística: pressupostos teóricos e conceituais.....	20
1.2 Entendendo os Aspectos da Fala	26
1.3 Conceitos Labovianos.....	30
1.3.1 Teoria da Variação e Mudança Linguística: princípios básicos	32
1.4 O Preconceito Linguístico	37
CAPÍTULO II - COLONIZAÇÃO BRASILEIRA E A CONCEPÇÃO LINGUÍSTICA DO ESTADO DO MATO GROSSO	43
2.1 A Base Linguística através dos Conceitos Históricos	43
2.2 Bandeiras, Monções e Jesuítas na Construção Étnico Cultural do Estado	54
2.3 O Falar Cuiabano: variação e mudança	62
CAPÍTULO III - CURURU – DO ASPECTO HISTÓRICO À MANIFESTAÇÃO CULTURAL	70
3.1 As Toadas do Cururu	70
3.2 Análise social da incidência do Preconceito Linguístico frente as Toadas do Cururu ...	81
CAPÍTULO IV - METODOLOGIA E LEVANTAMENTO DE DADOS	85
4.1 Primeira Etapa: Pesquisa bibliográfica	86
4.2 Segunda Etapa: Pesquisa de Campo	86
4.3 Entrevista	89
4.4 Execução da Toada de Cururu	91
CAPÍTULO V – ANÁLISE DOS DADOS E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	92
5.1. As vozes dos curureiros na Entrevista	93
5.2. As vozes dos curureiros nas Toadas do Cururu	105
CONSIDERAÇÕES FINAIS	117
REFERÊNCIAS	123
APÊNDICES	131
APÊNDICE 01: Transcrições das Narrativas nas Vozes Dos Cururueiros	131
APÊNDICE 02: Documentação de Tramitação no Comitê de Ética - UNEMAT	137

INTRODUÇÃO

Os estudos relacionados à diversidade e às variações linguísticas têm se desenvolvido por todo território nacional. No entanto, existem disparidades na aceitação do regionalismo tanto pela população quanto pela comunidade científica. Nesta pesquisa, entendemos regionalismo como uma forma de comunicação singular e cultural de cada região, dentro do português padrão (SOUSA; LIMA; 2009). Portanto, os regionalismos na fala são características linguísticas particulares a uma determinada região geográfica. Eles são expressões e variantes linguísticas que se desenvolvem e são compartilhadas por um grupo de falantes em uma área específica. Essas variações podem incluir diferenças de pronúncia, vocabulário, gramática e até mesmo o uso de expressões idiomáticas específicas.

Essas diferenças regionais podem ser influenciadas por aspectos como a história migratória, a demografia, a cultura local e até mesmo a paisagem geográfica. É importante ressaltar que os regionalismos na fala não são necessariamente variações "erradas" ou inferiores, mas sim reflexos da diversidade linguística presente em uma determinada região. Essas variações são uma parte intrínseca da identidade cultural de um grupo de falantes e desempenham um papel significativo na construção das identidades individuais e coletivas. Os sociolinguistas estudam os regionalismos na fala para entender a relação entre língua, sociedade e identidade. Essas investigações contribuem para o conhecimento sobre a variação linguística e as diferentes formas de expressão encontradas em contextos regionais.

O falar cuiabano é um exemplo relevante a ser discutido, visto que é um dialeto que surgiu historicamente pela fusão das influências europeias e indígenas. Esse falar representa uma expressão de linguagem extremamente significativa para a formação étnico-cultural e social do povo mato-grossense. Embora tenha sido reconhecido como patrimônio imaterial do Estado de Mato grosso e protegido pelo poder público em 22 de abril de 2013 — conforme publicado no Diário Oficial do Estado¹, de modo a evitar o risco de desaparecimento — tem se tornado cada vez menos comum no cotidiano popular. Sua maior preservação pode ser observada nos grupos folclóricos, nas toadas do cururu, nas danças do Siriri e em algumas cidades e vilarejos do estado.

A partir dos estudos de Castilho (2008), entendemos que o Cururu é uma manifestação folclórica com origem ligada à religiosidade. Essa prática é frequentemente realizada em festas

¹ Disponível em: <https://www.tjmt.jus.br/Noticias/52176#.X4yzodBKIM8>. Acesso em: 20 fev.2022.

de santos, em que os músicos (tocadores) se reúnem em um círculo. Em seguida, iniciam o festejo com passos que começam simples, no ritmo de uma cantoria, e vão se intensificando ao longo da noite. Nesse sentido, o cururu é classificado em duas vertentes: Sacra e Profana.

A vertente "Sacra" está relacionada a aspectos religiosos e espirituais. Nessa forma de cururu, as toadas (canções) são compostas com temáticas que abordam a religiosidade, como a devoção a santos, histórias bíblicas, fé e espiritualidade. O cururu sacro é frequentemente executado em festividades religiosas, como as festas de santos padroeiros, romarias e celebrações religiosas específicas. Essa vertente do cururu pode ter influências da música sacra e tradicional das regiões onde é praticada. Por outro lado, a vertente "Profana" do cururu está relacionada a temáticas secularizadas e festivas. Nesse caso, as toadas podem abordar temas como a vida cotidiana, o amor, as festas populares, histórias engraçadas, críticas sociais ou até mesmo contar histórias locais e lendas. (CASTILHO, 2008).

Por ser uma manifestação artística, cultural e social, o Cururu é uma expressão popular que mistura dança e música, toadas e repentes, tradição e resistência. Essa prática retrata a formação histórico-social do país fundamentada na miscigenação entre europeus, africanos e povos originários. Torna-se pertinente destacar que o Cururu é uma manifestação típica de comunidades rurais e ribeirinhas, encontradas principalmente nas regiões Centro-oeste e Sudeste, com destaque aos estados de Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais e São Paulo. Como manifestação cultural, o Cururu, apresenta singularidades estruturais em cada região onde é praticado, como variações de ritmo, instrumentação musical, estilo de fala, entre outros (CANDIDO, 1999).

Ao considerar essas questões de ordem contextual, esta pesquisa debruçou-se sobre as toadas do Cururu realizadas no estado de Mato Grosso, especificamente na região Sudoeste, por meio da identificação e análise das manifestações dos cururueiros da cidade ribeirinha de Cáceres, localizada aproximadamente a 240 quilômetros da capital Cuiabá. Na concepção mato-grossense, a musicalidade do cururu é expressa por meio de instrumentos como a viola de cocho, o ganzá, o adufo, o mocho e o tamborim. A manifestação linguística ocorre por meio do estilo ribeirinho do falar cuiabano/mato-grossense, que às vezes pode ser incompreensível para pessoas de outras regiões do Brasil, devido à composição estrutural dos versos e à velocidade com que são cantados, obedecendo à evolução rítmica definida pelos tocadores.

Nesse contexto, reconhecemos que o falar cuiabano tem suas raízes na história do território mato-grossense, remontando ao período das capitânicas hereditárias, quando a descoberta de ouro nas margens do Rio Coxipó resultou no estabelecimento de um arraial que,

ao longo do tempo e da história, tornou-se a cidade de Cuiabá, atual capital do Estado de Mato Grosso.

Ao estudar as características da evolução linguística, bem como a evolução social de uma determinada região, ou país, é evidente que em cada época há um estilo diferente de fala. Assim, o mesmo idioma/língua pode apresentar variações de pronúncia e estrutura que refletem as necessidades e realidades da época em que coexistam. O próprio Português de Portugal tem suas origens no caldeamento que ocorreu na península ibérica. Contudo, ao ser introduzido no Brasil, assumiu características singulares, despontando como uma língua própria. Por conta disso, acreditamos que a língua traduz a essência de seus falantes e assume características que subsidiam as necessidades dos grupos em que é falada.

A partir do exposto, estabelecemos como objetivo geral deste estudo:

- ✓ Analisar em que medida o processo de variação linguística no contexto das Toadas do Cururu mato-grossense, especificamente com cururueiros da cidade de Cáceres-MT, resiste às transformações socioeconômicas e às evoluções dos estilos de falas, considerando o regionalismo dentro da estruturação e da tentativa de padronização do Português como língua oficial.

Em consonância com o objetivo geral, acrescentamos como objetivos específicos:

- ✓ Analisar o preconceito linguístico existente em relação ao processo de variação linguística nas toadas de cururu mato-grossense.
- ✓ Identificar de que forma a incidência desses preconceitos, no caso do “Linguajar Cuiabano” ou do “Linguajar mato-grossense”, tem afetado a continuidade desses grupos e, conseqüentemente, a resistência e a prevalência do estilo de fala ribeirinha – o linguajar.
- ✓ Demonstrar que o estilo de fala nos proporciona um espelho as origens históricas de um povo, com intuito de fortalecer e valorizar sua existência.

Com base nessas delineações, é importante destacar que a temática e o objeto da pesquisa possuem justificativa tanto em aspectos pessoais quanto profissionais da pesquisadora.

Por ser natural do Rio Grande do Sul, região onde a cultura sulista e tradições são fortemente incentivadas desde à infância pelos Centros de Tradição Gaúchas - CTG, e filha de militar observei várias diferenças no falar mato-grossense quando eu e minha família chegamos a capital Cuiabá, no ano de 1988.

No Estado, as colônias gaúchas continuaram incentivando suas culturas por meio dos Centros Mato-grossenses de Tradição Gaúcha – CMTG. Nessa época, meu noivo e eu, por termos conhecimentos sobre danças gaúchas e uma boa base de dança de salão, fomos convidados a ensinar danças gaúchas no CMTG Bento Gonçalves. Posteriormente, recebemos o convite para realizar o mesmo trabalho no interior do estado, no CMTG Vaqueanos do Pantanal, em Cáceres, a 240 km da capital.

Nos trabalhos no CMTG cacerense, conduzimos três grupos organizados por faixa etária: infantil, juvenil e adultos. Recebemos um convite para representar o Estado de Mato Grosso em um festival internacional de folclore em Passo Fundo – RS. Para tanto, precisávamos compartilhar danças folclóricas típicas do estado. Como não tínhamos conhecimento de tais danças, buscamos encontrar onde elas eram executadas, com o intuito de identificar grupos para colaborar com a missão de representatividade.

Nesse cenário, conseguimos parceria com um grupo local e iniciamos uma imersão nos estudos da cultura mato-grossense para representá-la com fidelidade na linguagem artística da dança. Ao final do festival, recebemos um convite para participar de outros eventos culturais no território brasileiro. Além disso, críticas construtivas foram feitas para a melhoria de nossas apresentações nos futuros espetáculos. Em um primeiro momento, observamos que tais danças eram executadas em festejos, em sua maioria religiosos, por pessoas com idade mais avançada. Verificamos que não havia uma preocupação com sequências lógicas coreográficas, pois, as execuções eram livres e intuitivas, guiadas pelos tocadores e dançarinos.

Após um árduo trabalho de estudo, parcerias e esforços, surgiu o Grupo Artístico Cultural e Meio Ambientalista de Projeção Folclórica Chalana. Desde o início, o grupo se destacou nas apresentações devido às coreografias bem elaboradas, aos figurinos leves e coloridos e à música com sonoridades mais nítidas. Como resultado do bom desempenho e da notoriedade, surgiram ao longo dos anos vários convites para participar de festivais internacionais. Uma apresentação do grupo realizada na TV Centro América pode ser visualizada no Qr-code a seguir:

Figura 1: Qr-code de acesso ao vídeo



Fonte: Globoplay (2013, *online*)

Até o momento, o grupo visitou mais de 20 países em diversos festivais. Torna-se pertinente destacar que, em decorrência das ações culturais do Chalana, dezenas de outros grupos surgiram como reflexo deste trabalho e trilharam o mesmo caminho de levar o nome do Estado e do país aos quatro cantos do mundo, como é o caso, por exemplo, do Grupo Tradição.

Apesar dos grandes feitos e do potencial simbólico para a cultura mato-grossense, percebemos uma falta de valorização por parte dos mais jovens em relação às suas raízes, principalmente no que diz respeito ao cururu, uma manifestação cultural que se traduz por uma competição entre tocadores que, munidos de suas violas, cantam e dançam seus desafios em toadas, com a simplicidade característica do falar pantaneiro. Essa forma de falar é marcada por uma linguagem mais direta, espontânea e despojada, com o uso de expressões regionais e uma entonação peculiar. O falar pantaneiro precisa ser valorizado por transmitir autenticidade e identidade cultural que reflete a vivência e a relação dos pantaneiros com o ambiente natural e as tradições da região.

Para elucidar esta simplicidade, recorremos a um trecho da música: " tchá prá velha, tchá pra velha, a velha tá pra morre", utilizada nas primeiras apresentações do grupo Chalana e que, por conta do ritmo acelerado, era erroneamente entendida pelos dançarinos e integrantes do grupo como: Chapéu velho, chapéu velho, à velha tá pra morre". A falta de clareza na pronúncia ou na articulação das palavras, aliada à velocidade em que eram cantadas, pode ter contribuído para a confusão na sua compreensão. Esses equívocos podem ocorrer em situações em que a pronúncia não é claramente audível ou quando palavras com sons semelhantes são utilizadas, resultando em uma interpretação errônea por parte dos ouvintes.

Ao longo dos anos de trabalho com jovens e adolescentes no ramo da dança folclórica, temos observado uma resistência quase intransponível em relação à execução do cururu. Essa resistência se manifestava por meio de justificativas que envolviam o uso de adjetivos pejorativos, como “feia”, “dança de velho”, entre outros. Além disso, sempre houve piadas que ridicularizavam a falta de entendimento das letras.

No entanto, é importante destacar que o "falar cuiabano" está sujeito a mudanças e influências, assim como qualquer variedade linguística. Embora tenha suas raízes histórico-culturais preservadas, o idioma falado em Mato Grosso também passou por processos de evolução e padronização do Português, que são fenômenos naturais em uma sociedade em constante transformação. Mato Grosso, com sua localização central na América Latina, possui uma riqueza e diversidade de particularidades que ainda mantêm as tradições e costumes que remetem às origens da miscigenação brasileira.

Essas características são evidenciadas na cultura, na música, na dança e no próprio modo de falar dos mato-grossenses. É importante ressaltar que a preservação das tradições e costumes não implica em um congelamento da língua, mas sim na valorização das peculiaridades linguísticas que refletem a identidade e história da região. Dessa forma, a evolução da língua não significa necessariamente uma perda das características culturais, mas sim uma adaptação e integração das influências linguísticas que se fazem presentes no contexto atual.

Contudo, essas características têm sido associadas à ideia de viver apenas pela força da tradição, sendo considerada pela juventude como um “linguajar de velhos”. Isso é especialmente perceptível na execução do Cururu, que é realizado por grupos de homens mais velhos. Com relação a esse falar, apoiamo-nos nas palavras de Assis-Peterson (2005, p.188) quando diz que:

[...] é um sotaque muito carregado, “ um falar um pouco arrastado, puxado, assim meio, que dolente”, “ a entonação de voz é muito forte nas frases”, “ tem um sotaque pesado”, “ sotaque forte”, “é rasgado, puxado”. Que dizer, o linguajar cuiabano entra pelos ouvidos, mas não entra sempre de modo suave e leve. Ele é pesado, arrastado, carregado. A entonação pesada é cunhada por meios de traços fonológicos peculiares de ‘tchê’ e ‘djê’, salientes e persistentes em palavras como ‘tchuva’, ‘petche’, ‘ matchitche’, ‘cotchipó’, ‘tchá com bolo’, ‘tchapa e cruz’, “tchó, pintcha fora”, ‘ cadju’, ‘ djeito’,etc. Outros sons também apoquentam os ouvidos: ‘ amanhon’, ‘ atençon’, ‘ bicicreta’, ‘ bassora’ (mas no interior de São Paulo também o pessoa fala “bassora”, “ bamo barrê e “bicicreta”), etc. O ‘ esse’ chiado, espesso de “escola”, “ meus pais”, “ demais de bom” não soa como o do paranaense ou paulista, mas lembra o “esse” do português de Portugal e do carioca. O som do ‘tê’ em “titia”, sem o chiado carioca. O ‘erre’ que não é nem o ‘erre’ do carioca, nem do mineiro e nem do paulista. Um “erre mudo”. (ASSIS-PETERSON, 2005, p.188).

Como se pode verificar no excerto, há, no imaginário popular, uma concepção equivocada do falar Cuiabano, sendo visto como “pesado”, “forte”, “Puxado”. Essas percepções são resultado de estereótipos linguísticos que podem surgir devido a uma série de fatores, como a exposição a representações caricaturais em meios de comunicação, a falta de contato direto com a variedade linguística ou mesmo a influência de preconceitos linguísticos internalizados. É importante ressaltar que tais percepções estão distantes da realidade linguística e não refletem de forma precisa a natureza do falar cuiabano que, assim como qualquer variedade linguística, possui suas particularidades e características próprias, que podem ser influenciadas por diversos fatores históricos, culturais e sociais.

No entanto, isso não significa que seja intrinsecamente "pesado", "forte" ou "puxado". É necessário desconstruir esses estereótipos e compreender que a diversidade linguística é uma manifestação natural da riqueza cultural de um país. Cada variedade linguística tem suas peculiaridades e contribui para a diversidade e a identidade linguística do Brasil. É importante valorizar e respeitar todas as formas de expressão linguística, reconhecendo que não existe uma variedade "superior" ou "inferior", mas sim uma multiplicidade de formas válidas de comunicação.

Nesse sentido, esta pesquisa é relevante pois poderá promover a desconstrução de paradigmas alinhados ao preconceito linguístico, bem como uma compreensão mais ampla acerca do processo de variação linguística no contexto das toadas de Cururu em Cáceres-MT, em contraste com a padronização do Português Brasileiro frente ao regionalismo.

Essa pesquisa está organizada em 5 capítulos. No primeiro, detalhamos os pressupostos teóricos da sociolinguística com foco em algumas discussões específicas, como a teoria da variação e mudança e o preconceito linguístico. No segundo, realizamos um percurso histórico sobre Mato Grosso e a origem do falar cuiabano. Em seguida, no terceiro, versamos acerca da história do cururu. No quarto, descrevemos a metodologia adotada para a obtenção dos dados e, por fim, tecemos a análise dos dados.

CAPÍTULO I - SOCIOLINGÜÍSTICA

1.1 Sociolinguística: pressupostos teóricos e conceituais

Em uma tradução literal, o termo “Sociolinguística” pode ser entendido como uma vertente da linguística que se dedica aos estudos das relações entre a língua e a sociedade, com ênfase ao comportamento linguístico dos membros de uma comunidade de fala. Assim, esse campo de estudos busca compreender em que medida os aspectos das relações sociais, culturais, econômicos, entre outros, afetam e moldam a comunicação entre os falantes. Nessa senda, recorreremos às palavras de Bortoni-Ricardo (2019, p.11), por reconhecer a sociolinguística como uma ciência interdisciplinar e autônoma, que:

[...] teve início em meados de século XX, embora haja vários linguistas que, muito antes dos anos 1960, já desenvolviam em seus trabalhos teorias de natureza claramente sociolinguística, como é o caso de Meillet [1866-1936], Bakhtin [1895-1975] e membros do Círculo Linguístico de Praga. Esses são pensadores que levavam em conta o contexto sociocultural e a comunidade de fala em suas pesquisas linguísticas, ou seja, não dissociavam o material da fala do produtor dessa fala, o falante-pelo contrário, consideravam relevante considerar relevante examinar as condições em que a fala era produzida.

De maneira análoga ao excerto, Coelho *et al.* (2015, p.13) acrescentam que “a Sociolinguística é uma área da Linguística que estuda a relação entre a língua que falamos e a sociedade em que vivemos”. Linguística, por sua vez, verte-se a ciência que se ocupa pelo estudo dos fatos de linguagem, através do entendimento de seus aspectos fonéticos, morfológicos, sintáticos, semânticos, sociais e psicológicos, tendo como precursor o Linguista suíço Ferdinand de Saussure. Assim, Coelho *et al.* (2012, p.13) discorrem que “para Saussure, a linguística tem por único e verdadeiro objeto a língua considerada em si mesma e por si mesma”.

Por outro ângulo, Schmidt (2015), baseada na concepção de língua para sociolinguística, afirma que ela é de natureza dinâmica, viva, variável e heterogênea, estando sujeita a variações e mudanças decorrente do seu uso nas interações sociocomunicativas. Dessa forma, “são os falantes, em sociedade, que mudam a língua – o que justifica a indissociabilidade da língua com a sociedade, pois ambas se influenciam e se constituem.” (SCHMIDT, 2015, p. 360). De modo

complementar, Mollica (2003) reitera que o dinamismo é inerente às línguas naturais e, por conta disso, elas são heterogêneas.

Frente a esses posicionamentos, torna-se pertinente destacar que, no contexto da sociolinguística norte-americana, há uma estreita relação com a antropologia, sociologia, geografia e a linguística. Nesse sentido, a associação com a antropologia — também chamada de etnolinguística ou antropologia linguística — se deve ao fato de a sociolinguística entender a descrição e a análise da língua para incluir aspectos da cultura em que é usada. Portanto, reconhecemos nesse estudo que:

Deve-se ao sociolinguista Dell Hathaway Hymes [1927-2009] a proposta programática da tradição acadêmica que se tornou conhecida como Etnografia da Comunicação. Dell Hymes desenvolveu trabalhos na área de Linguística, Sociolinguística, Antropologia e Folclore. (BORTONI-RICARDO, 2019, p. 85).

De forma habilidosa, Dell Hymes, conseguiu reunir elementos dessas ciências para produzir as bases da Etnografia da Comunicação. Assim, para ele:

Mesmo as etnografias que temos, ainda que raramente focalizadas na fala, demonstram-nos que as comunidades diferem significativamente em relação aos modos de falar, aos papéis e significados da fala. Eles indicam diferenças quanto a crença, valores, grupos de referência, normas etc., na medida em que penetra nos sistemas corrente de uso da língua e em sua aquisição pelas crianças. (HYMES, 1974, p. 33).

De acordo com as observações de Hymes, compreender a humanidade requer levar em consideração sua maneira de viver, incluindo aspectos como idioma, origem étnica, religião e costumes. É importante também analisar a forma como ela evolui e preserva sua diversidade etnográfica. (BORTONI-RICARDO, 2019). O adjetivo “etnográfico”, valorizado por Hymes, advém do termo “etnografia”, um costume sábio incluído na antropologia nos finais do século XIX, cuja denominação advém dos radicais gregos *ethnoi*, que significa “os outros”, “os bárbaros”, “os não gregos”) e *graphos* que, significa escrito. Os etnógrafos, ao conduzir suas pesquisas, participavam da vida diária da comunidade, observando a vida diária, para desvelar todas as características culturais, foco de estudo. (BORTONI-RICARDO, 2008).

Nesse âmbito, encontra-se a corrente denominada “Sociolinguística Interacional”, uma vertente mais tardia que a Sociolinguística variacionista, e a Etnografia da comunicação (BORTONI-RICARDO, 2019, p.145). Figueroa (1994) complementa que:

[...] a Sociolinguística Interacional é um campo interdisciplinar caldatário de múltiplos avanços dos estudos sociolinguísticos, e que mantém laços com a Linguística suprasegmental e com a prosódia, empregadas na tradição de estudos de coerência discursiva. John Gumperz a via dissociado da Etnografia da comunicação de Dell Hymes, a que ele aderiu em seus trabalhos iniciais, como o que já foi descrito no capítulo anterior, e da Sociolinguística laboviana que, para ele não se detinham no comportamento individual, na comunicação face a face. A principal distinção que Gumperz faz entre a Sociolinguística interacional e a Sociolinguística laboviana é constitutiva da realidade social. Segundo este pensador, a ordem, a estrutura etc, não são pré-determinadas, mas constituem-se na própria interação, baseadas em um conjunto complexo de fatores materiais, experienciais e psicológicos. (FIGUEROA, 1994, p. 113).

Como se pode verificar, a Sociolinguística Interacionista leva em consideração as diferenças individuais dos falantes, o assunto, entre outros aspectos, no estudo dos diálogos. A interseção com a sociologia resulta na conhecida sociologia da linguagem, uma área que investiga a relação entre os aspectos do comportamento humano, considerando o uso da língua, o comportamento social e linguístico, e o uso em relação à língua e seus usuários.

A Sociolinguística é uma evolução dos estudos realizados no seio da Linguística Moderna inaugurada por Ferdinand de Saussure, a partir de seu livro “Curso de Linguística Geral”. O contexto em que essa obra foi produzida ficou conhecido como Estruturalismo e a língua—objeto da linguística— era investigada em si mesma, separada dos fatores externos. Essa perspectiva foi sustentada por diversas dicotomias. Frente a essas considerações epistemológicas, Saussure (1916, p. 38) estabelece a distinção entre língua (*langue*) e fala (*parole*), pois, para ele:

A língua existe na e para a coletividade. É um produto social da faculdade da linguagem e um conjunto de convenções necessárias adotadas pelo corpo social, a fim de permitir o exercício desta faculdade entre os indivíduos. A língua é, portanto, uma instituição social e específica.

A partir desse ponto de vista, a língua é caracterizada como homogênea e social, “cuja existência se funda nas necessidades da comunicação.” (SAUSSURE, 1916, p. 151). Por outro

lado, o autor acrescenta que a fala é um ato individual, distinguindo-a do que é social. Para ele a fala é:

[...] um ato individual de vontade e de inteligência. [...] É o lado executivo [da linguagem] fica, pois, fora de causa, porque a execução não é jamais o fato da massa; ela é individual e o indivíduo é sempre senhor; nós a chamaremos de fala. (SAUSSURE, 2006, p. 38).

O pensamento saussuriano, apesar de não considerar os fatores externos à língua, contribuiu fortemente para a evolução dos estudos linguísticos contemporâneos, como a sociolinguística. Nessa seara de estudos, Dubois *et al.* (1993, p. 261) afirmam que “a fala é uma função não instintiva, mas adquirida, uma função da cultura. Se o indivíduo fala, comunica sua experiência, suas ideias, suas emoções, ele deve esta faculdade ao fato de ter nascido no seio de uma sociedade. ”

De modo complementar, MCâmara Jr. (1975, p. 268) enfatiza que “a língua é uma parte da cultura, mas uma parte que se destaca do todo e com ele se conjuga dicotomicamente [...], é o resultado dessa cultura, ou, em sùmula, é o meio para ela operar, é a condição para ela subsistir”. Ferreira e Cardoso (1994, p.17) em menção ao pensamento do dialetólogo espanhol Garcia de Diego afirmam que “a língua é não só um complexo mosaico de dialetos regionais, mas também uma superposição de dialetos sociais”.

Como podemos observar, a compreensão de uma língua requer a consideração de fatores externos. Nesse sentido, várias áreas estão alinhadas à sociolinguística, como a Geografia linguística, dialetologia ou geolinguística, que se dedicam ao estudo e à elaboração de atlas linguísticos. Esses atlas analisam a relação entre língua e espaço. No Brasil, já existem estudiosos que se dedicam a esses estudos e à criação desses atlas, sendo um exemplo o Atlas linguístico do Brasil (ALIB). O objetivo do ALIB é retratar a realidade linguística e traçar a divisão dialetal do país, destacando as diversidades regionais. Essas pesquisas de campo mapeiam dados, identificam e delimitam os traços dialetais.

Sem dúvida nenhuma, os mapas linguísticos são de extrema importância para descrever a realidade linguística, traçar divisões dialetais, conhecer de forma evidente as diferenças regionais por meio do mapeamento das regiões. Nelson Rossi (1967), o grande pioneiro desses estudos, declara que:

Hoje não precisa de mais do que bom senso e isenção para compreender que eles (os atlas) permanecem como uma das maiores conquistas da Linguística do século XX, mas padecem, como qualquer outro instrumento de trabalho resultante de qualquer outro método, das suas limitações. Dizem muito, dizem mais do que seria possível dizer por outro processo conhecido, valem pelo que permitem dizer a partir deles com segurança e objetividade, mas não dizem tudo. Permitem ver muito em extensão, mas com o sacrifício da profundidade e do pormenor, embora como inventário preliminar constituam o ponto de partida mais seguro para o aprofundamento dos estudos mais exaustivos de áreas menores(...) com dados (...) colhidos ao vivo, que frequentemente contrariam todos os pressupostos apriorísticos. (ROSSI, 1967, p. 93).

Na mesma linha, declarou Manuel Alvar (1958) que:

O grande interesse do atlas está na grande massa de materiais que oferece agrupados; penso sobretudo nas múltiplas surpresas que oferece. (...). As descobertas feitas por um atlas são como brechas numa muralha: através das fendas será possível penetrar no ignorado(...). (ALVAR, 1958, p. 85)

Como se pode ver, os atlas linguísticos são instrumentos valiosos que proporcionam um panorama amplo e um ponto de partida sólido para a pesquisa linguística, mas é necessário estar ciente de suas limitações e complementá-los com outros métodos de investigação para uma compreensão mais completa e profunda da diversidade linguística.

Nesta prerrogativa, é possível direcionar o entendimento de que a sociolinguística abrange questões que versam sobre a variação e as mudanças, as interações linguísticas, os espaços que línguas ocupam, a confluência de duas ou mais línguas, planejamentos e/ou políticas que se ocupam de pautas linguísticas, entre outras questões que envolvem a língua(gem) no seio da sociedade. Os estudos referentes aos dialetos tiveram início no século XIX. A Dialetoлогия, ramo dos estudos da ciência da linguagem, surgiu a partir do interesse dos linguistas em registrar e descrever as variedades linguísticas regionais e a preocupação em resgatar dados e documentação referentes aos diferentes estágios da língua.

A partir do surgimento da sociolinguística na década de 60, os estudos acerca dos dialetos experimentaram uma abordagem renovada, passando a considerar a relação entre a linguagem e diversos fatores sociais. Esses fatores abrangem características como gênero, faixa etária, natureza do discurso e nível social. Além disso, a sociolinguística viabiliza a realização de pesquisas com uma variedade de participantes, tanto em áreas urbanas quanto rurais, e engloba um amplo espectro de indivíduos dispostos a contribuir com seus conhecimentos. (MACÊDO, 2012). Alguns conceitos iniciais de Dialetoлогия e Sociolinguística, segundo Borba

(1976, p. 31) referem-se à Dialectologia como uma ciência que representa “o estudo dos sistemas linguísticos em suas variações geográficas ou sociais”.

Coseriu (1982, p. 12), por sua vez, afirma que

A Dialectologia tem como centro de interesse estudar as unidades sintópicas e sobretudo a diversidade diatópica, enquanto caberia à sociolinguística o estudo das unidades sinstráticas e a diversidade diastrática, ficando com a estilística as unidades sinfásicas e a diversidade diafásica.

Muitos usam a terminologia Dialectologia, como sendo sinônimo de Geografia Linguística. Porém, Dubois *et al.* (1993, p.185) alertam que essa é:

a disciplina que assumiu a tarefa de descrever comparativamente os diferentes sistemas ou dialetos em que uma língua se diversifica no espaço, e de estabelecer-lhe os limites. Emprega-se também para a descrição de falas tomadas isoladamente, sem referência às falas vizinhas ou da mesma família.

De acordo com Dubois *et al.* (1993), a Dialectologia aborda dois aspectos principais: a diversidade detalhada da língua e a delimitação geográfica de uma determinada fala, que pode ser isolada, sem considerar ou ter cuidado com os dialetos próximos, ou que pertença à mesma família linguística. Por sua vez, Cardoso (2010, p. 15) define a Dialectologia como “um ramo dos estudos linguísticos que tem como objetivo identificar, descrever e situar os diferentes usos em que uma língua se diversifica, levando em conta sua distribuição espacial, sociocultural e cronológica”.

Inicialmente, a Dialectologia estava preocupada com questões diatópicas (geográficas), mas posteriormente houve a necessidade de combinar os fatores geográficos com os fatores sociais. Assim, tanto a Dialectologia quanto a Sociolinguística contribuem, cada uma dentro de sua competência, habilidades e referencial teórico específico ou método de estudo utilizado para cada finalidade.

Quando estudamos uma língua, é importante considerar as variações linguísticas. Portanto, Preti (1994) alega que, mesmo que um grupo apresente homogeneidade, é impossível que dois de seus falantes produzam enunciados idênticos, tanto lexicalmente quanto fonologicamente. No entanto, isso não diminui ou desqualifica o valor dos estudos sociolinguísticos. Por conta disso, o autor relaciona o estudo da linguagem a dois grandes campos: as variedades geográficas ou diatópicas e as variedades socioculturais ou diastrática. A variedade geográfica ou diatópica, ocorrem num nível local, nas diferentes regiões

geográficas ou regionalismo; A variação diastrática está relacionada ao falante ou ao grupo a que pertence (faixa etária, sexo, profissão, posição social, grau de escolaridade. Diferenças que ocorrem dentro de uma mesma comunidade ou grupo. A exemplo temos as gírias, os jargões e o linguajar caipira e a variedade Diafásica, que são variações que dependem do contexto comunicativo, formal ou informal.

Porém, Preti (1994) coloca que é difícil delimitar os limites entre a fala formal e informal de forma precisa, apesar de, já muitos linguistas terem tentado criar subdivisões para tal. Para o autor, seria interessante haver contribuições de vários autores, correspondendo a um dialeto social comum. Para Bagno (2007) e Bortoni-Ricardo (2004), os falantes variam seu modo de falar propositalmente, conforme a necessidade e a situação.

Diante desses aspectos, podemos considerar que em um determinado dialeto podem ocorrer diferenças socioculturais e de estilo. No caso das diferenças relacionadas às faixas socioculturais, como no uso da linguagem culta, é importante destacar que também podem existir diferenças regionais e de estilo. Nessa ótica, concordamos com Cardoso e Ferreira (1994) ao afirmarem que:

[...] os falantes de uma mesma língua, mas de regiões distintas, têm características linguísticas diversificadas e se pertencem a uma mesma região também não falam da mesma maneira tendo em vista os diferentes estratos sociais e as circunstâncias diversas da comunicação. (CARDOSO; FERREIRA, 1994, p. 12).

Como se pode ver, a diversidade linguística é presente na comunicação entre os falantes de uma mesma língua, mesmo que sejam provenientes de regiões diferentes. Cardoso e Ferreira (1994) sugerem que esses falantes compartilham características linguísticas diversificadas, indicando que os diferentes contextos regionais influenciam o modo como a língua é utilizada e adquirida. Por conta dessas nuances, a pertença a uma mesma região não garante uma uniformidade na forma de falar, pois fatores sociais, como estratos sociais e circunstâncias de comunicação, também desempenham um papel significativo na variação linguística. Essa perspectiva evidencia a natureza dinâmica e multifacetada da linguagem, demonstrando como ela se adapta e se molda às características individuais e sociais dos seus falantes.

1.2 Entendendo os Aspectos da Fala

Segundo a crença cristã, Deus (criador de tudo e todas as coisas), na gênese do mundo, primeiro criou o verbo e do verbo a criação do mundo. Se ampliarmos o olhar para a história das outras religiões, haverá sempre um princípio em que a fala se torna ponto primordial da existência. Logo, é possível elucidar, pelos preceitos religiosos, o fato de que a fala é inerente à interação social do homem e concomitante à constituição das civilizações. A figura 2 ilustra o mito da Torre de Babel, um episódio em que a língua (gem) foi elemento fundamental.

Figura 2: Torre de Babel



Fonte: Lorenzetto (2016, *online*)

De acordo com o livro bíblico de Gênesis, o mito da Torre de Babel é baseado em um episódio de segmentação da língua em que cada civilização assumiu uma característica particulares na fala, dando origem às línguas do mundo. Esse episódio é comentado pela sociolinguista Bortoni-Ricardo quando diz que:

No livro do Gêneses, logo após a descrição do dilúvio, o capítulo XI ocupa-se da Torre de Babel. Segundo as escrituras, na Terra “não havia senão uma mesma língua e um mesmo modo de falar”. Vindos do Oriente, os homens ocuparam a Terra de Sinear, na Babilônia, e ali decidiram construir uma cidade e uma torre, que chegasse até o céu e os tornasse celebres. O Senhor, porém, para punir-lhes a arrogância, decidiu confundir-lhes a língua, de tal maneira que uns não entendessem os outros e os dispersou por toda a superfície da Terra. À torre inacabada chamou-se Babel, termo que ainda hoje é usado metaforicamente para indicar desentendimento pela falta de inteligibilidade entre modos de falar. (BORTONI-RICARDO, 2019, p. 26).

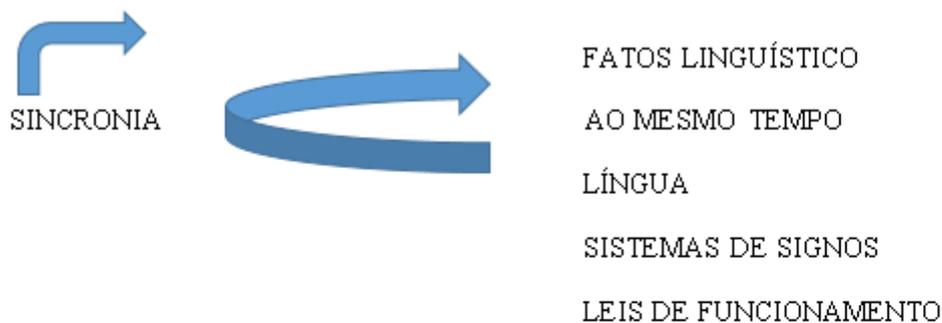
Seguindo esta linha de raciocínio, é possível compreender que, no percurso da história da humanidade, os estudiosos de todas as esferas religiosas ou científicas buscam entender e

explicar as singularidades da fala. Nesta pesquisa, entendemos a fala como um ato individual do falante que, por meio de sons e signos, transmite sentidos e sentimentos a um interlocutor, objetivando ser entendido e, conseqüentemente, estabelecer comunicação.

Entretanto, para chegar a essa constatação sobre a fala, precisamos revisitar o corte Saussuriano, especificamente os conceitos de sincronia e diacronia que entram em conflito na delimitação do objeto da linguística. Saussure (1916 [2006]), mostra-nos que delimitá-lo não é uma tarefa fácil, pois, diferente de outras ciências que têm seus objetos de estudo previamente delineados de modo que sejam possíveis diferentes pontos de vista, na linguística a ordem é invertida, pois a linguagem, é inerente ao homem, ela não se manifesta isoladamente do ser humano. Em sua celebre citação, o autor afirma que “bem longe de dizer que o objeto precede o ponto de vista, diríamos que é o ponto de vista que cria o objeto.” (SAUSSURE, 2006, p. 15).

Sob essa perspectiva, a língua é o objeto da linguística e a língua é um sistema de signos. Para entender as leis de funcionamento desse sistema é preciso descrever os sistemas que o compõe e esses elementos são essencialmente simultâneos e, portanto, sincrônicos. O método ideal para o estudo da linguística Saussureana é o método sincrônico da língua, como veremos no esquema a seguir:

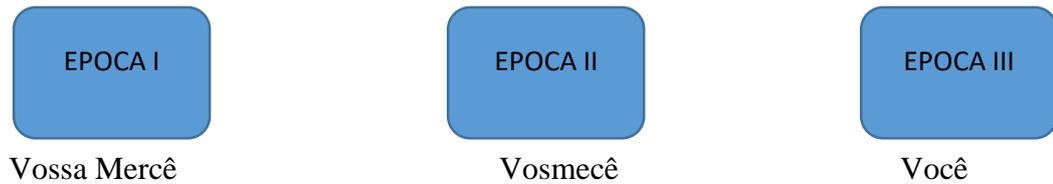
Figura 3: Diacronia x Sincronia



A sincronia é a descrição de uma língua num determinado tempo, sem considerar sua evolução histórica.

DIACRONIA → É a descrição de uma língua e das mudanças sofridas ao longo da sua história, ou de um período determinado dela.

↓
AO LONGO DO TEMPO



Fonte: criado pela autora (2023)

De modo geral, há um consenso de que a sincronia é respaldada por uma linguística e a Diacronia é baseada em linguística evolutiva. Saussure nos diz que:

O estudo de uma determinada fase da língua, tal como se faz na gramática expositiva, por exemplo, pode comparar-se a uma fotografia. Mas, a par dessa observação sincrônica, podemos encarar globalmente o conjunto das fases de uma língua, traçando-lhe a história, desde a origem até a fase atual. Trata-se, neste caso, de estabelecer uma série de cadeias, ou de sincronias, tarefa que lembra o desenrolar de um filme. Esse estudo diacrônico é indispensável ao conhecimento da língua. Ele ensina-nos de tudo: tocado pela sua varinha mágica, cada vocábulo nos conta a própria história, cada forma repassa por todas as metamorfoses – e, aos poucos, surgem na sua constância e regularidade as normas que presidiram à evolução do latim. [...] [em nota de rodapé: Essa diferença entre sincronia e diacronia foi estabelecida pelo linguista genebrino. (SAUSSURE, 1975, p. 63, grifo do autor).

Para o autor, todas as relações que são atribuídas à gramática estão inseridas na esfera da sincronia, uma vez que são os estados da língua que estabelecem essas diferentes relações que são relevantes para a gramática geral. No que diz respeito à Diacronia, Saussure pontua que:

[...] tudo quando seja diacrônico na língua, não o é senão pela fala. É na fala que se acha o germe de todas as modificações: cada uma delas é lançada, a princípio por um certo número de indivíduos, antes de entrar em uso. (SAUSSURE, 1975, p. 115)

Na diacronia, a língua é analisada como um produto de uma série de evoluções que ocorrem ao longo do tempo, isto é, como algo mutável, dinâmico e complexo. Para a noção saussuriana, é do aspecto diacrônico tudo que diz respeito às evoluções da língua e da ordem da sincronia tudo que está relacionado ao seu aspecto estático. Para Saussure (2006), sincronia está para “um estado de língua”, enquanto que diacronia está “para uma fase de evolução” O autor assevera que:

[...] essas duas ordens de fenômenos se acham em todas as partes estreitamente ligadas entre si, uma a condicionar a outra, acaba-se por acreditar que não vale a pena distingui-las. Cumpre reconhecer que a forma teórica e ideal de uma ciência nem sempre é a forma que lhe impõem as exigências da prática”. (SAUSSURE, 2006, p. 115).

Como se verifica no excerto, o autor sugere aos linguistas que se dediquem a apenas uma dessas dimensões, devido às dificuldades em se dedicar os estudos, ou campo teórico.

1.3 Conceitos Labovianos.

Antes de abordar especificamente a teoria de Labov, é interessante voltar no tempo e contextualizar os pressupostos teóricos e metodológicos dos principais linguistas do início do século XX, que, ao contrário da proposta de Saussure, adotaram uma concepção social da língua. Dentre vários autores, selecionamos Méillet (1866-1936), linguista francês, Marr (1865-1934) e Bakhtin (1895-1975), linguistas russos, por suas abordagens levarem em consideração a aproximação de suas discussões com a perspectiva sociolinguística adotada em nosso estudo.

Coelho *et al.* (2010) afirma que Antoine Meillet acreditava que a língua era caracterizada por sua natureza social e evolutiva. Em suas obras, ele defende que, sendo a língua um fenômeno social, a linguística é, portanto, uma ciência social. Além disso, ele argumenta que o único elemento variável que pode ser invocado para explicar a variação linguística e as mudanças sociais é o elemento social. De acordo com o autor, todas as variações nos aspectos da fala e, conseqüentemente, na língua, são resultantes de fatores sociais.

Coelho *et al.* (2010) acrescenta que, ao analisarmos as duas linhas de pensamento de Saussure e Meillet de forma comparativa, podemos dizer que, para Saussure, a relação entre a língua e a linguística externa, com seus fatores extralinguísticos, é o principal foco de estudo. Nesse sentido, ele diferencia a abordagem sincrônica da abordagem diacrônica. Por outro lado, Meillet busca explicar a linguística por meio de fatores históricos e sociais, estabelecendo uma associação entre as línguas internas e externas, buscando unir, e não diferenciar, o sincronismo e a diacronia.

No decorrer do início do século XX, posições relacionadas à língua se desenvolveram a partir das posições Marxistas. Nesse contexto, Nicolas Marr, linguista soviético, defendia que todas as línguas partiam de uma mesma matriz, ou seja, tinham o mesmo berço linguístico e a mesma origem. Por conseguinte, simbolizavam instrumentos de poder e segmentavam as

classes sociais (COELHO, 2010). Por esse viés, compreendemos que a língua se constituía em estágios que estavam intimamente relacionados às classes que instituíam a sociedade.

Partindo de outra perspectiva, Mikhail Mikháilovitch Bakhtin, filólogo, teórico de literatura e historiador da cultura russa, reunia-se com filósofos, poetas, cientistas, críticos de arte e literatura, escritores e músicos para discutir sobre assuntos relevantes para as ciências sociais, compondo o Círculo de Bakhtin. Entre 1920 e 1929, o Círculo produziu várias reflexões, no entanto, por questões políticas, membros do círculo foram perseguidos e desapareceram. Por conta disso, Bakhtin começou a trabalhar só e em silêncio, mesmo exilado na Sibéria (COELHO, 2010)

A linguagem, para Bakhtin, é uma prática social que tem na língua a sua realidade material. Para ele, a língua é entendida “não como um sistema abstrato de formas linguísticas à parte da atividade do falante, mas como um processo de evolução ininterrupto, constituído pelo fenômeno social da interação verbal, realizada através da enunciação, que é a sua verdadeira substância.” (BAKHTIN, 1986 [1929], p. 127).

A partir dessa perspectiva, o autor inaugura um caminho de reflexões férteis relacionadas à fala, que não é individual, se não social, visto que “a língua penetra na vida através dos enunciados concretos que a realizam” (BAKHTIN, 1997, p. 282). O autor reconhece o seu caráter dinâmico quando diz que “conforme a língua, conforme a época ou os grupos sociais, conforme o contexto presente tal ou qual objetivo específico, vê-se dominar ora uma forma, ora outra, ora uma variante, ora outra”. (BAKHTIN (1986 [1929], p 147):

O pensador russo enfatiza que as interações sociais são como uma intrincada teia de ideologias, onde a palavra desempenha um papel fundamental. Segundo ele, a palavra tem a capacidade de capturar as nuances transitórias e efêmeras das mudanças sociais, sendo o núcleo de todo discurso. Para Bakhtin, a palavra é o fenômeno ideológico supremo, onde toda a realidade da palavra é absorvida pela sua função como signo. Ele acredita que a palavra é a forma mais pura e sensível de interação social. Portanto, Bakhtin propõe uma reflexão intrigante sobre esse tema ao teorizar que:

Na realidade, não são palavras o que pronunciamos ou escutamos, mas verdades ou mentiras, coisas boas ou más, importantes ou triviais, agradáveis ou desagradáveis, etc. A palavra está sempre carregada de um conteúdo ou de um sentido ideológico ou vivencial. É assim que compreendemos as palavras e somente reagimos àquelas que despertam em nós ressonâncias ideológicas ou concernentes à vida. (BAKHTIN, 1986 [1929], p. 95).

As relações ideológicas presentes na língua, que foram evidenciadas pelo autor, são fundamentais para compreender a relação entre sujeito, linguagem, história e sociedade. Atualmente, seus estudos são essenciais nesse sentido, pois a enunciação reflete o verdadeiro fundamento dessa relação. Bakhtin, por meio da enunciação, resgatou o sujeito para o discurso e estabeleceu um processo de intersubjetividade no qual a identidade é reconhecida através do outro. Diante dessas considerações, é válido afirmar que o Círculo nunca restringiu suas concepções sobre a língua aos princípios da linguística tradicional. Para eles, a língua é a interação verbal que se manifesta por meio de enunciados precisos, produzidos por sujeitos situados historicamente e socialmente. Apesar das descobertas, o Círculo deparou-se com limitações teórico-metodológicas da linguística tradicional e procurou superá-las, elegendo o "discurso" como objeto de análise em vez da língua saussureana.

1.3.1 Teoria da Variação e Mudança Linguística: princípios básicos

É inevitável mencionar William Labov quando se trata de variação e mudança linguística. O autor nasceu em Nova Jersey, nos Estados Unidos, em 1927, e estudou inglês e filosofia na Universidade de Harvard. Durante esse período, também trabalhou como químico industrial em uma empresa de tintas. Labov afirma que essa experiência teve repercussões em seu trabalho linguístico quando ele retornou à vida acadêmica, pois desenvolveu uma forte crença na existência do mundo real (LABOV, 1997).

Em 1963, Labov concluiu sua pesquisa de mestrado sobre um caso de variação linguística na ilha de *Martha's Vineyard*, na costa leste dos Estados Unidos. Em 1964, obteve seu doutorado com uma pesquisa sobre a fala na cidade de Nova Iorque. Por meio de obras como "Fundamentos empíricos para teoria da mudança linguística", publicada em 1968 em coautoria com Weinreich e Marvim Herzog, e "Padrões Sociolinguísticos", publicada em 1972, Labov fez grandes contribuições para o campo da sociolinguística. Esses dois trabalhos foram fundamentais para estabelecer e consolidar seu novo programa de estudos, expandindo a pesquisa sobre a língua em seu contexto social, com foco especial na variação fonológica na língua inglesa.

Com um grupo de pesquisadores, na Universidade de Pensilvânia – EUA, Labov se destacou a partir de estudos investigativos relacionados à fala dos negros americanos, moradores da ilha de *Marta's Vineyard*, no município de Ducks, estado de Massachusetts,

escolhida como laboratório para uma investigação inicial relacionadas aos padrões sociais na mudança linguística.

A mudança estava relacionada a uma alteração na posição fonética dos primeiros elementos dos ditongos /ay/ e /aw/, nas diversas regiões, faixas etárias, grupos profissionais e étnicos dentro da ilha. Labov realizou seu estudo nesse contexto, pois:

[...] Martha's Vineyard tem a vantagem de ser uma unidade independente, separada do continente por umas boas três milhas (cerca de cinco quilômetros do oceano atlântico). Ao mesmo tempo, Vineyard é social e geograficamente complexa o bastante para oferecer amplo espaço à diferenciação do comportamento linguístico. Também temos a sorte de contar com os registros do Linguistic Atlas of New England (doravante abreviado LANE) como um pano de fundo para investigação. Já faz mais de trinta anos que Guy Lowman visitou Martha's Vineyard; suas entrevistas com quatro membros das velhas famílias da ilha nos dão uma base firme da qual partir e um lapso temporal de uma geração inteira, o que faz aumentar consideravelmente a solidez das conclusões que podem ser tiradas. (LABOV, 2008, p. 22).

Conforme mencionado pelo autor, os 6.000 habitantes da Ilha foram classificados em quatro grupos étnicos, sendo que três deles foram considerados como variáveis: ingleses (descendentes de famílias inglesas), portugueses (descendentes de famílias portuguesas) e indígenas (descendentes de indígenas). O quarto grupo consistia de veranistas, que não foram considerados para fins de análise, uma vez que essas pessoas não faziam parte das práticas sociais e linguísticas cotidianas da ilha. Sendo assim, Labov (2008) destaca a grande resistência frente aos veranistas, principalmente por parte dos moradores das áreas rurais, quando diziam:

Vocês que vêm para cá, para Martha's Vineyard, não entendem os costumes das velhas famílias da ilha... Costumes e tradições estritamente marítimos... E aquilo que nos interessa, o resto da América, essa parte do outro lado aqui da água que pertence a vocês e com quem nós não temos nada haver, se esqueceu completamente[...] Acho até que usamos um tipo de língua inglesa totalmente diferente... Pensamos diferente aqui na ilha... É quase uma língua separada dentro da língua inglesa. (LABOV, 2008, p. 49).

A partir dessa discussão, podemos notar claramente um processo conflitante entre os moradores da Ilha e os veranistas vindos da América, por não compreenderem e não reconhecerem os valores e as tradições locais. Os estudos desenvolvidos por Labov sustentam a tese de que a língua está intimamente relacionada à identidade. Isso se dá, pois, o autor

identificou alterações, como centralizações na posição fonética dos ditongos /ay/ e /aw/, na comunidade de fala da Ilha de *Martha's Vineyard*, demonstrando-se não somente um processo de resistência afetiva, mas, também, um movimento de conservação da identidade linguística local.

As ideias de Labov dialogam com a perspectiva de Stuart Hall (2016), pois, para o autor a linguagem é muito mais que um sistema de comunicação, ela é um repositório de valores e significados culturais. Assim, a língua é um elemento imprescindível para demarcar quem somos, de onde viemos e no que acreditamos.

A língua carrega a cultura, e a cultura carrega, particularmente através da oratura e da literatura, todo o corpo de valores pelos quais vimos a perceber a nós mesmos e nosso lugar no mundo. Como as pessoas percebem a si mesmas afeta como elas vêem a sua cultura, suas políticas, sua produção social de riqueza e toda a sua relação com a natureza e os outros seres. A língua é, portanto, inseparável de nós mesmos como uma comunidade de seres humanos com uma forma e um caráter específicos, uma história específica, uma relação específica com o mundo. (NGUGI WA THIONG'O, 1997, p. 16)

Em seu segundo grande estudo realizado em 1964, Labov investigou a estratificação social do inglês em Nova York, a partir do qual fixou um modelo de descrição e interpretação do fenômeno linguístico no contexto social de comunidades urbana – conhecido como Sociolinguística Variacionista ou Teoria da Variação. Ainda que a Teoria da Variação e Mudança seja conhecida como representante da Sociolinguística, inicialmente, Willian Labov não tinha a intenção de fundar uma subárea dos estudos linguísticos, mas sim uma alternativa para a linguística “padrão”². A ideia era promover a revisão de alguns princípios dos padrões teórico-metodológicos. Portanto, na obra “Padrões sociolinguístico” Labov (1972) diz:

Os tópicos linguísticos a serem considerados aqui cobrem a área normalmente chamada de “linguística geral”, que lida com fonologia, morfologia, sintaxe e semântica. As questões teóricas a serem levantadas também farão parte da categoria da linguística geral. Estaremos preocupados com as formas das regras linguísticas, sua combinação em sistemas, a coexistência de vários sistemas e a evolução destas regras e sistemas com o tempo. Se não houvesse necessidade de contrastar este trabalho com o estudo da língua fora de seu contexto social, eu preferiria dizer que se trata simplesmente de Linguística. (LABOV, 2008 [1972], p. 216).

² Do inglês *received linguistics*, conceitua “as premissas científicas normais sobre o objeto da investigação linguística, os valores centrais da linguística, em relação aos quais a sociolinguística é normalmente colocada na periferia”. (FIGUEROA, 1994, p. 10).

Em uma entrevista concedida no ano de 2007, Labov manteve a mesma posição sobre o objetivo das suas discussões no campo da linguística. Ele disse que a área segue em direção a indagações comuns acerca da configuração e transformação da língua, e está estreitamente relacionada com questões da teoria linguística. Ou seja, é papel do sociolinguista aprofundar o entendimento sobre as razões por trás da mudança linguística: os acontecimentos que a iniciam, as influências que a conduzem e o desfecho definitivo da mudança ao longo do tempo.

Labov (2008 [1972], p. 13) é relutante em adotar o termo sociolinguística para definir seu trabalho, “já que ele implica que pode haver uma teoria ou prática linguística bem-sucedida que não é social.” A partir desse posicionamento, fica evidente que a intenção de Labov não se limitava a simplesmente quantificar dados sem um propósito definido. Ele buscava revelar os aspectos sociais relacionados ao processo linguístico, pois acredita que não é possível compreender o desenvolvimento de uma mudança linguística sem considerar a vida social da comunidade na qual ela ocorre.

Nessa direção, a Teoria da Variação e Mudança Linguística (também chamada Sociolinguística Quantitativa ou Laboviana) tem como objetivo compreender a variação e mudança das línguas no contexto social de uma comunidade de fala. Isso é delineado, pois, a língua é vista pelos sociolinguistas como dotada de “heterogeneidade sistemática”, fator importante na identificação de grupos e na demarcação de diferenças sociais na comunidade. O domínio de estruturas heterogêneas é parte da competência linguística dos indivíduos. Nesse sentido, a ausência de heterogeneidade estruturada na língua seria tida como disfuncional (WEINREICH; LABOV; HERZOG [1968] 2006)

Labov (2008) defende que a variação é uma característica intrínseca das línguas e está relacionada aos sistemas heterogêneos, diferentemente da visão de Saussure e Chomsky, que enfatizavam a homogeneidade. De acordo com Labov, a língua não pertence ao indivíduo, mas sim à comunidade, pois é um fenômeno social. Ele discorda de Saussure, Chomsky e outros estudiosos que defendem a necessidade de homogeneidade na linguagem, pois ignoram a heterogeneidade e consideram a fala como caótica e desmotivada (FIGUEROA, 1994).

Labov argumenta que a linguística enfrentava problemas significativos, pois a língua era conceitual e metodologicamente vinculada ao indivíduo. Essa questão era evidente nas discussões travadas pelos neogramáticos no século XIX e pelos gerativistas no século XX. Segundo Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]), Hermann Paul, um representante do pensamento neogramático, defendeu que a língua usada pelo falante-ouvinte individual continha a estrutura fundamental da língua, a coerência do discurso falado e a regularidade das

mudanças linguísticas. Essas discussões estavam no cerne dos paradoxos do século XX em relação à mudança linguística. Ao comentar a concepção de língua da gramática gerativa, proposta décadas após os trabalhos de Paul, os autores afirmam que:

A exigência da homogeneidade se torna central aqui: a competência linguística que é o objeto da análise linguística é a posse de um indivíduo; a teoria linguística se ocupa da comunidade somente na medida em que a comunidade é homogênea e na medida em que o informante individual é um perfeito representante dela. Procedimentos para ultrapassar a diversidade real observada no comportamento linguístico não são sugeridos, tanto quanto não são na obra de Paul ou Bloomfield; em harmonia com Saussure, porém mais explicitamente, Chomsky declara que tal diversidade é teoricamente irrelevante. (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968], p. 60).

Para os autores, a língua está situada na comunidade de fala, não no indivíduo. Portanto, quando o autor se refere à heterogeneidade, ele está se referindo à variação linguística, porém, seu interesse reside na variação que pode ser sistematicamente explicada. A variação sistemática ocorre quando existem diferentes formas de expressar a mesma ideia, mas essas formas possuem o mesmo significado referencial (LABOV [1972] 2008). Portanto, Labov ([1978] 2008) reforça que dois enunciados que se referem à mesma situação com o mesmo valor de verdade são considerados variantes de uma mesma variável (regra variável).

Com base nisso, em uma determinada comunidade, apesar das variações linguísticas, as pessoas conseguem se entender, pois a variação é organizada e sistemática. Labov ([1972] 2008, p. 247) destaca que, se os linguistas desejam contribuir significativamente para a compreensão do funcionamento da língua, o estudo da língua em seu contexto social não pode se limitar apenas à fonologia, uma vez que mudanças fonológicas podem afetar a morfologia da língua, mudanças morfológicas podem influenciar a sintaxe e mudanças sintáticas podem afetar o padrão discursivo. Portanto, de acordo com Labov, a variação não se limita a apenas um nível da gramática. Existem variações fonológicas, morfológicas, sintáticas, lexicais e discursivas.

No nível fonológico, por exemplo, encontramos variações como "caixa/caxa" e "em outro/outro". No nível morfológico, ocorre a marcação do verbo no infinitivo, como "andar/andá", "beber/bebê", entre outros exemplos. Na sintaxe, encontramos variações como "Este é o livro de que eu gosto", "Este é o livro que eu gosto" e "Esse é o livro que eu gosto dele". No âmbito discursivo, um estudo realizado em Florianópolis por Valle (2001) demonstrou o uso alternado de marcadores discursivos. No léxico, temos exemplos como "aipim", "mandioca" e "macaxeira".

A Teoria da Variação e Mudança rompe com a dicotomia sincronia/diacronia aproximando-as, pois “afinal de contas, para que os sistemas mudem, urge que eles tenham sofrido algum tipo de variação” (TARALLO, 1994, p. 25). Nesse sentido, a convergência entre sincronia e diacronia permite que o enfoque linguístico não seja o de mudanças abruptas ou etapas estáticas. Pode-se dizer que, “a partir de tais e tais características estruturais e de tais e tais condições de funcionamento, o sistema, quase que preditivamente, caminhou na direção X e não na direção Y” (TARALLO, 1994, p.26).

Compartilhando desse entendimento, a sociolinguista brasileira Maria Cecilia Mollica (2003) enfatiza que:

Cabe à Sociolinguística investigar o grau de estabilidade ou de mutabilidade da variação, diagnosticar as variáveis que têm efeito positivo ou negativo sobre a emergência dos usos linguísticos alternativos e prever seu comportamento regular e sistemático. (MOLLICA, 2003, p.11).

No que diz respeito à sistematicidade, Labov reconhece que existem julgamentos sociais conscientes e inconscientes em relação à língua. Com base no nível de consciência que um falante tem sobre uma determinada variável, o autor distingue três tipos de elementos: estereótipos, marcadores e indicadores. A classificação dessas variáveis é uma ferramenta relevante para a Sociolinguística, pois auxilia na compreensão dos processos de mudança linguística. Através dos estudos de Labov, foi constatada a regularidade existente entre variação e mudança linguística.

Com a inclusão da sociolinguística no escopo mais amplo de interesses da linguística, a constatação da relação intrínseca entre língua e sociedade se tornou cada vez mais incontestável. Dentro dessas discussões, diversos fenômenos relacionados à diversidade linguística foram visibilizados, como é o caso do preconceito linguístico.

1.4 O Preconceito Linguístico

Há, no dicionário Houaiss (2009) três definições sobre preconceito, sendo I) qualquer opinião ou sentimento concebido sem exame crítico; II) ideia, opinião ou sentimento desfavorável formado sem conhecimento abalizado, ponderação ou razão; III) sentimento hostil, assumido em consequência da generalização apressada de uma experiência pessoal ou imposta pelo meio; intolerância. O preconceito linguístico é um tipo específico de reação

adversa. De acordo com Bagno (1999) ele está ligado, em boa medida, à confusão que foi criada no curso da história, entre língua e gramática normativa.

Entendemos Gramática normativa como um conjunto de regras que orientam a forma padronizada de como falar e escrever o português. Trata-se de uma tentativa tecnicista de uniformizar a comunicação dentro da extensão territorial do país. Porém, de proporções continentais e com uma miscigenação de povos e etnias, o português brasileiro assume singularidades específicas. Compreendemos o desafio do ensino de Língua Portuguesa no Brasil e concordamos com Bagno (1999, p.52-53) quando diz que “[...] é preciso ensinar a escrever de acordo com a ortografia oficial, mas não se pode fazer isso tentando criar uma língua falada “artificial” e reprovando como “erradas” as pronúncias que são resultado natural das forças internas que governam o idioma”. Conforme os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) de Língua Portuguesa:

O problema do preconceito disseminado na sociedade em relação às falas dialetais deve ser enfrentado, na escola, como parte do objetivo educacional mais amplo de educação para o respeito à diferença. Para isso, e também para poder ensinar Língua Portuguesa, a escola precisa livrar-se de alguns mitos: o de que existe uma única forma “certa” de falar — a que se parece com a escrita — e o de que a escrita é o espelho da fala — e, sendo assim, seria preciso “consertar” a fala do aluno para evitar que ele escreva errado. [...] A questão não é falar certo ou errado, mas saber qual forma de fala utilizar, considerando as características do contexto de comunicação, ou seja, saber adequar o registro às diferentes situações comunicativas. É saber coordenar satisfatoriamente o que falar e como fazê-lo, considerando a quem e por que se diz determinada coisa. É saber, portanto, quais variedades e registros da língua oral são pertinentes em função da intenção comunicativa, do contexto e dos interlocutores a quem o texto se dirige. A questão não é de correção da forma, mas de sua adequação às circunstâncias de uso, ou seja, de utilização eficaz da linguagem: falar bem é falar adequadamente, é produzir o efeito pretendido. (BRASIL, 1997, p. 26).

Os aspectos mencionados são importantes para compreender a problemática deste estudo, uma vez que, ao analisarmos a distribuição geográfica das microáreas onde o linguajar mato-grossense (falar cuiabano) foi mais preservado, observamos que são regiões que sofreram menos impacto do processo de globalização e são consideradas áreas do interior. Durante o processo de desenvolvimento demográfico e social, essas regiões mantiveram as características organizacionais de comunidades.

Esse aspecto contribui para a construção, preservação e manutenção dos linguajares utilizados nessas localidades. Nesse sentido, Labov (2008) afirma que "uma comunidade de

fala não pode ser concebida como um grupo de falantes que utilizam todas as mesmas formas; ela é melhor definida como um grupo que compartilha as mesmas normas de respeito pela língua" (LABOV, 2008 [1972], p. 225). Uma comunidade é composta por vários elementos socioculturais, estilos de fala, características sociais, composições fenotípicas dos indivíduos, diferenças geopolíticas, entre outros. Embora seja formada por indivíduos que compartilham elementos em comum, cada componente de sua estrutura apresenta singularidades. É essencial ter essa compreensão clara ao estudar a língua utilizada por uma comunidade. A respeito disso, Tarallo diz:

Assim também é a classe social, a etnia, o sexo, a faixa etária do falante. É somente através da correlação entre fatores linguísticos e não-linguísticos que você chegara a um melhor conhecimento de como a língua é usada e de que é constituída. Cada comunidade de fala é única; cada falante é um caso individual. (TARALLO, 2005, p. 62).

Essas considerações são relevantes para se pensar as práticas sociais e de linguagem no contexto mato-grossense que, nos últimos anos do século XX, sofreram grandes mudanças. De um lado, destaca-se a forte imigração de povos de outras regiões do país após a construção de Brasília. Essas pessoas, assim como no período das bandeiras, vieram em busca de novos horizontes e trouxeram consigo seus costumes e crenças. Por outro lado, é imprescindível mencionar a migração dos povos ribeirinhos moradores das margens de rios e igarapés para os grandes centros, por motivos geoclimáticos, culminando em um impacto social que fez a maneira local de se comunicar ser ridicularizada.

Segundo Campos (2014), o avanço do capitalismo nos dias de hoje está se expandindo para os últimos espaços naturais e fronteiras remanescentes, de maneira implacável. Nesse contexto, a cultura cuiabana e o dialeto cuiabano, em sua fragilidade, necessitam ser preservados ou registrados, pois são uma cultura de tradição oral. Quando uma paisagem é destruída ou uma comunidade é expulsa de um lugar específico, isso ocorre de forma irreversível. Se não houver um registro, essas manifestações simplesmente desaparecerão na história. É de extrema importância que essa valorização e preservação ocorram, pois representam nossa história e nossa cultura.

Com relação à importância da compreensão das diversidades linguísticas, o livro "Políticas da Norma e Conflitos Linguísticos" organizado por Xoán Carlos Lagares e Marcos Bagno, em 2011, reúne quinze artigos de autores de diferentes vertentes da Linguística. No

capítulo 1, cujo título é “O que é uma língua? Imaginário, ciência & hipóstase³”, Bagno (2011) diz que é complexo se obter um conceito preciso do que é língua. Segundo Ferdinand de Saussure (2006 [1916]), “o ponto de vista cria o objeto”, e ele estava certo. Isso significa que, para compreender profundamente a língua, seja qual for, é necessário formar uma concepção sobre o assunto e definir qual a definição que desejamos adotar.

Nesse sentido, é relevante refletir sobre as práticas de ensino de línguas, uma vez que a instituição escolar enfatiza o ensino da língua da cultura dominante. Muitos agentes envolvidos nesse processo consideram qualquer forma de linguagem que se afaste desse padrão como defeituosa, e buscam suprimi-la. Consequentemente, o ensino sistemático da língua se torna uma atividade impositiva, constrangedora e desconectada, muitas vezes, da realidade dos estudantes (BORTONI-RICARDO, 2005). A respeito desse problema, Bagno (2004, p. 115) reforça que:

[...] a primeira campanha a ser feita, por todos na sociedade, é a favor da mudança de atitude. Cada um de nós, professor ou não, precisa elevar o grau da própria auto-estima lingüística: recusar com veemência os velhos argumentos que visem menosprezar o saber linguístico individual de cada um de nós. Temos de nos impor como falantes competentes de nossa língua materna. Parar de acreditar que “brasileiro não sabe português”, que “português é muito difícil”, que os habitantes da zona rural ou das classes sociais mais baixas “falam tudo errado”. Acionar nosso senso crítico toda vez que nos depararmos com um comando paragramatical e saber filtrar as informações realmente úteis, deixando de lado (e denunciando, de preferência) as informações preconceituosas, autoritárias e intolerantes.

Conforme destacado por Bagno (2004), é fundamental adotar uma nova postura em relação à linguagem e desenvolver uma autoestima linguística saudável. O autor ressalta que essa mudança de atitude deve ser promovida por todos, independentemente de serem professores ou não. Segundo o autor, cada indivíduo deve valorizar e elevar sua autoestima linguística, rejeitando veementemente os argumentos que desvalorizam o conhecimento linguístico de cada pessoa. Essa campanha pela mudança busca promover uma visão mais inclusiva e respeitosa em relação às variedades linguísticas e reconhecer a riqueza e a diversidade presentes nas diferentes formas de expressão verbal.

Ao nosso ver, essa postura é de suma importância, pois promove a valorização e o respeito pela identidade cultural e linguística da região. O falar mato-grossense possui

³ Na reflexão filosófica, moderna e contemporânea e Segundo o dicionário Houaiss, uma hipóstase é um “equivoco cognitivo que se caracteriza pela atribuição de existência completa e objetiva (existência substancial) a uma realidade fictícia, abstrata ou meramente restrita ao caráter incorpóreo do pensamento humano”.

características peculiares e únicas, resultado da interação de diversos povos e culturas que contribuíram para sua formação ao longo da história. Ao reconhecer e valorizar as particularidades linguísticas do falar mato-grossense, estamos preservando e fortalecendo a identidade local, promovendo um sentimento de pertencimento e orgulho entre os falantes.

Além disso, o reconhecimento da diversidade linguística contribui para a promoção da igualdade linguística, combatendo preconceitos linguísticos. Por fim, reconhecer a diversidade linguística é fundamental para uma educação mais inclusiva e efetiva, pois, considerar as variações linguísticas presentes na região, os educadores podem desenvolver práticas pedagógicas que respeitem e incorporem o falar mato-grossense, proporcionando uma educação mais contextualizada e significativa para os estudantes.

Como contribuição social, nosso estudo sugere algumas práticas pedagógicas que podem promover o respeito e a valorização do falar mato-grossense, proporcionando uma educação mais contextualizada e significativa para os estudantes. Alguns exemplos dessas práticas são a "Valorização da oralidade", por meio de atividades que estimulem a comunicação oral, tais como debates, apresentações, entrevistas, dramatizações e rodas de conversa, nas quais os estudantes possam usar livre e autenticamente o falar mato-grossense.

Outra prática que pode ser bem-sucedida é a "Leitura de textos locais", selecionando poesias, contos, crônicas ou trechos de obras literárias escritas por autores mato-grossenses ou que retratem a cultura e a realidade da região. Isso permite que os estudantes se identifiquem com o material de leitura e reconheçam sua própria língua e cultura na produção literária.

Reconhecemos também a importância da "Produção textual contextualizada", por meio da proposta de atividades de escrita relacionadas à vivência dos estudantes no contexto mato-grossense. Por exemplo, solicitar que escrevam sobre tradições, costumes, paisagens, personagens históricos ou situações cotidianas específicas da região, como as práticas de cururu. Isso possibilita o uso do falar mato-grossense na escrita e incentiva a expressão da identidade cultural local.

Outra prática relevante é a "Pesquisa e resgate de histórias locais", promovendo projetos de pesquisa nos quais os estudantes investigam e registram histórias, lendas, mitos, costumes e manifestações culturais do Mato Grosso, como o cururu. Essa prática permite que os alunos valorizem e compartilhem o conhecimento tradicional e regional, utilizando a língua mato-grossense como ferramenta de comunicação e registro.

Por fim, é recomendável realizar "visitas a locais históricos e culturais", como museus, centros culturais, comunidades tradicionais e outros espaços que preservem a história e a cultura do Mato Grosso. Durante essas visitas, os estudantes têm a oportunidade de ouvir relatos de

peessoas da região, ampliando sua compreensão sobre o falar mato-grossense e a importância da diversidade linguística.

Feitas essas considerações, no capítulo a seguir, discorreremos sobre a história da colonização de Mato Grosso e o processo de formação do falar mato-grossense. Do ponto de vista teórico, esse é um movimento importante, pois, ao discutir a história da colonização de Mato Grosso, é possível compreender os eventos históricos, sociais e culturais que moldaram a região e tiveram influência direta no desenvolvimento da língua falada.

Além disso, podemos discernir as relações de poder e hierarquia linguística, visto que a colonização envolveu a imposição da Língua Portuguesa e a marginalização das línguas indígenas e das variedades locais. A colonização resultou em intensos contatos linguísticos entre diferentes grupos, como colonizadores, indígenas e afrodescendentes. Esses contatos linguísticos levaram a influências mútuas, empréstimos lexicais, alterações fonéticas e mudanças gramaticais, que são essenciais para entender a formação do falar mato-grossense como uma variedade distinta.

Ademais, o estudo da história da colonização e do falar mato-grossense contribui para a compreensão da identidade cultural da região, pois a língua é um elemento fundamental da identidade, e a análise sociolinguística permite explorar como o falar mato-grossense se conecta às experiências, memórias e sentimentos de pertencimento da população local. A compreensão da origem do falar mato-grossense e evolução permite promover a conscientização sobre a diversidade linguística e combater estigmas ou atitudes negativas.

CAPÍTULO II - COLONIZAÇÃO BRASILEIRA E A CONCEPÇÃO LINGUÍSTICA DO ESTADO DO MATO GROSSO

2.1 A Base Linguística através dos Conceitos Históricos

Para analisar a origem, o desenvolvimento e a evolução da língua falada no Brasil, bem como suas particularidades em cada macro e microrregião, é necessário, em primeiro lugar, realizar uma análise regressiva espaço-temporal. Isso implica compreender o surgimento do português europeu e sua fusão com as influências das línguas indígenas e africanas durante o período inicial da colonização brasileira.

No período da colonização, o português europeu foi trazido pelos colonizadores portugueses e se estabeleceu como língua oficial. No entanto, o contato com as línguas indígenas e africanas trouxe influências significativas para o vocabulário, a fonética, a gramática e as estruturas linguísticas do português falado no Brasil. Ao longo do tempo, essa fusão de influências linguísticas resultou na formação de diferentes variantes regionais e dialetos dentro do português brasileiro.

Cada macro e microrregião do país desenvolveu suas particularidades linguísticas, refletindo a diversidade cultural e étnica presente em cada localidade. Para compreender essas particularidades, é necessário considerar fatores como o contato com outras línguas, a imigração de diferentes grupos étnicos, as características geográficas e históricas de cada região, entre outros elementos. Esses fatores contribuíram para a variação linguística existente no Brasil, onde podemos encontrar diferenças de vocabulário, pronúncia, gramática e expressões idiomáticas em diferentes partes do país. Com relação ao surgimento da Língua Portuguesa, Guimarães (2005) discorre que:

A Língua Portuguesa formou-se como língua específica, na Europa, pela diferenciação que o latim sofreu na Península Ibérica durante o processo de contatos entre povos e línguas que se deram a partir da chegada dos romanos no século II a.C., por ocasião da segunda Guerra Púnica, no ano de 218 a.C.(1). Na Península Ibérica o latim entrou em contato com línguas já ali existentes. Depois houve o contato do latim já transformado com as línguas germânicas, no período de presença desses povos na península (de 409 a 711 d.C). Em seguida, com a invasão mulçumana (árabes e berberes), esse latim modificado e já em processo de divisão entra em contato com o árabe. Na primeira fase do processo de reconquista da Península Ibérica pelos cristãos, que tinham resistido no norte, os romances (latim modificado por anos de contato com outros povos e línguas) tomaram uma feição específica no oeste da península,

formando o galego-português e em seguida o português. (GUIMARÃES, 2005, p. 24-28).

Decorrente das condições geopolíticas e econômicas da época, a península Ibérica, especificamente Portugal, deu início ao processo histórico conhecido como expansão marítima no século XV. Esse movimento foi seguido por outros países europeus, como Espanha e Inglaterra, que buscavam estabelecer rotas comerciais com a Índia e outros países asiáticos. Como resultado, ocorreu o "descobrimento" de novas regiões, como a América em 1492 pela Espanha e as terras brasileiras em 1500 por Portugal.

O processo de colonização dessas novas terras gerou conflitos tanto de natureza militar quanto de choque cultural e linguístico. Por um lado, os colonizadores viam nas novas terras uma fonte de riqueza e um fortalecimento de seus impérios, impondo seus costumes e culturas. Por outro lado, as civilizações locais, embora subjugadas como inferiores, possuíam suas próprias estruturas de organização político-social e linguística.

A fusão linguística durante o período colonial brasileiro estava estreitamente ligada ao objetivo principal das expedições marítimas, que tinham fins comerciais e visavam à obtenção de riquezas. Assim como nas colonizações ocorridas em outros lugares do continente europeu, a chegada dos colonizadores às terras brasileiras resultou no extermínio de milhares de indígenas. Esse extermínio afetou não apenas inúmeras vidas, mas também as estruturas sociais e de comunicação.

Entre os principais atores envolvidos na comunicação entre portugueses e brasileiros nesse período, destacam-se os jesuítas. Durante o período de catequização dos indígenas, que foi um momento de imposição religiosa, os jesuítas desenvolveram meios de lusitanizar os indígenas. Eles foram pioneiros no processo de criar e instituir uma nova língua para os colonizados, conhecida nos registros históricos como Língua Geral. O período colonial do Brasil teve início em 1530 e estendeu-se até 1822. Nesse cenário, a preocupação da coroa portuguesa era garantir a posse territorial e, ao mesmo tempo, extrair as riquezas naturais. Por essa razão, foram estabelecidas várias capitanias e seguiu-se o curso histórico da concepção geopolítica do país.

A Língua Portuguesa acompanhou diversos momentos dessa ocupação territorial, passando por modificações ao longo da expansão do império português. Por imposição, acabou se tornando a língua oficial do Brasil. Esse processo, de acordo com Eduardo Guimarães (2005), pode ser dividido em quatro períodos distintos. O primeiro período foi marcado desde o início da colonização até a saída dos holandeses do Brasil em 1654. Nessa época, estabeleceu-se um

ambiente multilíngue composto por povos indígenas, portugueses e holandeses. No entanto, a língua predominante em toda a região colonizada era a Língua Geral, um dialeto resultante da mistura do português da época com as línguas indígenas. É relevante mencionar que a Língua Portuguesa, nessa conjuntura, era somente empregada em documentos oficiais, pois:

Nesse período o português convive, no território que é hoje o Brasil, com as línguas indígenas, com as línguas gerais e com o holandês, esta última a língua de um país europeu e também colonizador. As línguas gerais eram línguas tupi faladas pela maioria da população. Eram as línguas do contato entre índios de diferentes tribos, entre índios e portugueses e seus descendentes, assim como entre portugueses e seus descendentes. A língua geral era assim uma língua franca. **O português, como língua oficial do Estado português, era a língua empregada em documentos oficiais e praticada por aqueles que estavam ligados à administração da colônia.** (GUIMARÃES, 2005, p.25, grifos nossos).

É relevante compreender a origem dos colonizadores e a dinâmica demográfica que ocorreram durante o período colonial brasileiro, especialmente em relação à introdução da Língua Portuguesa no Novo Mundo. Segundo Rodrigues (2000), a maioria dos colonizadores era composta por homens solteiros, o que levou muitos deles a formarem famílias com mulheres indígenas. Isso resultou no nascimento de filhos mestiços, conhecidos como mamelucos. Essa realidade não era bem vista pela Igreja nem pelo Estado. No entanto, ao longo dos anos, essa situação se intensificou. Para contornar essa questão, entre os séculos XVI e XVII, Portugal enviou uma grande quantidade de órfãs para o Brasil, com o objetivo de casá-las com os colonos.

Esse movimento ocorreu em maior escala em Salvador, onde a Língua Portuguesa era mais falada no dia a dia, diferenciando-se das outras regiões da colônia, onde a miscigenação era cada vez mais presente. Essa estratégia de envio de órfãs portuguesas visava fortalecer a presença da cultura portuguesa, incluindo a língua, na colônia. A ideia era criar famílias de ascendência portuguesa que mantivessem a língua e os costumes lusitanos, reduzindo a miscigenação e estabelecendo uma maior preservação da identidade portuguesa no contexto colonial.

Dessa forma, o envio de órfãs para o Brasil foi uma estratégia adotada pelo Estado português para moldar a composição étnica e linguística da colônia, com o objetivo de fortalecer a influência da cultura e Língua Portuguesa. Como resultado, os pequenos mestiços aprendiam a língua indígena com a mãe e posteriormente a Língua Portuguesa com o pai. Teyssier (1997) citando o Pe. Vieira pontua que:

Em 1694, dizia Pe. Vieira que ‘as famílias dos portugueses e índios em São Paulo estão tão ligadas hoje umas com as outras, que as mulheres e os filhos se criam mística e domesticamente, e a língua que nas ditas famílias se fala é a dos índios, e a portuguesa a vão os meninos aprender à escola’ [...] (TEYSSIER, 1997, 94-95).

Com o passar do tempo, a população indígena pura foi diminuindo e a língua tupi passou por modificações, sendo chamada de língua geral ou nheengatu, que significa "língua boa". Nesse período, o português e a língua geral coexistiram, mas os jesuítas utilizavam a língua geral para catequizar os indígenas. Enquanto isso, no Mato Grosso, mais precisamente em 1722, foram descobertas as Lavras do Sutil, uma das maiores minas de ouro do país, o que desencadeou uma verdadeira onda migratória. Em consequência disso, a notícia da riqueza das minas auríferas espalhou-se rapidamente entre os migrantes da região circundante e do litoral brasileiro (CORRÊA FILHO, 1994). Nessa época:

A febre do ouro se espalhava mais rápido que rastilho de pólvora e mesmo com a dificuldade das longas jornadas permeadas pela fome, pestes e silvícolas indomados copiosos grupos de homens rudes e destemidos se dirigiam para a promessa de vida nova, segundo o cronista local **O ouro de Cuiabá enlouquecia**. (CORRÊA FILHO, 1994, p. 201, grifos nossos).

A corrida em busca de ouro no Mato Grosso desempenhou um papel crucial na colonização da região, atraindo aventureiros que enfrentaram grandes desafios e riscos para explorar o interior do Brasil. A escassez de alimentos nas cidades resultou da concentração da mão de obra escrava nas minas de ouro, prejudicando o desenvolvimento da agricultura local. Como consequência, uma grande fome assolou a região, levando ao êxodo em massa.

No entanto, mesmo diante dessas adversidades, novos grupos migratórios foram atraídos para o Mato Grosso, trazendo consigo influências culturais e linguísticas diversas. Entre esses grupos, encontravam-se falantes da língua geral como bandeirantes paulistas, indígenas que haviam sido domesticados, migrantes e mestiços provenientes de Minas Gerais, Bahia, Maranhão, além das variedades crioulas da região canavieira da costa. Além disso, nesse período, também é mencionada a presença da variedade castelhana do espanhol na fronteira com o Paraguai e a Bolívia, evidenciando a influência das rotas comerciais e das interações transfronteiriças.

Os negros desempenharam um papel importante desde o início da colonização em Cuiabá. As expedições fluviais que chegavam à cidade eram compostas por escravos, alguns dos quais já haviam sido aclimatados em sítios litorâneos, enquanto outros eram recém-chegados da África, como mencionado por Corrêa Filho (1994). Inicialmente, esses escravos foram destinados ao trabalho nas minas de ouro, mas ao longo do tempo, alguns foram realocados para as plantações de cana-de-açúcar.

Durante a comunicação cotidiana, os escravos contribuíram ativamente para a construção da linguagem e da cultura regional, desempenhando um papel importante na formação do português mato-grossense, que estava em constante desenvolvimento. Dessa forma, pode-se observar que a colonização do Mato Grosso, impulsionada pela corrida do ouro, foi um processo complexo que envolveu a interação de diferentes grupos étnicos e linguísticos. Essa diversidade cultural deixou suas marcas no panorama sociolinguístico da região, contribuindo para a formação de uma identidade regional única. Para ilustrar a conturbada e mesclada situação linguística em 1735, vejamos o excerto a seguir:

Arvorouse o povo atônito confuzo e atemorizado perguntando huns aos outros o que aquillo era diziaó huns que estávamos sercados de castelhanos outros que era invasam de gentio outros que era Levante de negros absolutamente ninguém sabia o que era e nenhum sabia o que dizia, pasmos aturdidos com o obscuro da noite e susto da novidade. (SÁ, s/d, p.12).

Como se pode verificar, as terras Mato-grossenses foram palco de encontros e relações multilíngues. Essa diversidade linguística culminou trocas e empréstimos linguísticos, por exemplo, entre classes menos favorecidas socialmente, como os trabalhadores das minas, fazendas, cercanias, que tinham maior contato com as influências indígenas, africanas e mestiças, diferentemente de quem vivia na capital. A respeito disso, Souza (2005), acredita que esse grupo de pessoas menos abastadas espalhou uma variedade diferenciada do português falado no restante do Mato Grosso, principalmente, após a abolição da escravatura, em que os negros se espalharam por todo o estado. Por conta disso, o português falado por eles ao entrar em contato com outras variedades linguísticas influenciou a formação do linguajar regional. Assim:

[...] conclui-se preliminarmente, que a língua geral tenha passado por um longo e intenso processo de caldeamento linguístico em Mato

Grosso, que resultou na formação do português mato-grossense, variedade também motivada pelas tendências criolizantes do português que começava a ser falado em todo o país. (SOUZA, 2005, p. 44).

Enquanto isso, no país, o segundo período foi marcado pela saída dos holandeses do Brasil e a chegada da família real portuguesa ao Rio de Janeiro, em 1808. Com a saída dos holandeses, a Língua Portuguesa tornou-se a única língua estrangeira falada em solo tupiniquim. No entanto, os portugueses que vinham para o Brasil não eram originários de uma mesma região, por conta disso, havia várias manifestações da língua. De modo complementar, o país passou a receber também um número expressivo de negros escravizados e retirados do África. Em decorrência desses movimentos, as práticas comunicativas passam a incluir elementos das línguas africanas. Frente a essas informações, torna-se pertinente destacar que:

Dos princípios da colonização até 1808, e daí por diante com intensidade cada vez maior, se notava a dualidade linguística entre a nata social, viveiro de brancos e mestiços que ascenderam, e a plebe, descendente dos índios, negros e mestiços da colônia. (SILVA NETO, 1963, p. 88-89)

Ao perceber essa diversidade cultural e linguística expressiva, o império português tomou providências que atingiram diretamente o uso da língua geral, ou seja, passou a proibir o uso dessa língua nas escolas. Em 1757, Marques de Pombal, ministro de Dom José I, estabeleceu o Diretório dos índios que proibia o uso da língua geral em toda a colônia. Em decorrência dessa sanção, a Língua Portuguesa passou a ser a mais falada pela população. Sobre a efetivação da política Pombalina, Moreira Neto afirma que:

A despeito de todo o esforço da política pombalina na Amazônia em reunir, organizar índios, a serviço do governo ou de particulares, os resultados concretos foram pouco significativos, se comparados com as grandes massas indígenas aparentemente disponíveis nos aldeamentos das antigas missões secularizadas por Pombal. (MOREIRA NETO, 1988, p.20).

Após a imposição política e jurídica, a Língua Portuguesa foi institucionalizada como língua oficial na colônia, tanto na fala quanto no ensino da leitura e escrita, seguindo os padrões da gramática portuguesa da época. Essa imposição levou ao declínio da língua geral, e a chegada de um grande número de portugueses acelerou ainda mais sua substituição. Devido à resistência dos indígenas em serem escravizados e à oposição dos jesuítas à escravidão, os

proprietários de terras tiveram que buscar outras fontes de mão de obra escrava, resultando na importação em massa de africanos.

Estima-se que cerca de 4 milhões de africanos foram trazidos para o Brasil, cada um trazendo suas línguas nativas consigo. Os escravizados eram classificados como "ladinos" ou "boçais". Os ladinos possuíam conhecimento da Língua Portuguesa, o que lhes conferia certos privilégios. Segundo Silva Neto (1963), os escravizados ladinos já falavam um dialeto crioulo-português desde sua vivência na costa africana. Já os boçais não tinham conhecimento da Língua Portuguesa. Dessa forma, a Língua Portuguesa gradualmente se tornou uma língua de prestígio, associada aos dominantes, e todos na colônia precisavam ter proficiência nessa língua. Segundo Matos e Silva (2004, p.100):

A massa escrava sucessivamente para aqui trazida, desde a quarta década do século XVI até avançado o XIX, mesmo com a extinção do tráfico oficial em 1830, com suas 200/300 línguas, teve de aprender a língua dos senhores, a partir de situações precárias de exposição à língua-alvo, a portuguesa.

De modo complementar, Melo (1981, p. 74) reforça a possibilidade das línguas africanas faladas pelos escravizados terem influenciado mais profundamente o português falado no Brasil que o tupi, pois, os negros viveram longamente em contato com o branco, falavam o idioma do branco, mesmo que simplificando a morfologia, alterando fonemas, reduzindo desinências etc. Para o autor, após o estabelecimento da população escravizada:

[...] constituíram-se duas 'línguas gerais' dos negros, de acordo com a procedência destes: foi o 'nagô' ou 'ioruba' na Bahia e o 'quimbundo' nas outras regiões. O 'quimbundo' é mais importante não só linguisticamente – porque tem maior poder expressivo, bem como vocabulário mais rico, - senão também e principalmente porque foi muito mais empregado, por maior número de indivíduos e numa área geográfica muito mais considerável. Porém o tanto o 'nagô' como o 'quimbundo' são línguas desprovidas de flexão. Este último faz a concordância por meio de prefixos especiais repetidos junto ao termo subordinado. Desse modo, natural seria que, adotando o português como segunda língua, imprimissem nele os africanos as marcas dos seus antigos hábitos linguísticos, executando-o, não apenas como sotaque peculiar deformador, senão que também simplificando-lhe a morfologia como reduzir-lhe as flexões. (MELO, 1981, p. 76).

O terceiro período do português no Brasil teve início com a chegada da família Real em 1808, devido à guerra com a França, e se encerrou com a independência do Brasil, 1826, quando a questão da língua nacional foi discutida do Brasil no parlamento brasileiro. A invasão de

Portugal por ordem de Napoleão Bonaparte foi o motivo que levou a corte portuguesa a se mudar para o Brasil. De acordo com levantamentos feitos por diferentes historiadores, os navios portugueses que transportaram a corte fizeram a transferência de cerca de 10 mil a 15 mil pessoas.

A vinda da corte portuguesa ao Brasil foi um período singular, pois não se tratava de pessoas fugindo apressadamente, mas sim da sede do Estado português mudando de local, levando consigo toda a sua estrutura administrativa e burocrática, tesouro, repartições, secretarias, tribunais, arquivos e funcionários. O Rio de Janeiro foi estabelecido como a nova capital do Império. Sob o governo de Dom João VI, foram introduzidas importantes instituições culturais, como a imprensa e a Biblioteca Nacional, resultando em uma transformação significativa no cenário cultural dos brasileiros.

O quarto período começa em 1826. Nesse ano, o deputado José Clemente propôs que os diplomas dos médicos no Brasil fossem redigidos em "língua brasileira". Em 1827, ocorreram grandes discussões sobre o ensino da gramática nacional pelos professores. Ou seja, a Língua Portuguesa, que já era a língua oficial do Estado, foi objeto de transformação, passando a ser considerada a língua da nação brasileira, isto é, houve uma sobreposição da língua oficial pela língua nacional.

Devido a esses acontecimentos, em 1826, o projeto apresentado ao parlamento brasileiro pelo deputado José Clemente propôs que os diplomas dos médicos fossem redigidos em "língua brasileira". Ademais, "em 1827 temos a aprovação de lei que estabelece que os professores deveriam ensinar a gramática da língua nacional. Nem português, nem brasileiro, estrategicamente, nomeamos de língua nacional". (ORLANDI, 2005, p. 29-30).

Tais questões tão relevantes para o cenário brasileiro, tanto na literatura quanto na constituição do próprio povo. José de Alencar, por exemplo, promoveu debates calorosos com escritores portugueses que não aceitavam o seu modo abasileirado de escrever. A respeito disso, Orlandi diz:

Em 1870, procurando argumentar sobre a língua que falamos, temos a polêmica entre o romancista brasileiro José de Alencar e o português Pinheiro Chagas, um falando de nossas diferenças e autonomia, o outro, sobre o legado que recebemos de Portugal, a Língua Portuguesa. (ORLANDI, 2005, p.29-30).

Segundo Eduardo Guimarães (2005), durante esse período, os brasileiros conquistaram a legitimidade para o ensino do português, o que resultou na criação de suas próprias gramáticas

e dicionários. A partir de 1818/1820, o português foi estabelecido como língua nacional, e começaram a surgir interações entre o português e as línguas dos imigrantes. Nessa época, dois mil suíços e mil alemães fixaram residência no Brasil, encorajados pela abertura dos portos às nações amigas. Entre 1808 e 1850, o tráfico de escravos era permitido, mas a partir de 1850 essa atividade foi proibida.

O trabalho livre ganhou destaque social, e a imigração aumentou consideravelmente, especialmente no Sul, mas também em São Paulo, onde a agricultura cafeeira, anteriormente dependente do trabalho escravo, passou a contar com mão de obra imigrante. O processo migratório no Brasil ocorreu no final do século XIX e início do século XX (entre 1880-1930), quando o país recebeu falantes de diversas línguas, como alemão, italiano, japonês, inglês, coreano, entre outras. Assim, os contextos de comunicação passaram a abranger, além da língua oficial e nacional, as línguas indígenas, as línguas africanas e as línguas dos imigrantes. A respeito dessas questões, Guimarães (2005) nos diz que:

Essa diferença não é diferente empírica do tipo: as línguas indígenas e seus falantes já existiam no Brasil quando da chegada dos portugueses e as línguas de imigração vieram depois. A diferença é de modo de relação como línguas de povos considerado primitivos a serem civilizados (no caso dos índios, ou escravizados, no caso dos negros), ou seja, não há lugar para essas línguas e seus falantes. No caso da imigração, as línguas seus falantes entram no Brasil por uma ação de governo que procurava cooperação para desenvolver o país. E as línguas que vêm com o imigrante eram, de algum modo, línguas nacionais ou oficiais nos países de origem dos imigrantes. Essas línguas, são línguas legitimadas no conjunto global das relações de línguas, diferentemente das línguas indígenas e africanas. As línguas dos imigrantes eram línguas de povos considerados civilizados, em oposição às línguas indígenas e africanas. (GUIMARÃES, 2005, p.25).

Como se pode perceber, o português é a língua oficial e nacional falada em todo o território brasileiro, embora alguns brasileiros tenham outras línguas como língua materna, como as indígenas, africanas e de outros imigrantes. Com a colonização do Brasil pelos portugueses provenientes de diversas regiões de Portugal, o idioma adquiriu características linguísticas distintas que, ao longo do tempo e do espaço, foram se misturando. Por conta disso, o português brasileiro é único e não é encontrado em nenhum outro lugar do mundo devido às suas características diferenciadas.

No entanto, a língua escrita se aproxima do português de Portugal devido à normatização das gramáticas, dicionários e outros instrumentos reguladores. De acordo com Pagotto (2005), a Língua Portuguesa se espalhou pelo mundo acompanhando as viagens exploratórias de

navegadores, colonizadores e comerciantes a partir do século XV. Durante esses encontros, seja por imposição ou por amizade, ocorreu o contato com diversas línguas, resultando em processos de variação e mudança linguística que deram origem a diferentes línguas crioulas.

Tessyer (1982) destaca a interessante natureza linguística do português de Portugal. Embora seja um país monolíngue, restrito aos seus limites geográficos, as áreas dialetais têm sido amplamente estudadas e permanecem inalteradas ao longo de cinco séculos. Cintra (1971) propõe a existência de três grandes regiões dialetais: os dialetos galegos, os dialetos setentrionais e os dialetos centro-meridionais. Além disso, o autor distingue dois grandes grupos de dialetos: os setentrionais, ao norte, e os centro-meridionais, ao sul. A formação de Portugal como país teve início na região norte, com Guimarães como sua capital. Nessa época, falava-se uma língua hoje conhecida como galego-português. À medida que se afastava do galego, o centro cultural deslocou-se para o sul, em Lisboa.

Mattos e Silva (2004) destacam que os traços distintivos dos dialetos do Norte não são encontrados no português do Brasil. No que diz respeito às características fonético-fonológicas, é importante ressaltar que, em comparação com o português de Portugal, a singularidade do português do Brasil está principalmente em seu sistema de vogais. Câmara (1953, 1970) explicou o funcionamento das vogais na posição tônica (na sílaba com acento de intensidade), na posição átona final (como o /a/ de "fuga") e na posição pretônica (como o /a/ de "até"). Guimarães acrescenta que:

a) Na posição tônica, o português do Brasil apresenta 7 vogais: /a/ (entrada); /é/ (deve), /ê/ (medo), /i/ (viga); /ó/ (avó), /ô/ (avô), /u/ (urubu). Note-se que a vogal /a/ é pronunciada, com timbre aberto, com a língua em repouso embaixo, na boca; que as vogais /é/, /ê/, /i/ são anteriores, elas são pronunciadas com um movimento da língua para frente; e as vogais /ó/, /ô/, /u/ são posteriores, pronunciadas com um movimento da língua para trás. Em Portugal (8), além dessas vogais, há também um /ä/, que não é aberto como o /a/. Este /ä/ é pronunciado com uma certa elevação da língua, diferentemente do /a/ aberto pronunciado com língua em repouso, embaixo na boca. Assim é que, na língua falada, se distingue /falâmos/, presente do indicativo, de /falamos/ passado perfeito (9).

b) Na posição átona final, no português do Brasil, de modo geral, há três vogais /a/ (casa), /i/ (barbante, pronunciado [barbãti]), /u/ (menino, pronunciado [meninú] e mesmo [mininu]). Em Portugal são também três vogais, /ä/, /ë/ e /u/. Assim diferentemente do Brasil, /ä/ é pronunciado com a língua mais alta, com timbre mais fechado, /ë/ é pronunciado fechado, mas numa posição mais posterior do que o /ê/ do Brasil. O /u/ tem as mesmas características fonéticas do /u/ brasileiro.

c) Na posição pretônica, há no português do Brasil, em geral, 5 vogais, /a/, /ê/, /i/, /ô/, /u/, enquanto que em Portugal mantêm-se as 8 vogais da posição tônica, com a diferença de que o /ê/ passa a /ë/, numa pronúncia mais central: /a/, /ä/; /é/, /ë/, /i/; /ó/, /ô/, e /u/. (GUIMARAES, 2005, p. 24-28).

No que diz respeito às características sintáticas e ao funcionamento dos pronomes átonos (me, te, se, lhe), no português do Brasil ocorre uma colocação proclítica, que não é encontrada em Portugal. Por exemplo, "João se levantou", "...está escrevendo", "Está na janela" e "Chegou no Brasil" são construções comuns no Brasil, enquanto em Portugal seria "Esta a escrever" e "Chegou ao Brasil". De acordo com Galves (2002), uma característica sintática fundamental do português do Brasil é sua estrutura tópica, em contraste com o português de Portugal e outras línguas latinas.

Para apresentar a formulação de Galves, utilizaremos as abreviações SN e V, referentes a sintagma nominal e verbo, respectivamente. Um sintagma é uma unidade linguística abaixo do nível da frase, geralmente composta por pelo menos dois elementos. O SN é composto por um nome e frequentemente inclui um determinante para esse nome, como no exemplo "o menino", em que "menino" é o nome e "o" é o determinante, formando o SN.

A noção de verbo, no contexto relevante para nós, é aquela que conhecemos comumente. Segundo Galves, a estrutura da frase em português do Brasil é SN [SN V (SN)], ao contrário do português de Portugal e das línguas latinas em geral, que possuem a estrutura da frase SN [V (SN)]. Os colchetes delimitam o que é apresentado como o que se diz sobre o primeiro SN. Por exemplo: "Felipe fez o suco" e "Felipe, ele fez o suco". Na primeira frase, a palavra "Felipe" refere-se a alguém, e algo é predicado sobre ele, ou seja, "fez o suco". Nesse caso, "Felipe", que faz referência a uma pessoa, também é o sujeito da frase. Na segunda frase, "Felipe" faz referência a alguém, e o pronome "ele" é utilizado como sujeito, retomando "Felipe" (anaforicamente), sobre o qual se predica "fez o suco".

Portanto, a sequência sujeito + predicado ("ele fez o Suco") é apresentada como algo dito sobre "Felipe", referenciado pela palavra "Felipe". Na segunda frase, "Felipe" é o tópico, ou seja, a entidade sobre a qual algo é dito. Em contraste, na primeira frase, o sujeito da frase é diretamente o objeto sobre o qual algo será dito. A tese de Galves é que a estrutura sintática do português do Brasil segue o padrão da segunda frase usada como exemplo: "João, ele fez o trabalho".

De acordo com a autora, essa característica do português brasileiro é responsável por explicar uma série importante de aspectos específicos desse idioma. Segundo ela, desde o século XIX, com o trabalho de Marques de Pedra Branca, o estudo do léxico tem sido utilizado para evidenciar as diferenças entre o português do Brasil e o de Portugal. Essas diferenças são resultado da incorporação de muitas palavras provenientes das línguas indígenas e africanas,

com as quais o português brasileiro teve e continua e continua a ter contato. (GALVES, 2002).
Vejam algumas palavras no quadro a seguir baseadas nos estudos de Teyssier (1997):

Quadro 1: diferença entre palavras

Portugal	Brasil
Comboio	Trem
Autocarro	Ônibus
Elétrico	Bonde
Hospedeira	Aeromoça
Fato	Terno
Metro	Metrô

Fonte: Teyssier (1997, p.40)

Teyssier (1997) amplia a discussão ao trazer exemplos de palavras de origem indígena, tais como capim, cupim, caatinga, curumim, guri, buriti, carnaúba, curió, abacaxi, piranha, urubu, sucuri, mandacaru, entre outras. Também menciona palavras de origem africana, como caçula, cafuné, molambo, maxixe, moleque, orixá, samba, vatapá, acarajé, mocambo. Essa influência de diferentes idiomas enriquece o léxico do português brasileiro. Dessa forma, o português brasileiro se caracteriza por uma variedade de falares regionais específicos, que variam de acordo com as situações particulares e o contexto de uso da língua, incluindo o registro formal, coloquial, íntimo e público.

2.2 Bandeiras, Monções e Jesuítas na Construção Étnico Cultural do Estado

O período do Brasil Colônia teve início em 1530 e durou até 1822. Durante esse período, a preocupação da coroa portuguesa era garantir a posse territorial e, ao mesmo tempo, extrair riquezas naturais. Como resultado, foram estabelecidas as capitanias hereditárias, um modelo de governança territorial implementado na colônia portuguesa nas Américas. Essa estrutura fazia parte do vasto Império Português e foi estabelecida em 1534. Devido à escassez de

recursos da Coroa Portuguesa no Brasil, foi decidido delegar a responsabilidade pela colonização e exploração de determinadas regiões a particulares. Nesse processo de expansão e controle do território, a língua desempenhou um papel extremamente importante para o controle e a comunicação.

Em relação à mistura da Língua Portuguesa com outras línguas faladas pelos povos indígenas, Souza (1999) afirma que a origem crioula ou semicrioula do português brasileiro pode explicar traços peculiares do falar cuiabano. Para sustentar sua tese, o autor investigou as condições socio-históricas que contribuíram para a crioulização linguístico-cultural do cenário brasileiro. Souza (1999) relata que existe a crença de que em áreas de grande concentração e interação humana, especialmente nas regiões fervilhantes das minas, ocorreu uma fusão de povos e línguas que resultou em uma formação linguística híbrida, com fortes influências crioulas. Devido à descoberta e à corrida pelo ouro em Mato Grosso no início do século XVIII, a região atraiu vários grupos migratórios.

Figura 4: Localização geográfica do MT



Fonte: Wikipedia (2011, *online*)

Como pode ser observado na Figura 4, Mato Grosso está localizado no centro do continente sul-americano, o que favorece a convergência de diferentes povos e culturas. A distância da costa brasileira contribuiu para a formação de uma população distinta daquelas que se estabeleceram nas regiões litorâneas do país. Ao longo do tempo, houve uma migração da população dos grandes centros em direção ao estado de Mato Grosso. O acesso a essa região

foi predominantemente realizado por meio dos rios e córregos, como o Rio Paraguai. Antes do interesse dos portugueses pela região, esse rio proporcionou o estabelecimento de colônias espanholas vindas do Paraguai, Argentina e Bolívia (PÓVOAS, 1995). A seguir, apresentamos o mapa do Rio Paraguai, cuja nascente está localizada no estado de Mato Grosso, mais especificamente na região do Alto Paraguai. Esse rio atravessa os territórios da Bolívia, Paraguai e Argentina antes de desaguar no Oceano Atlântico.

Figura 5: Mapa hidrográfico do Mato Grosso



Fonte: Wikipédia (2023, *online*)

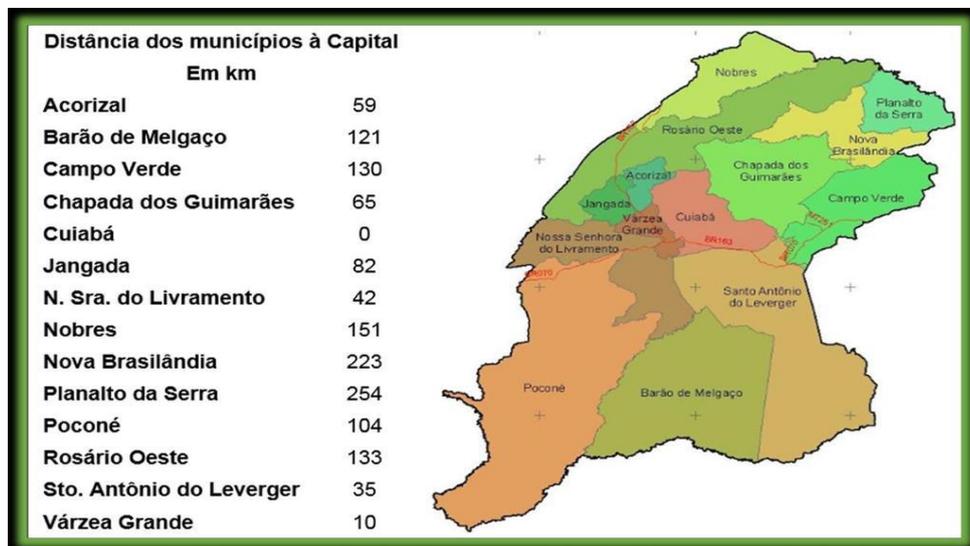
Como observado no Mapa 2, Mato Grosso é um estado com proporções territoriais consideráveis, sendo o maior estado da região Centro-Oeste. O processo de formação de suas cidades mais antigas, como Cuiabá, Vila Bela da Santíssima Trindade, Cáceres, entre outras, apresenta semelhanças, uma vez que é caracterizado pela influência marcante da cultura indígena, combinada com a diversidade dos migrantes de diversas partes do país, juntamente com os costumes dos vizinhos de língua espanhola. Além desse contexto, é relevante destacar uma significativa onda migratória de pessoas negras escravizadas vindas do Nordeste e Sudeste do Brasil, que contribuiu para a composição étnica e cultural da região. Essas pessoas se

instalaram na região por conta das descobertas das minas de ouro, principalmente em Cuiabá (SOUZA, 1999). Elas trouxeram consigo suas vertentes crioulas e:

Acompanhando a dinâmica das comunidades que ali habitaram, diferentes línguas se instalaram de forma momentânea ou perene, simultânea ou alternadamente, e com mais ou menos força de fixação de traços. Houve, inevitavelmente, contato entre essas línguas, sob o olhar dos prismas sincrônico e diacrônico. Na verdade, são raríssimas as comunidades hoje existentes isoladas a ponto de estarem imunes ao contato linguístico. (BARROS; SAVEDRA, 2018, p. 660).

Houve, portanto, uma intensa movimentação migratória, que também teve impacto linguístico, contribuindo para a formação de uma identidade sociolinguística genuinamente mato-grossense. Devido às características peculiares da região, atualmente conhecida como Baixada Cuiabana, composta não apenas por Cuiabá, mas também por outras 13 cidades, o dialeto presente nessa área é único e singular. Vejamos as cidades que compõem essa região na Figura 6.

Figura 6: Baixada Cuiabana-MT



Fonte: Brasil (2009, *online*).

A Baixada Cuiabana tem sido alvo de estudos fonológicos, morfossintáticos e estilísticos, conforme abordado por Souza (1999, 2010), Dettoni (2003) e Cox (2009). Esses estudos são de grande importância para compreender a influência do contato linguístico na região e para delinear as variedades linguísticas utilizadas ali. O enfoque no contato de línguas,

especialmente nos processos de crioulização e transmissão linguística irregular, tem sido fundamental para entender as características da transmissão linguística encontrada na Baixada Cuiabana (BAXTER; LUCCHESI, 1997).

Para uma melhor compreensão das línguas em contato, recorreremos a Weinreich Labove e Herzog (1968, [1953]), que destacam o interesse da sociolinguística em compreender as comunidades de fala no contexto do contato linguístico. Com base em nosso escopo teórico, reconhecemos que o contato entre línguas é um fenômeno histórico influenciado por diversas forças sociais. Thomason e Kaufman (1988) afirmam que a história sociolinguística dos falantes é o principal determinante dos resultados linguísticos em situações de contato, e não apenas a estrutura das línguas.

Quando as línguas entram em contato, podem ocorrer duas combinações principais, conforme destacado por Thomason e Kaufman (1988): o empréstimo e a influência do substrato. O empréstimo refere-se à incorporação de elementos estrangeiros na língua nativa do falante. Por outro lado, a interferência do substrato ocorre quando há uma aprendizagem imperfeita de um grupo durante a substituição linguística. Além disso, Sebba (1997) menciona que podem surgir línguas novas que não estejam associadas à árvore genealógica, como pidgins e crioulos. No entanto, mesmo após 40 anos de pesquisas, ainda há discussões sobre os limites entre esses termos. Pidgins são geralmente definidos como línguas lexicalmente derivadas de outras línguas em comum. Já os crioulos são tradicionalmente vistos como pidgins nativizados, ou seja, que possuem falantes nativos.

O contato de línguas desempenhou um papel fundamental na construção da cultura e da forma de falar em Mato Grosso. Em Santo Antônio do Leverger, por exemplo, no final do século XVIII, a maioria da população era formada por negros, mulatos e outros mestiços, que possuíam suas próprias formas de linguagem distintas. Uma teoria sobre o falar cuiabano sugere que o português crioulizado falado pela população negra, em contato com outras formações linguísticas, tenha sido a origem desse dialeto (SOUZA, 1999).

Outra perspectiva sobre a origem do falar cuiabano é a de que ele seja resultado de uma situação de isolamento que teria favorecido a preservação de traços do português antigo que chegaram à região através do dialeto caipira. Além dessas duas visões, é fato de que há a possibilidade da influência do castelhano devido à proximidade com a América Hispânica, o que resultou na presença de espanhóis na região antes da chegada das bandeiras paulistas. É bastante provável que os fatores focalizados individualmente por essas hipóteses tenham agido em conjunto na formação da identidade do falar cuiabano, como conjectura Dettoni (2003, p. 197) ao dizer que:

Conviveram, nesta região, em diferentes momentos e em diversos graus de intensidade, as línguas indígenas nativas, a variedade castelhana da fronteira, a língua dos bandeirantes colonizadores, diversas variedades do português ali introduzidas pelos sertanistas migrantes, além da variedade falada pelos escravos para lá transferidos. Foi nesse contexto multilíngue e multidialetal que floresceu e se fixou a variedade de português falada, ainda hoje, na baixada cuiabana.

De modo complementar às ideias de Dettoni (2003) sobre as línguas já faladas pelos povos originários e as línguas trazidas pelos escravizados, Guimarães e Leme reforçam que estas terras não eram uma área desocupada, um imenso vazio, portanto:

Em função do legado histórico, dispunha de núcleos e experiências de vida urbana importantes, ainda que dispersas, expressão de uma ocupação descontínua e sustentada por uma base econômica tradicional, subproduto característico da atividade mineratória originária e, posterior e secundariamente, do ciclo da borracha, ao norte da região (GUIMARÃES; LEME, 1988, p. 27).

Nessa época, existia uma economia baseada na pecuária extensiva e na agricultura de subsistência. Essa realidade resultou em um regime de posse de terra e trabalhadores conglomerados, que caracterizavam as relações sociais e econômicas da região. Essas relações eram resistentes às transformações e estímulos do mercado. Devido a essa resistência, muitos camponeses foram "expulsos" de suas pequenas propriedades e se viram obrigados a aderir às novas relações instauradas pelo governo.

Com o avanço efetivo do complexo cafeeiro, houve uma demanda crescente por grandes extensões de terras. Isso levou à construção de ferrovias, com o objetivo de estender o transporte até Minas Gerais, no final do século XIX, permitindo que a abundância dinamizadora da economia alcançasse a Região Centro-Oeste. Durante o governo Vargas (1930-1945), foi implementada uma política que determinava a ocupação dos territórios fronteiriços, conhecida como Marcha para o Oeste. A respeito disso, Guimarães e Leme (1988) afirmam que:

As décadas de 50 e 60 marcaram, então, a arrancada no desenvolvimento do Centro-Oeste, puxada no primeiro momento pela intensa imigração atraída pela nova capital e pelos grandes projetos de migração, que promoveram rápido adensamento no interior dos Estados (...). Com a infra-estrutura e a expansão populacional iniciou-se a transformação das estruturas produtivas e, em particular, a ampliação da circulação de mercadorias e diversificação dos

setores produtivos nos núcleos urbanos estrategicamente posicionados como entrepostos comerciais. (GUIMARÃES; LEME, 1988, p. 42).

Os anos 60/70 foram fundamentais para a constituição da estrutura produtiva e a urbanização da região Centro – Oeste. Houve um grande esforço por parte do governo e empresas responsáveis pelas colonizações dos pequenos produtores de outras regiões do Brasil, principalmente das regiões sul, para incentivar a adesão ao programa de colonização, tanto privado quanto público. Nesse sentido, Guimarães e Leme (1988) pontuam que:

O processo social em que se constitui a diferenciação socioeconômica da pequena produção, frequentemente inclui a ocorrência de movimento migratório. Tanto mais significativo quanto o número de migrantes envolvidos, as distâncias percorridas e as razões que o provocaram, este movimento se constitui em uma tentativa de romper com as relações sociais que, ao se modificarem, assinalam um aumento das tensões que essas relações encerram e das dificuldades em superá-la. (GUIMARÃES; LEME, 1988, p. 58).

Dessa forma, o pequeno produtor abandonou sua produção em busca de trabalho externo e passou a idealizar a inclusão social por meio dos programas de colonização, motivando-o a romper com a sociedade de origem em busca de um novo modo de vida. Assim, incentivados e seduzidos pelas políticas públicas e com as boas condições das rodovias que conectavam Cuiabá aos grandes centros do país, muitas famílias de trabalhadores, principalmente oriundas das regiões do sul do Brasil, buscaram melhores condições de vida. Além de trazer seu conhecimento e mão de obra voltados para a agricultura e agropecuária, também trouxeram sua cultura e tradições. Ao chegarem nessas terras, depararam-se com brasileiros que falavam um português peculiar, pouco conhecido fora do estado de origem, o que gerou um estranhamento. Segundo Cox (2005), no falar cuiabano, as consoantes fricativas palatais possuem nuances, visto que:

Dentre os aspectos fonológicos envolvendo as consoantes, a realização das fricativas palatais [ʃ] e [ʒ] como as africadas [tʃ] e [dʒ] respectivamente, tem sido considerada a marca registrada do falar cuiabano e, não raro, usado como uma metonímia caricatural para designar a estranheza provocada pela variedade linguística aqui falada, a exemplo dos enunciados: (1) [ɛ kuja banu de 'tʃapɐ i 'kruʃ] “É cuiabano de tchapa e cruz.”; “Larga de moadje!” (2) ['largɐ de mu'adʒɐ] [...] Na fala dos cuiabanos, não se pronunciam como africadas as consoantes oclusivas dentais [t] e [d] antes da vogal anterior alta

[i], desigualmente ao que ocorre em muitos outros dialetos do português brasileiro. Dá-se também a palatalização da consoante fricativa alveolar [s] na posição de travamento de sílaba, lembrando a pronúncia carioca, nordestina e até mesmo a lusitana. Diz-se [ˈkɔʃtɐ] e não [kɔstɐ]. Articulada com esse fenômeno da palatalização, compartilhado por inúmeras variedades de português, a eliminação da semivogal anterior [j], antecedendo a consoante palatal [ʃ] em sílaba final, é um indicador de cuiabania linguística: o que muitos pronunciam como [dojs] ou [dojʃ], o cuiabano pronuncia como [doʃ], eliminando a semivogal [j], quando ela existe, e não interpor quando ela não existe, a exemplo de [xaˈpajs] e [nɔjs], como é frequentemente ouvido em vários dialetos de português. (COX, 2005, p. 79).

Para a autora, os traços encontrados no falar cuiabano ainda são encontrados em variantes provenientes do São Paulo, trazidas para o nosso estado pelos bandeirantes que preservavam traços da pronúncia do português arcaicos. Serafim da Silva Neto, se referindo aos paulistas, diz que eles substituíam “ts” por “ch”, em palavras como matso por macho e atso por acho, etc. (SILVA NETO, 1960). Cox (2009) enfatiza os aspectos dos fenômenos consonantais, como o rotacismo, que é característico no falar Cuiabano, embora não seja exclusivo dessa variedade linguística. Para ela:

Nos encontros consonantais tautossilábicos, ouve-se [r] em vez de [l], [pracc], [kˈrɔuij] e [ingres] em vez de [placa], [Clovis] e [inglês]. Em outras regiões brasileiras, pela sua associação com ruralidade, oralidade e analfabetismo, é um traço estigmatizado e timbrado com a pecha de caipirismo, é um marcador social, por assim dizer. Entretanto, na região da Baixada Cuiabana, é um indicador linguístico, pois reúne, indistintamente, falantes das zonas rural e urbana, pouco ou muito escolarizados e letrados, e ocorre em contextos de interação mais ou menos formais. (COX, 2009, p.5)

A autora afirma que em relação às vogais nasais, há dois modos de pronúncia utilizados, que soam diferentes para aqueles que vêm de outras regiões, pois:

Em primeiro lugar, nota-se o timbre da vogal baixa central [a] em contexto de nasalização. Uma palavra como “Ana”, que um paranaense, por exemplo, pronunciaria como [ɜnɐ], nasalizando e, concomitantemente, elevando a vogal, um cuiabano diria [ãɐ], com uma nasalização mais tênue e sem elevação, à maneira do espanhol. Em segundo lugar, é notável também a singularidade na pronúncia do ditongo nasal. Uma palavra como “irmãos”, o falante cuiabano pronuncia não [iɾˈmɔ̃ws], mas [iɾˈmõj], estando, pois, sujeita a um processo de homorganização entre vogal e semivogal (a vogal [a] se torna posterior, média e arredondada, assimilando propriedades articulatórias de [w]) que culmina com a monotongação do ditongo. (COX, 2009, p.6).

Em relação à variedade linguística de gênero, de acordo com Lima (2008), no falar cuiabano ainda encontramos variação na concordância do gênero gramatical, que é vivenciada diariamente pelas pessoas, tanto em espaços urbanos quanto rurais. Ele menciona estudiosos como Dettoni (2003) que afirmaram que o que ocorre no falar cuiabano é a neutralização do gênero. A seguir, apresentam-se alguns exemplos:

- a) Briga feio / braço bom.
- b) A paçoca tá fino / era homi era muié tudu manhecia morto.
- c) Esse raiz curtido na pinga, esse eu usei ele / benedita tava com a fia que tava pá morrê la casa do ermão dela.

Conforme os exemplos acima, Lima levantou a hipótese de que a variação na concordância do gênero gramatical poderia ser interpretada como ausência de marcação de gênero. No entanto, nos exemplos citados, essa hipótese não se confirma, pois é identificável a marcação de gênero. Isso leva à seguinte pergunta: como explicar casos de não marcação de gênero? Drummond (1995) defende que não se forma o feminino dos adjetivos, os quais se usam indistintamente no gênero masculino, aplicado a seres femininos e masculinos. Apoiando essa ideia, Ulisdete Rodrigues de Souza destaca que no português mato-grossense também não há marcação de gênero, pois o gênero masculino é utilizado para ambos os gêneros (SOUZA, 1999).

2.3 O Falar Cuiabano: variação e mudança

O estudo do falar cuiabano tem sido um tema constante nas pesquisas de Santiago Almeida (2005). Para o autor, é possível levantar a hipótese de que a vinda dos bandeirantes teve uma grande influência na formação sociocultural do povo mato-grossense, especialmente na baixada cuiabana. No início do século XVIII, muitos bandeirantes chegaram a essa região em busca de recursos humanos e naturais.

De acordo com Santiago-Almeida, esses bandeirantes trouxeram consigo um dialeto caipira e português arcaico. Com o contato linguístico entre esses falares e as línguas indígenas, surgiu o linguajar cuiabano como resultado dessa mistura. Para fortalecer sua tese, Santiago-

Santiago-Almeida (2005) realiza uma comparação entre as pronúncias de vogais e consoantes ouvidas na Baixada Cuiabana e as pronúncias registradas pela literatura sobre a história da Língua Portuguesa em séculos passados. Suas pesquisas revelam certos traços linguísticos fundamentais para a compreensão das características do português falado na região, bem como para a compreensão de sua formação étnica e da base linguística mato-grossense. Para Cox (2009, p76):

[...] falar cuiabano seria o resultado do contato, bastante estreito, entre o dialeto caipira, recheado, ele próprio, de elementos típicos do português arcaico, e as línguas indígenas faladas na região. Para sustentar a tese de que traços do falar cuiabano são arcaísmos de português que chegaram à região com a fala caipira dos bandeirantes.

Souza (1999) propõe a hipótese da criouliização, ou semi-criouliização, como uma possível explicação para os traços do falar cuiabano. Com base em sua tese, a autora retrata as condições socio-históricas que podem ter contribuído para o processo de criouliização linguístico-cultural no cenário brasileiro. Ela acredita que em locais de aglomeração e aglutinação humana, especialmente durante a efervescência das minas, ocorreu a mistura de povos e línguas em diversos aspectos, resultando em uma formação linguística híbrida com características marcantes de criouliização.

Portanto, de acordo com as informações apresentadas, o falar cuiabano pode ser resultado de um isolamento causado principalmente por fatores geográficos. Esse isolamento teria permitido a preservação de traços linguísticos arcaicos trazidos pelos bandeirantes caipiras. Além disso, houve um processo de criouliização no qual as línguas indígenas faladas pelas nações que habitavam a região e as línguas africanas trazidas pelos escravos se misturaram com as estruturas gramaticais do português. Além disso, não se pode desconsiderar a influência do castelhano devido à vizinhança com regiões de língua espanhola. De modo complementar, Dettoni (2003, p. 197) afirma que:

Conviveram, nesta região, em diferentes momentos e em diversos graus de intensidade, as línguas indígenas nativas, a variedade castelhana da fronteira, a língua dos bandeirantes colonizadores, diversas variedades do português ali introduzidas pelos sertanistas migrantes, além da variedade falada pelos escravos para lá transferidos. Foi nesse contexto multilíngue e multidialetal que floresceu e se fixou a variedade de português falada, ainda hoje, na baixada cuiabana.

O excerto destaca a riqueza linguística e cultural que permeou a baixada cuiabana e reflete os diferentes grupos étnicos e sociais que ocuparam e interagiram nessa localidade ao longo dos séculos. A presença de línguas indígenas nativas é um testemunho da ocupação ancestral dessas terras antes da chegada dos colonizadores europeus. A variedade castelhana da fronteira indica a influência dos povos espanhóis que estabeleceram contato e trocas comerciais com a região fronteira. Por sua vez, a língua dos bandeirantes colonizadores, provavelmente uma variedade do português arcaico, foi trazida pelos exploradores que adentraram o interior do Brasil em busca de riquezas e mão de obra.

As diferentes variedades do português introduzidas pelos sertanistas migrantes constituem a diversidade linguística do Brasil colônia e a sua expansão para o oeste. Esses migrantes traziam consigo as peculiaridades regionais das áreas de origem, enriquecendo ainda mais o panorama linguístico da baixada cuiabana. A presença desses diferentes grupos étnicos e suas respectivas línguas influenciaram e deixaram marcas na variedade de português falada na região. O contexto multilíngue e multidialetal em que se desenvolveu a variedade de português na baixada cuiabana é de extrema relevância para entender a diversidade linguística e cultural do Brasil.

Ainda nessa linha de pensamento, Cox (2009) reforça que:

Aproximar-se do cenário mato-grossense no século XXI é aproximar-se de uma trama linguística que enreda muitas vozes. A história de sua formação, nos idos dos séculos XVIII, XIX e XX, e a sua história recente, nas últimas quatro décadas, entrelaçam-se e imprimem nesse tecido uma cor matizada (COX, 2009, p.16).

Conforme destacado pelos autores, Mato Grosso foi um estado que manteve por muito tempo um cenário linguístico homogêneo, em grande parte devido à sua localização geográfica. No entanto, nas últimas quatro décadas, o estado passou por um significativo fluxo migratório, o que resultou em um cenário linguístico cada vez mais heterogêneo. Para Cox (2008, p.08) “escutam-se aqui não mais apenas as notas do falar cuiabano, mas também as do gaúcho, do paranaense, do catarinense, do goiano, do mineiro, do paulista, do nordestino entre outros brasileiros”. Por esse prisma, a autora revela que quando este tipo de relacionamento linguístico

ocorre, é inevitável um conflito. Isso porque normalmente tais diferenças tendem a ser hierarquizadas, seja por questões econômicas, seja devido à (des) atribuição de prestígio. Para Ferreira e Cardoso:

[...] falantes de uma mesma língua, mas de regiões distintas, têm características linguísticas diversificadas e se pertencem a uma mesma região também não falam de uma mesma maneira tendo em vista os diferentes estratos sociais e as circunstâncias diversas da comunicação. Tudo isso deixa evidente a complexidade de um sistema linguístico e toda a variação nela contida. (CARDOSO; FERREIRA, 1994, p.12).

Percebemos no excerto que a heterogeneidade linguística, as variações e o uso da língua são inerentes ao seu uso na sociedade. Assim, a convivência entre os mato-grossenses de origem local, chamados de “Tchapa e Cruz” e os migrantes de outras regiões do Brasil, conhecidos como “Paus Rodados”, foi marcada por conflitos históricos e culturais. Os colonizadores provenientes principalmente das regiões sudeste e sul chegaram com uma mentalidade de superioridade, considerando-se melhores e desenvolvidos. Nessa época, o Rio de Janeiro era tido como referência para tudo, a convivência não foi pacífica e Mato Grosso era visto pelas lentes da exotividade. Assim, o falar cuiabano foi alvo de críticas constantes. A respeito disso, Cox (2006) revela que:

De tanto ouvir que sua fala é “horível”, “esquisita”, “estranha”, “caipira”, “carregada”, “arrastada”, de tanto sentir se sub-avaliado, subestimado, minorizado, estigmatizado, ridicularizado, de tanto ver-se pelo olhar do colonizador, hoje maioria no Estado, o mato-grossense foi passando, ele mesmo, a ver-se/pensar-se/dizer-se pela voz do outro – “pelo amor de Deus, esse nosso “tcha-tcha-tcha” é horrível! ”. Sua voz é uma resposta em eco da voz do colonizador. (COX, 2009, p.09).

Essas raízes históricas do preconceito linguístico relacionado ao falar Cuiabano, segundo Cox (2009), até hoje geram atitudes negativas, como deboches, discriminações e pressões sociais. Para a autora, a mídia foi conivente com essa situação, pois, com a chegada da televisão em MT as pessoas passaram a observar que seu modo de falar era diferente e começaram a sentir vergonha de sua língua vernácula.

Assis-Peterson (2005, p. 195), após entrevistar 84 cuiabanos sobre sua língua materna, observou que "sob o impacto de forças discriminatórias e diferentes pressões sociais que

estigmatizam a pronúncia carregada dos cuiabanos, fortemente marcada pelos sons [tchê] e [djê], muitos cuiabanos sentiram-se obrigados a suprimir traços de seu linguajar". Nessas circunstâncias depreciativas em relação à cultura local, o falar cuiabano foi enfraquecendo, se fechando e se apagando. Uma das características mais distintivas do falar cuiabano, quando comparado a outras variedades do português no Brasil, é a ocorrência das africadas [ts] e [dj] na palavra "chuva" [ˈtsuva].

Segundo Palma (1984), brasileiros e pessoas de outras regiões costumavam "estranhar" essa marca regional, considerando-a "desconhecida". É importante ressaltar que as africadas [ts] e [dj], como fonemas e não alofones, não são comuns no português do Brasil, causando uma impressão acústica de estranhamento no ouvinte. Nesse sentido, Palma (1984, p. 24) apresenta depoimentos de informantes como o de um homem paulista que tinha se mudado para Cuiabá. Ele disse "assim que cheguei aqui (há dezesseis anos), não conseguia entender nada do que aquela garotada (engraxates) dizia na porta do hotel".

De acordo com Dettoni (2003), a não redução das vogais médias em posição átona final é um aspecto fonológico que contrasta com o que ocorre na maior parte do território nacional. Por exemplo: 'deste' - [deSte], 'distrito' - [diS'trito]. A fricativa alveolar [S] em posição final de sílaba se palataliza para [ʃ], fenômeno equivalente à palatização presente no carioca e no português europeu. O falante cuiabano pronuncia [maʃ] para "mais", excluindo a ditongação, ou seja, transformando o som único em som duplo. Por exemplo: /ma/ > /mays/.

Ainda para Dettoni (2003) a desnasalização da vogal /a/ é um outro traço da fonologia do falar cuiabano. Souza (1999, p.148), assevera que "ocorre a cisão da vogal /lã/ em /a+/N/ e, como resultado, a vogal é desnasalizada e o seguimento nasal passa a figurar na estrutura vocabular" Ex: /kri'aNsa/ para 'criança', ma' maj para 'mamãe'. A autora apresenta ainda a expressão "diz que ou diz-que", muito comum no linguajar cuiabano, como sendo marcação de indeterminação. Vejamos o exemplo a seguir:

Disque
 Num tempo tão antigo
 Que certeza ninguém dá
 Existia um rio lindo
 chamado KYVAVERÁ [...]
 [...] Diz-que, naquele tempo, as lontras nadavam na corrente
 mergulhavam, surgiam adiante
 Os raios de sol refletiam
 Tornavam as lontras cintilantes [...]
 (SCAFF, I. C. p.18)

A expressão “diz-que” indica algo que foi dito por alguém, sem ter certeza de quem falou. Trata-se de uma forma de introdução de um discurso indireto, encontrada na fala do amazonense, porém de origem lusitana, advinda do português arcaico. Ainda sobre o linguajar da baixada cuiabana, Dettoni (2003) aponta o gênero gramatical como variedade linguística e que ocorre em três tipos de construções sintáticas distintas:

- i) nas relações internas ao sintagma nominal: “noite inteiro”, aquela argola bonito” “ cara feio”, “cozinheira nosso”
- ii) na relação sujeito/predicativo: “ minha mamãe era vivo”, “ esta mão tava bobo”, “ a minha turma fica tudo espantado”;
- iii) nas relações anafóricas: “ tinha uma senhora vizinho, ele era este: “ desquitado”, “ Esse raiz de São João curtido na pinga, esse eu usei ele” (DETTONI, 2003, p.17)

De acordo com Dettoni (2003), embora a variação na concordância de gênero não seja um dos aspectos mais distintivos do dialeto cuiabano, ela se enquadra perfeitamente no conjunto de formas estigmatizadas. Em seu livro, a autora afirma que, em 1980, um dos informantes de seu estudo disse que as pessoas de fora, isto é, oriundas de outras partes do Brasil, deveriam ajudar os cuiabanos a mudarem seu jeito de falar.

Percebe-se nessa fala o quanto o migrante se incomoda com o falar do outro, chegando ao ponto de interferir para que o mato-grossense utilize a variante “ela” quando a variante lexical for feminina. Dettoni (2005) destaca que a variável da concordância de gênero é um traço linguístico do “falar cuiabano”. Segundo ela, é comum encontrar na fala típica, não somente dos cuiabanos, mas também dos moradores dos municípios da Baixada Cuiabana, construções tais como “banana maduro”, “noite inteiro”, “minha mãe era vivo”. Esses traços na fala dos usuários da variedade do português ainda são encontrados nas cidades da baixada cuiabana, porém com menos frequência nas zonas urbanas da capital Cuiabá.

Segundo a autora, as formas pronominais de 3ª pessoa, ele, ela, são utilizadas de forma alternada, para repetir o que já foi dito, por exemplo: Venha cá menina, traz a mandioca, lava ela, rela ela no ralador e faz biju!!! Dettoni (2005) reconhece que se deve examinar os caminhos percorridos pela mudança linguística quais vem passando o falar cuiabano em relação à mudança de gênero, pois tem se verificado com menos frequência este tipo de ocorrência, e encontra-se mais a norma próxima do uso padrão.

Segundo Possari (2005), para se compreender o falar cuiabano é preciso considerar aspectos de regência, concordância e gênero. Vejamos os exemplos: “Ele está de uma brusa vermelha”; “ Esse carro é seus? ” (de vocês); “ Vou no mamãe” (vou à casa de mamãe”); “

Óia, tá co a boca cheio (cheia) de formiga”. (POSSARI, 2005, p.167). Há ainda expressões como:

[...] ri pra catiça” (ri muito), “ tchá por Deus!”, “ eh, ah, mas agora quaaaando!” (espanto dúvida), “ bunito pr’ xua cara!” (que vergonha!); “xas criança!” (vocativo: crianças”), “ siminino” (menino!, garoto!, - vocativo), “rixca pra mim” (ligue pra mim), “ pôr o assunto em diax”, “ pau rodado” (imigrante). E ainda alguns termos como “tocera” (convencido), “ digoreste” (bacana), “ bambolê” (chinela havaiana).

A partir dos exemplos catalogados, Posari (2005) afirma que o que mais caracteriza as diferenças do falar cuiabano em relação aos falares de outras regiões do Brasil é a entonação e a musicalidade. Frente a essas especificidades, torna-se pertinente destacar que o governo de Mato Grosso e a elite cuiabana, nos anos 80 resolveram erguer a bandeira da cultura local. Gruzinski (2001) menciona que, nesse período, para defender as tradições locais as pessoas utilizaram até mesmo expressões sanguinárias e xenofóbicas. Assim, houve uma revolução cultural, em que vários artistas se uniram em prol da preservação da cultura cuiabana. Nesse período, foram fundados alguns grupos teatrais, saraus, serestas, com o intuito de preservar a identidade local.

Nasceu, então, o Muxirum Cuiabano (mutirão Cuiabano), cujo principal objetivo era o de que o linguajar cuiabano e a cultura musical fossem respeitados. Importante frisar que os participantes do Muxirum Cuiabano eram, na sua maioria, os filhos de cuiabanos que foram estudar no Rio de Janeiro e retornaram à terra natal. Assim, projetos passam a ser executados para a valorização dos ribeirinhos, artesãos, bordadeiras, confeccionadores de viola de cocho, etc. Nessa perspectiva de resgates, despontaram muitos artistas como Liu Arruda, um ator de humor que criou personagens como “comadre Nhara” que era da elite, falava cuiabano e abordava diversos assuntos, inclusive políticos. Nasce também Nico e Lau, dois personagens caipiras, interpretados por Lioniê Vitória e Justino Astrevo que utilizam a cultura popular como pano de fundo para contar causos, estórias de pescador, caçador, assombração, e outras regionalidades.

Nessa mesma época, os grupos folclóricos de siriri e cururu permaneciam intocados, sendo cantados e dançados somente pelos idosos. Os grupos ainda eram tipicamente tradicionais. No entanto, as influências culturais, políticas e econômicas passam a influenciar na vida cotidiana das comunidades tradicionais e as transformações dos valores passam a ser outros. O jovem começa a perder o interesse pela sua cultura, provavelmente ainda influenciado

pela opinião dos imigrantes, que trouxeram sua cultura, fundaram centros de tradições sulistas que divulgavam e faziam bailes para as comunidades em geral. Segundo Geertz (2000, p.197):

A medida em que o mundo se torna mais rigorosamente interligado, que as pessoas se deslocam de maneira imprevista, apenas parcialmente controláveis e cada vez mais maciças e que novas linhas são traçadas enquanto as antigas se apagam, o catálogo de identificações disponíveis se expande, contrai-se, muda de forma, evolui e se desenvolve.

Não somente Cuiabá, mas Mato Grosso como um todo passou por mudanças exponenciais a partir da década de 90. Nesse período, ocorreu um rápido crescimento das cidades, resultando em um aumento populacional significativo e um desenvolvimento urbano significativo. Esse crescimento trouxe consigo uma maior diversidade linguística, ou seja, um aumento no número de línguas e dialetos falados na região. Esse fenômeno pode ser atribuído à chegada de pessoas de diferentes origens e culturas, em busca de novas oportunidades e dos recursos oferecidos pela região em expansão.

Essa multiplicidade linguística reflete as transformações sociais e culturais que ocorreram em Mato Grosso, destacando a influência das mudanças socioeconômicas na vida das pessoas e na configuração das cidades. Apesar disso, muitas tradições permaneceram fortes ao longo dos anos, como as toadas do cururu e do siriri. Portanto, no próximo capítulo, abordaremos um pouco mais sobre essas manifestações culturais.

CAPÍTULO III - CURURU – DO ASPECTO HISTÓRICO À MANIFESTAÇÃO CULTURAL

Todas as vezes que não temos dados seguros para conhecer as raízes de um traço de cultura, cabe a aventura intelectual da suposição, contando que fundamentada em documentos idôneos e desenvolvida segundo os princípios lógicos da disciplina a que se liga o estudo. Assim, estaremos perto da verossimilhança, que é uma forma modesta e por vezes frutuosa de verdade. O que importa é não confundir os planos e nem querer dar a tentativas desta espécie o caráter de certeza. (CÂNDIDO, 2018, p.151-152).

3.1 As Toadas do Cururu

As toadas do cururu são manifestações folclóricas típicas de Mato Grosso, sendo uma das expressões culturais mais importantes do estado. Acredita-se que sua origem remonta à época dos jesuítas, quando eram praticadas dentro das igrejas. Posteriormente, com a chegada de outras ordens religiosas, as toadas foram marginalizadas e ruralizadas. Até os dias de hoje, essa manifestação cultural é realizada por dois ou mais cururueiros, acompanhados por instrumentos musicais como a viola de cocho, o ganzá, o mocho, etc.

O cururu é descrito por Cascudo (2001) como uma manifestação presente nos estados de Goiás, São Paulo e Mato Grosso. Trata-se de uma dança de caráter religioso, provavelmente de origem ameríndia, introduzida nas festas cristãs pelos missionários jesuítas. A palavra "cururu", na língua tupi, significa sapo. Com relação a esse vocabulário, Baldus (1937) destaca que, nas tribos da família linguística tupi, o roubo do fogo é atribuído ao sapo devido à sua capacidade de engolir coisas ardentes.

Dessa forma, essa manifestação cultural de influência indígena despertou o interesse de pessoas de várias partes do Brasil. Segundo Schmidt (1942), em uma viagem de Rosário para Cuiabá, deparou-se com a Festa de Rosário e registrou suas impressões, conforme o relato a seguir:

Já no dia 31 de dezembro de 1900 a festa da Imaculada Conceição foi comemorada solenemente. Assim, para este dia, uma das famílias transformou a sua mísera cabana em um local de reunião, para o qual em breve convergiu um certo número de pessoas de todas as graduações de côr. No interior da casa foi erigida uma espécie de altar. Um caixote de vidro com diversas imagens de santos havia sido enfeitado com papel de côr e fitas de pano; diante d'êle

ardiam duas grandes velas. Uma banda militar, que se pode caracterizar pelo fato de o regente da mesma ser ao mesmo tempo o tangedor dos pratos de cobre e o timbaleiro, começou o início da cerimônia. Seguiram-se longas orações com cantos e música. Dois velhos negros ajoelhavam-se diante do altar orientando êsses cantos e orações, ficando atrás dêles muitas senhoras. Pouco depois fez-se um intervalo em que foi servida aguardente e, então, agrupou-se em tórno do altar certo número de dansantes, formando semicírculo para começar a dansa do "cururú", tão conhecida em Mato Grosso. Parte dos que dansavam acompanhava na "viola" os versos alí mesmo improvisados pelos cantores. Outra parte dos presentes seguia ó ritmo por meio de um pau que roçava numa ripa de bambú, instrumento que denominam "caracacha". Os dansarinos dispuseram-se em duas filas e, depois, em círculo fechado. Assim foi indo, cada vez mais animadamente, até a madrugada, sendo apenas interrompido o movimento, de vez em quando, para se afinar os instrumentos de corda e dar aguardente aos cantores, o que lhes emprestava novas forças. (1942, 1900, p.14).

Como se pode verificar, a Festa do Rosário é organizada a partir de uma liturgia que contempla os elementos do cururu. Segundo Schmidt (1900), dentro das casas, as pessoas dançavam o cururu; fora dela, o siriri. A seguir o próprio autor apresenta alguns versos de cururu que tomou nota em Amolar, no Rio Paraguai. Segundo ele, os versos eram preferidos pela população negra. Além disso, o sentido das estrofes era frequentemente vazio, pois eram inspirados na vida dos próprios cantores. Vejamos:

1) Lá la lá la lí la Ião
 Lá la lá la lí la Ião
 Já fúí, já vim eu só
 Lá no caminho de saudáde de vossé
 Quando lembráva de vós

2) Lá la lá la lí la Ião
 Lá la lá la lí la Ião
 Meu amor já fói embora
 Éu não dígo que éu não sínto
 Mas chóra por éle não

3) Ái menina
 Quándo mim vér em passéio
 Me dá um pérto de mão

4) Eáh, eu mésmo !
 Ascénde cigárro me dá. (SHIMIDT, 1942, p.109).

Na oportunidade, Shimidt (1990) registrou também que a festa do cururu começou imediatamente com uma dança. Todos formaram um círculo, os cururueiros afinaram seus instrumentos, alguns pratos foram usados como pandeiros para as colheres e, logo em seguida,

ouviram-se as vozes que cantavam os versos juntos. O movimento regular e ritmado em círculo era ocasionalmente interrompido por alguns saltos executados por um dos participantes. O pequeno espaço de alguns metros quadrados era levemente iluminado por uma chama mergulhada em gordura dentro de uma tigela. Conforme relata Schmidt (1900), a bebida alcóolica era um elemento que fazia parte da festividade, o que levava os participantes extravasarem vários sentimentos, como ódio, tristeza, amor, inveja, etc. Vejamos o relato do autor a seguir:

Dessa maneira verificou-se o cururú em Bracinho, e assim a nossa festa em Figueira. Koslowsky relata urna cena de luta após o prazer do álcool entre os guatós do Paraguái, verificada entre tio e sobrinho; a respeito dos guatós do rio S. Lourenço, um velho colono de Amolar contou-me que, alí, no fim de uma festividade dessas, um homem havia morto o irmão por causa de uma velha rixa. Os dois irmãos entraram em luta por causa de uma mulher. O cacique havia reconhecido a mesma como pertencendo a um dêles, o que fez com que acabassem com a briga, mas, ébrios como estavam alí na festa, o ódio antigo dominou-os, levando-os ao fratricídio. Na festa de Figueira eu mesmo fui testemunha de como aqueles versos, improvisados durante o cururú, exprimiam cada vez mais à vontade os seus sentimentos. Enquanto eu mesmo tomava parte e dançava, tudo ia muito bem e era possível manter os espíritos em altura moderada. Mas, afinal - já quasi ao amanhecer - fui deitar o meu corpo ainda fraco para descansar um momento, embora acordado, pois queria vigiar o resto da cachaça que tinha ao pé de mim. Nisso Reginaldo chamou-me (felizmente êle costumava manter-se sóbrio em ocasiões difíceis) para intervir numa contenda que começava a desenrolar-se entre os índios do sexo masculino. E" que o velho Timóteo havia em verso provocado a briga, encontrando como adversário um rapazola [...]. (SCHMIDT, 1942, p.116).

Percebe-se nas palavras do autor que o cururu era praticado também entre os índios guatós que, em decorrência da embriaguez, criavam versos cada vez mais provocativos e relacionados às adversidades da vida em comunidade. Por conta disso, às vezes, as festanças eram marcadas por conflitos. Ao conviver com a etnia, Schmidt (1942) tentou ensinar algumas canções alemãs aos indígenas, entretanto, não obteve sucesso. Ele afirma que procurou:

[...] por todas as maneiras obter algumas narrações que pudesse fielmente anotar, prometendo-lhes em troca mundos e fundos, mas sempre me diziam: "Não tem mais". As canções alemãs quasi não surtiam efeito; não se davam ao trabalho de aprender uma melodia nova e pouco habitual aos seus ouvidos. Preferiam certamente o canto ao cururú, uníssonos e muito menos cansativo, embora durasse longo tempo, com o acompanhamento da viola, instrumento interessante, mas simples, feito por êles, [...]a que sempre se acrescenta o ranger rítmico da caracachá [...] (SCHMIDT, 1942, p.252)

Ribeiro (1919) especulou em suas pesquisas algumas conclusões sobre a origem da palavra “cururu”. Para ele, o termo era utilizado nas práticas ritualísticas indígenas, visto que os termos bacuru, bacururu e cururu estariam presentes nas cerimônias fúnebres dos bororos. Antônio Cândido (1999), por outro lado, contesta as alegações de Ribeiro (1919) e apresenta uma outra perspectiva, pois o:

Cururu é, como vimos, palavra tupi, e nada tem a ver com a referida cerimônia, cujo nome verdadeiro é “róia Kurireu”, ou “canto grande”, iniciado com uma imprecisão em que surge o nome de um dos heróis civilizadores dos Bororo, os gêmeos míticos Bakororo e Itubore: “a-a o-o Bakororo e Itubore”. A transcrição defeituosa de João Ribeiro serviu de asa à sua imprudente conclusão. (CÂNDIDO, 1999, p. 388).

De modo complementar, Holanda (1957) destaca a dificuldade dos indígenas com a pronúncia da palavra “cruz”, sendo pronunciada por eles “curuzu” ou “curuça”. Num processo de transformação, há a hipótese de incorporação de uma palavra por outra, como “curuça”, “curussé” ou “curuzu”, para “cururu”. No que diz respeito à musicalidade do cururu, merecem destaque alguns instrumentos que tradicionalmente são tocados somente por homens. Começemos pela viola de cocho, que é um dos símbolos da cultura mato-grossense.

Figura 7: Viola de Cocho



Fonte: Quer Arte (2022, *online*)

Segundo Rocha (2015), tradicionalmente a viola de cocho era confeccionada de forma artesanal, a partir de troncos retirados de uma árvore nativa chamada sarã ou ximbuva, ou ainda

à maneira dos cochos, de madeira inteiriça. Tanto o braço, como a caixa de ressonância eram esculpidos a partir de uma peça inteiriça de madeira. De maneira diferente, o tampo era feito de madeira fina de figueira; as demais partes, como o cavalete, eram confeccionadas em cedro. Antigamente, usava-se a cola produzida com “poca”, bexiga natatória de piranha. As cordas eram feitas das tripas do macaco e os “pontos” ou trastes do espelho, a partir de barbantes de algodão com cera de abelhas. Entretanto, seu processo de criação se modernizou e hoje é confeccionada com produtos industrializados. Porém, o método artesanal é um matrimônio cultural incomensurável para o Estado.

Ainda com relação aos instrumentos, vale destacar as informações presentes na Web série disponível no Youtube “Viola dy Anjos” (2021) sobre a contribuição do professor Abel dos Santos Anjos Filho, maestro e arranjador, experiente na área de História da Música no Ocidente, com ênfase em Canto Gregoriano. Ele foi um grande incentivador do uso e difusão da viola de cocho, instrumento que conheceu no final da década dos anos 80, quando migrou para Mato Grosso. Em uma entrevista

Segundo Abel, ao chegar por essas terras, se deparou com um pequeno instrumento - a viola de cocho, sendo apresentada a ele através de alguns cururueiros que havia conhecido. Abel mencionou em uma entrevista que se encantou pela viola e que através de estudos e pesquisas, descobriu que esse instrumento foi utilizado na primeira manifestação cultural do Brasil, a 1ª Missa Cristã, onde os Tupinambás não conseguiam pronunciar a palavra cruz, e diziam curuzu ou cururu, manifestação que, tempos depois, chegou às terras pantaneiras pelos tropeiros de Sorocaba.

Em 1989, Abel dos Anjos ingressou na Universidade Federal de Mato Grosso e acabou conhecendo um dos grandes mestres do cururu, o senhor Caetano, também confeccionador de violas de cocho. Em parceria com o artesão, Abel lançou o Projeto “Viola de Cocho – Novas Perspectivas”, em que aprofundou as pesquisas junto aos mestres cururueiros João Batista Rodrigues, Manoel Severino de Moraes e Chico Sales. O projeto expõe um método fácil e detalhado de tocar o instrumento e foi encaminhada para diversas universidades da Europa e Estados Unidos, levando ao mundo um instrumento que havia desaparecido no século XVIII e renascido em terras pantaneiras, e hoje encontra-se vivo, forte, tocando e cantando músicas de louvores aos amores nas terras Mato-grossenses.

Segundo o professor Abel, desde a bíblia a viola aparece em 1º Crônicas “ E Davi ordenou aos chefes dos levitas que designassem alguns de seus irmãos como cantores para tocarem com seus instrumentos musicais, com alaúdes, harpas e címbalos, e levantarem a voz com alegria ”. O alaúde é o instrumento que inspirou a criação da viola de cocho. Suas origens

remetem à vinda dos europeus para as terras brasileiras; era frequentemente utilizado nos bailes da elite da época e, posteriormente, pelos escravizados e pelas pessoas mais humildes. Conforme relatos de Abel dos Anjos, o mundo havia esquecido o alaúde desde o século XVIII, no entanto, agora, em pleno século XXI, o mesmo instrumento, só que em forma de cocho estava sendo utilizado pelos cururueiros no interior do Brasil. Além da viola de cocho, destaca-se o ganzá, conforme a figura a seguir:

Figura 8: Ganzá



Fonte: Federação Dos Grupos De Cururu E Siriri De MT (2023, *online*)

O ganzá ou caracaxá é uma espécie de reco-reco feito de taquara, com cerca de 50cm de comprimento. Ele é repleto de ranhuras ou sulcos nas transversais. Para tocá-lo, passa-se um osso ou pedaço de madeira de forma longitudinal na taquara, onde foram feitas as ranhuras. Para melhora o som, são feitas algumas rachaduras no bambu. Quando os tocadores se reúnem em uma roda de cururu, geralmente são utilizados dois ganzás. Quanto a origem, há uma controvérsia. Alguns dizem ser africano, outros indígenas. Em viagem para Portugal, em 2022, eu e o Grupo Chalana participamos do Festival de Folclore na cidade de Guimarães. Na oportunidade, tivemos a grata satisfação de encontrar um tocador de ganzá português, cujo nome do instrumento ele disse ser “Reco-reco. Vejamos abaixo algumas fotos do instrumento que muito se assemelha ao ganzá Mato-grossense.

Figura 9: Tocador de reco-reco

Fonte: Arquivo pessoal (2022)

Figura 10: Cururueiros

Fonte: 10º Festival De Cururu E Siriri (2011, *online*)

Vários autores que pesquisaram sobre o cururu em Mato Grosso concluíram que as melodias usadas nas cantorias são simples, compostas por frases curtas. A respeito disso, Loureiro (2006, p.73) afirma que as toadas do cururu são repetitivas, de poucas notas, “acompanhada pelo ritmo marcado da viola de cocho, ganzás [...], em uma voz anasalada, muito difícil de ser entendida por quem não é da região”. De modo complementar, Martins Junior (2006, p.82) menciona o modo “anasalado e lamuriado” dos cururueiros, cantando as toadas em duas ou mais vozes, com uma pronúncia quase que indecifrável.

Para Rocha (2015), alguns estudiosos referem-se à linguagem do cururu como poética, singela e espontânea, pois há ausência de uma combinação métrica para os versos, chamados de “pés” pelos cururueiros. Outra característica utilizada nas toadas são os cantos, compostos

por sons monossilábicos que antecedem os versos, ou seja, é como se fosse uma preparação para a entoada dos versos. Escalante (1986, p.52), ao pesquisar o cururu no médio norte Tietê, aponta que o trecho chamado baixão: “é o canto que antecede o desafio, espécie de preparação, sem versos, cantado sobre os monossílabos ‘ai’, ‘lai’ e ‘nai’ geralmente”. Já em Mato Grosso, o baixão é conhecido como arremate da cantoria, utilizado para finalizar um trovo, toada ou carreira (ROCHA, 2015).

Com relação à coreografia comumente utilizada em festas que homenageiam algum santo padroeiro, o Cururu é dançado após os cururueiros, terminarem de cumprir a obrigação para com o santo homenageado e os cumprimentos com as pessoas importantes da casa. Inicialmente, pedem licença aos donos da casa para cantarem e louvarem. Em seguida, começam a dançar em círculo, no sentido horário, cantando e executando passos curtos, outras vezes mais alongados. Durante a execução, a cantoria se torna mais animada e alguns dançarinos fazem meneios livres, ajoelhando e rodopiando, enquanto dançam e tocam. São “volteios burlescos”, segundo (MOUTINHO, 1869, p. 18)

Rocha (1981) completa a descrição do sapateado do cururu ao dizer que:

[...] não é um simples bate-pé, mas forma um conjunto harmônico, uma coreografia, onde as pessoas se entrecruzam, mas não se chocam, onde os joelhos quase tocam o chão e ao mesmo tempo em que o tronco se desloca, rapidamente, ora para a direita, ora para a esquerda, um ao contrário do outro, numa alternância tão sincronizada, que não perdem o equilíbrio, nem se esquecem de dedilhar as violas que, nesse momento, ficam um pouco mais presas contra o peito. No sapateado podemos sentir através da magnitude do entusiasmo, uma completa liberação do corpo. As fisionomias se iluminam refletindo um sentimento de realização e de satisfação interior. (ROCHA, 1981, p. 35)

É neste momento que a entonação dos versos e as toadas tornam-se menos compreensíveis de entender, devido à rapidez e à empolgação que são entoados. O folclorista, jornalista e escritor Cornélio Pires (2002), em seu livro *Conversas ao Pé- do- Fogo* definiu o Cururu como uma:

Dança em que tomam parte os poetas sertanejos, formando rodas e cantando cada um por sua vez, atirando os seus desafios mútuos. [...]. Os cururueiros cantam sem amostras de cansaço, desde o anoitecer até o amanhecer. É uma dança mista do africano e do bugre. (PIRES, 2002, p.109).

Como se pode verificar no excerto, o autor caracteriza o cururu como uma dança em que os cururueiros demonstram vigor e energia ao executar os passos improvisados. Ao iniciarem a dança, os participantes formam círculos e fazem referência à identidade mestiça da cultura caipira, e à mistura cultural do africano e do bugre. Em um outro documento, Pires (2002) destaca o caráter religioso da dança que descreve cenas rurais onde “caboclos, pretos e mulatos” cantam “na carreira do Sagrado”, em frente ao altar da sala, na casa de um dos festeiros. Após os louvores aos santos e as homenagens aos anfitriões e aos festeiros, as toadas do cururu acabavam por tomar outro rumo. Tornavam-se “desaforados desafios” em que os participantes passavam a provocar uns aos outros, como se pode ver nas palavras de Cândido:

Dança praticada pelos caboclos de São Paulo, Goiás e Mato Grosso. Em nosso Estado, não se encontra por toda a parte, mas em certas zonas velhas – notadamente a periferia da capital e a Baixa Sorocaba. Fora daí, ocorrerá por difusão recente, e tudo leva a crer que se tenha formado na primeira das áreas mencionadas. As suas formas são várias, mas essencialmente consta de uma dança rodeada em que tomam parte via de regra apenas os homens, de uma saudação aos presentes; uma louvação aos santos e finalmente desafios em que os contendores – sempre dançando – propõem uns aos outros problemas, de fundo religiosos ou profano, visando derrotar o adversário e exaltar a própria pessoa” (CÂNDIDO, 2018, p.151)

No que diz respeito às coreografias mobilizadas na cerimônia do cururu, Cândido destaca algumas peculiaridades, pois:

[...] Em certas festas populares, religioso-coreográficos, tais como a dança de São Gonçalo e a dança de Santa Cruz, pelo menos nos arredores de São Paulo, após cada número do cerimonial, dança-se um Cururu'. Ora, os processos coreográficos desta dança têm um tal e tão forte sabor ameríndio, pelo que sabemos de danças brasílicas com a cinematografia atual, que não hesito em afirmar ser o Cururu uma primitiva dança ameríndia, introduzida pelos jesuítas nas suas festas religiosas, fora (e talvez dentro) do tempo. E esse costume e dança permaneceram até agora. (CÂNDIDO, 2018, p.152).

A visão de que o cururu possui influência religiosa está presente na perspectiva dos folcloristas, e até o momento não há respostas científicas definitivas para essas questões. Como mencionado em relatos anteriores, o cururu tem suas origens associadas ao trabalho de catequização dos indígenas durante o período colonial do Brasil. No entanto, observa-se que o

cururu nunca foi puramente sacro, pois algumas ações durante o rito são consideradas profanas.

Muitas vezes, após os ritos religiosos de louvação aos santos, os cantadores e dançarinos do cururu substituíam as toadas de louvação por letras de desafios, às vezes acaloradas e desrespeitosas, que eram prontamente rebatidas por outro participante. Essas disputas eram geralmente incentivadas pelo consumo de bebidas alcoólicas como cachaça. No século XIX, a igreja católica passou a desaprovar a realização do cururu em suas festas de santo, o que contribuiu para sua estigmatização.

Naquela época, os cururueiros não eram organizados como nos festivais atuais; as pessoas que participavam eram indivíduos comuns, incluindo escravizados libertos, trabalhadores de diversas origens e, em sua maioria, pessoas menos favorecidas financeiramente da sociedade cuiabana. Em janeiro de 1831, a câmara municipal de Cuiabá aprovou o Código de Posturas, que proibia o cururu com o objetivo de prevenir brigas, esfaqueamentos e mortes (PEREIRA JUNIOR, 2009). Segundo o autor, em outro documento intitulado "adotando medidas de prevenção e danos", a câmara de Cuiabá permitia a prática do cururu desde que uma licença fosse paga, mesmo se realizado na casa do organizador. Houve outros documentos semelhantes, e aos poucos a prática "vigilada" do cururu foi sendo liberada.

Machado Filho (2006) argumenta que o aumento da criminalidade, associado às condições precárias de vida da população durante e após a guerra com o Paraguai, levou os grupos dominantes de Mato Grosso a tomarem medidas para evitar o ajuntamento de escravizados, que eram vistos como responsáveis pela onda de crimes ocorridos em Cuiabá nas décadas de 1860-70. Havia o preconceito de que pessoas pobres, negras alforriadas, prostitutas e outras classes marginalizadas se organizavam para cometer crimes.

Apesar da proibição, combate e humilhação, essas pessoas resistiam à pressão social da elite, como revelado por Volpato (1993). Portanto, o cururu foi alvo de estigmatização ao longo do tempo, mas sua prática resistiu e continua a ser uma manifestação cultural relevante em Mato Grosso. Uma das formas de resistência mais expressivas eram as festanças de cururu e siriri, pois:

Os escravos iam e vinham pelas ruas de Cuiabá durante a noite e não deixavam de participar de festas e ajuntamentos, toques de viola e jogos de cartas. Para satisfazer esse pequeno desejo de se divertir durante a noite, colocavam-se à mercê da ação da polícia, sujeitos a castigos físicos e a prisão. Mesmo assim não deixavam de dar vazão a essa pequena vontade. Ao infringir a lei, para satisfazer um gosto, o escravo estava, mesmo não consciente disso, atuando como sujeito e contestando a afirmação de que o

homem submetido ao domínio de outro era o ‘mesmo que um morto’, desprovido de vontade (VOLPATO, 1993, p. 160, grifo da autora).

Não é preciso ser um dos grandes estudiosos do assunto para imaginar como eram tratados os frequentadores das rodas do cururu e siriri naquela época, principalmente, pelos fiscais e policiais cumpridores do código de posturas Municipais que tinham como objetivo principal disciplinar e regulamentar os espaços públicos, como ruas, bicas praças e festas em geral. Pereira Junior (2009) coloca em seu artigo “O código de posturas e os futuros cururus oitocentistas”, um trecho do código de posturas de Villa do Cuyaba, onde constava em seu artigo 10º um explícito preconceito com relação ao cururu e seus praticantes, pois parte da população o rejeitava, achava feio e perigoso. Segundo estabelece o décimo parágrafo:

Sendo mais conveniente prevenir os males que remediar os danos que continuamente resultam dessas funções de batuques, cururus e tambaques, cuja consequência são pancadas, facadas e mortes, como por muitas vezes têm acontecido, d’ora em diante ficarão proibidas estas funções; e aquele proprietário ou inquilino que em sua casa promover ou consentir pagará para as obras da Câmara 30\$000 ou trinta dias de prisão; sendo na rua, serão quebrados os instrumentos e presos os da função; sendo livres, por 30 dias; e sendo escravos, 100 açoites e metidos presos até os senhores (DOC. 01, POSTURAS MUNICIPAIS, 1831, p. 07).

Com base nos relatos policiais da segunda metade do século XIX, apesar de existir um local que expedia a licença para que o cururu fosse realizado, muitas pessoas o praticavam de forma clandestina. Tempos mais tarde, especificamente no final do século XIX, o cururu foi normatizado e regulamentado e no século XX sua prática foi considerada “normal”. Na atualidade, o cururu é visto como uma importante manifestação cultural do povo mato-grossense, que goza de grande prestígio junto aos órgãos governamentais, bem como nas igrejas, em suas festas oficiais e religiosas. Com relação a esse passado conturbado de aceitação e recusa, Machado Filho (2003) destaca que:

[...] a prisão correcional de bêbados, turbulentos, escravos que frequentavam batuques e cururus, sem bilhetes de seus senhores, [...] enfim, toda uma legião de transgressores que não respeitavam o toque de recolher, estimulados pela falta de uma boa iluminação da cidade, [...] em cuja esteira vinham as brigas e a violência, mas que também era uma poderosa arma

para nivelar as diferenças sociais e aproximar brancos e negros, livres e escravos (MACHADO FILHO, 2003, p. 31).

Percebe-se neste contexto uma sociedade que vivia regida por um sistema opressor baseado na violência policial, cuja ordem era a de reprimir qualquer tipo de ajuntamento. Não se julgavam culpados ou inocentes, apenas puniam sem nenhuma espécie de julgamento qualquer um que violasse o código de posturas. O propósito era o de intimidar, visto que “a polícia gastava a maior parte de seu tempo no trabalho de capturar escravos fugidos e impedindo que praticassem toda sorte de infrações consideradas lesivas à ordem e à tranquilidade pública” (MACHADO FILHO, 2003, p. 221).

Como se pode observar, o cururu e o siriri foram criminalizados desde a colonização, visto que o governo, ao permitir ações autoritárias e punitivas, ancorado pela elite da sociedade, validava a fala dos policiais corroborando o pensamento de que o cururu aumentava a violência na comunidade. Com relação a estigmatização social, Dias (2001, p.60) afirma que “cada segmento do conjunto social dos dominados possuía suas particularidades, e elas se mostravam com certa autonomia ou identidade própria, por vezes até entrecrocando-se dentro do próprio universo social que constituíam”.

Por conta dessa memória discursiva relacionada à marginalização, vários tipos de preconceito, como o preconceito linguístico, têm sido manifestados frente às práticas de cururu. A seguir, discutimos sobre isso.

3.2 Análise social da incidência do Preconceito Linguístico frente as Toadas do Cururu

William Labov, um dos principais autores sobre o fenômeno da variação linguística, inaugurou discussões acerca da heterogeneidade linguística que serviram de base para a consolidação de outros prismas da Sociolinguística, como o preconceito linguístico, mobilidade e estigma social. Segundo o filósofo alemão Hans-Georg Gadamer (1988, p.270) “[...] preconceito significa um julgamento que é formulado antes que todos os elementos que determinam uma situação tenham sido examinados”. Preconceito para Marcondes e Japiassu (1996, p.2019), é uma:

Opinião ou crença admitida sem ser discutida ou examinada, internalizada pelos indivíduos sem se darem conta disso, e influenciando seu modo de agir e de considerar as coisas. O termo possui um sentido eminentemente

pejorativo, designando o caráter irrefletido e frequentemente dogmático dessas crenças [...].

Sob a mesma perspectiva, Bagno (2004) define preconceito linguístico como todo e qualquer juízo de valores negativos às variedades linguísticas de menor prestígio social. Sabemos que a diversidade cultural do Brasil propiciou a coexistência de inúmeras variações linguísticas, que assumem características particulares de escrita e sonoridade em cada estado da federação. Não entender tais características como essência de um povo, é negar sua existência. A língua oficial, o português do Brasil, por exemplo, distanciou-se da origem portuguesa europeia devido a mistura com dialetos indígenas, africanos e europeus.

Se de um lado existe uma grande variedade na forma de se comunicar e particularidades na forma falada da língua, por outro se faz necessário que haja uma padronização do idioma, no intuito de que a comunicação e a escrita sejam claras, objetivas e unificadas. Este “padrão oficial da Língua Portuguesa” é inserido aos educandos nas escolas durante toda a vida estudantil. A questão que gira em torno desta padronização é que enquanto forma unificada de escrita e fala, acaba não incluindo povos e comunidades falantes de dialetos ou de regionalismo e suas expressões, o que reforça a plausibilidade de se falar sobre o preconceito linguístico.

Segundo Bortoni-Ricardo (2005) a variação linguística é inerente à linguagem, sendo um dos resultados da diversidade de grupos sociais e sobre a relação que esses grupos têm com as normas linguísticas. De maneira similar, Bagno (2004, p.9) defende que “só existe língua se houver seres humanos que a falem”. E o velho e bom Aristóteles nos ensina que o ser humano “é um animal político”. Assim, conclui-se que discutir sobre a língua é discutir política.

Bagno (2004), contribui ainda que, “O preconceito linguístico está ligado em boa medida a confusão que foi criada no curso da história entre língua, gramática normativa. (BAGNO, 2004, p.9). A missão dos professores em geral é desfazer essa confusão visto que:

Uma receita de bolo não é um bolo, o molde de um vestido, não é um vestido, um mapa mundi não é o mundo...Também a gramática não é língua. Ele compara a língua a um enorme iceberg que flutua no oceano e gramática normativa a um igapó, uma poça d'água num pedaço da floresta, estagnada as margens do rio, um charco, um brejo, enquanto que a língua é semelhante a um rio que tem vida, caudaloso, que não ditem em seu curso. (BAGNO, 2004, p.9).

Ainda discorrendo sobre o preconceito linguístico, Bagno (2004), diz que, “enquanto a água do rio/língua, por estar em movimento, se renova incessantemente, a água do igapó/gramática normativa envelhece e só se renovará quando vier a próxima cheia[...].

(BAGNO, 2004, p.10). Assim, Bortoni-Ricardo (2005) reforça que os alunos devem se sentir livres nas aulas para falar, independente se está certo ou errado. De acordo com a autora, “qualquer aluno que tome o piso em sala de aula deve ser ratificado como um participante legítimo da interação”. (BORTONI-RICARDO, 2005, p.191). Frente a essas discussões teóricas, torna-se pertinente revisitar o que diz um dos documentos oficiais que regem a educação brasileira: os Parâmetros Curriculares Nacionais para o ensino de Língua Portuguesa. Conforme esse documento:

A competência do aluno depende, principalmente, do poder dizer/escrever, de ser alguém que merece ser ouvido/lido. A escola não pode garantir o uso da linguagem fora do seu espaço, mas deve garantir tal exercício de uso amplo no seu espaço, como forma de instrumentalizar o aluno para o seu desempenho social. Armá-lo para poder competir em situação de igualdade com aquele que jugam ter o domínio social da língua. O espaço da Língua Portuguesa na escola é garantir o uso ético e estético da linguagem verbal; fazer compreender que pela e na linguagem é possível transformar/reiterar o social, o cultural, o pessoal; aceitar a complexidade humana, o respeito pelas falas, como parte das vozes possíveis e necessárias para o desenvolvimento humano. (BRASIL, Ministério da educação. (BRASIL, 2000, p. 20).

Como se pode verificar, o documento inclina-se para uma perspectiva sociointeracionista da língua (gem), isto é, a língua usada em contextos de práticas sociais. Portanto, os professores de língua materna precisam estar atentos para evitar a proliferação de preconceito linguístico. A respeito desse fator, Bortoni Ricardo assevera que:

Os alunos que não receberem avaliação de seus professores quanto ao que falaram ou escreveram, respeitando (ou não) os preceitos gramaticais consagrados e louvados no Brasil, estarão sujeitos a críticas e estigma social. **Têm os professores, portanto, de ficar alerta à produção linguística de seus alunos em sala de aula promovendo os ajustes necessários, de forma sempre muito respeitosa, nos termos de uma pedagogia culturalmente sensível.** (BORTONI-RICARDO, 2019, p.159, grifos meus).

O uso da linguagem oral é essencial para a comunicação humana e desempenha um papel fundamental no desenvolvimento intelectual e social dos indivíduos. Nesse sentido, a escola e o professor têm a responsabilidade de trabalhar com os alunos os diversos usos da oralidade, tanto em contextos formais como informais, explorando diferentes formas e gêneros

discursivos. Através de atividades como simulações de entrevistas, debates e seminários, os alunos têm a oportunidade de praticar e aprimorar suas habilidades de expressão oral. Essas práticas proporcionam um ambiente estimulante e desafiador, no qual os estudantes podem desenvolver competências comunicativas importantes, tais como a argumentação, a escuta atenta, o raciocínio lógico e a capacidade de expressar ideias de forma clara e coerente.

Dessa maneira, a escola e o professor podem preparar os alunos para situações comunicativas formais, como apresentações acadêmicas e profissionais e informais, como diálogos, *vlogs*, etc. Essa preparação é fundamental para que os estudantes estejam aptos a se expressar de maneira adequada em diferentes contextos sociais, contribuindo para seu sucesso futuro.

No entanto, é importante ressaltar que o trabalho com a linguagem oral não deve se restringir apenas à linguagem formal. A diversidade linguística é uma realidade presente na sociedade, e é fundamental que os alunos tenham contato com as diferentes variedades linguísticas, sem que elas sejam estigmatizadas. Cada grupo social possui sua própria variedade linguística, com características específicas que refletem sua cultura, identidade e história.

Ao trabalhar essas variedades linguísticas de forma crítica e reflexiva, a escola e o professor promovem a valorização da diversidade e combatem estereótipos e preconceitos linguísticos. A mediação do professor é crucial nesse processo. Ele deve atuar como um mediador entre as diferentes variedades linguísticas, ajudando os alunos a compreenderem e apreciarem a diversidade linguística ao seu redor. Isso envolve discutir questões sociolinguísticas, analisar as diferentes formas de expressão e promover um ambiente inclusivo e respeitoso.

Ao trabalhar as variedades linguísticas de forma crítica e reflexiva, os alunos também são incentivados a refletir sobre o poder da linguagem e como ela pode ser usada para reforçar desigualdades ou promover a inclusão social. Isso contribui para a formação de cidadãos conscientes, capazes de analisar e questionar discursos dominantes, reconhecendo a importância da diversidade linguística para uma sociedade mais justa e plural.

Dadas essas considerações conceituais, a seguir, descreveremos o percurso metodológico que subsidiou essa pesquisa. Esse movimento é importante, pois, mostrará ao leitor como obtivemos e tratamos os dados coletados.

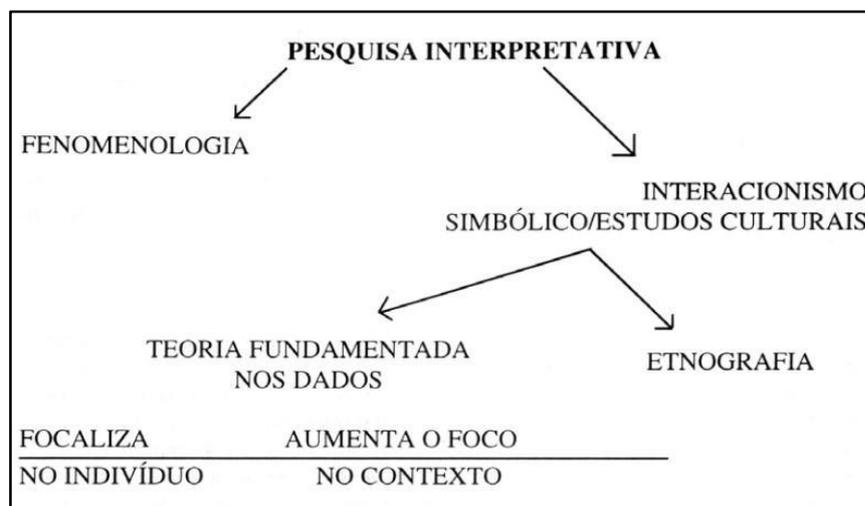
CAPÍTULO IV - METODOLOGIA E LEVANTAMENTO DE DADOS

Este estudo foi desenvolvido a partir de uma abordagem qualitativa, tendo em vista a discursividade dos dados. Bogdan e Biklen (1994) conceituam a abordagem qualitativa:

[...] como um termo genérico que agrupa diversas estratégias de investigação que partilham determinadas características. [...] as questões a investigar não se estabelecem mediante a operacionalização de variáveis, sendo, outrossim, formuladas com o objetivo de investigar os fenômenos em toda a sua complexidade e em seu contexto natural. (BOGDAN; BIKLEN, 1994, p. 16).

Dentro do arcabouço qualitativo, a partir das subdivisões práticas e teóricas dos métodos que o constituem, a linha de pesquisa interpretativa, que se pauta pelo reconhecimento básico dos processos interpretativos e cognitivos inerentes às relações sociais, configura-se como importante ferramenta para análise da contextualização social da vivência linguística do estilo do falar mato-grossense e/ou cuiabano. Lowenberg (1993) classifica as pesquisas interpretativas da seguinte forma:

Figura 11: Pesquisa Interpretativista



Fonte: Lowenbewrg,(1993, p.57)

Ainda sobre a perspectiva do mesmo autor, podemos dizer que a pesquisa interpretativa reúne estudos que utilizam a fenomenologia e o interacionismo simbólico. A relação entre as duas abordagens estaria no fato de ambas se relacionarem ao estudo dos aspectos experienciais

do comportamento humano, ou seja, a maneira como as pessoas definem os eventos ou a realidade e como agem em relação a suas crenças (CHENITZ; SWANSON, 1986). Com base nesses pressupostos, a pesquisa foi desenvolvida a partir de duas etapas, a saber:

4.1 Primeira Etapa: Pesquisa bibliográfica

Segundo Marconi e Lakatos (1992), a pesquisa bibliográfica é constituída por um levantamento de todas as informações já publicada em forma de livros, revistas, etc. Esse movimento visa construir um arcabouço técnico-científico para promulgar novos conhecimentos e fortalecer os preexistentes. Nessa direção, Lüdke e André (1986) afirmam que a análise documental pode se constituir numa técnica exitosa para a coleta e interpretação de dados qualitativos, seja complementando, desvelando ou sugerindo novas discussões sobre um tema ou problema.

Com base nesse entendimento, durante a primeira etapa da pesquisa, realizamos leituras com o intuito de construir um repertório teórico coeso para investigar se nas toadas do cururu havia ocorrências de variação linguística e se existia preconceito linguístico em relação a essas variações.

4.2 Segunda Etapa: Pesquisa de Campo

O que entendemos por pesquisa de campo? Segundo Lakatos e Marconi:

Pesquisa de campo é aquela utilizada com o objetivo de conseguir informações e/ou conhecimentos acerca de um problema, para o qual se procura uma resposta, ou de uma hipótese, que se queira comprovar, ou, ainda, descobrir novos fenômenos ou as relações entre eles. [...] Consiste na observação de fatos e fenômenos tal como ocorrem espontaneamente, na coleta de dados a eles referentes e no registro de variáveis que se presume relevantes, para analisá-los. (LAKATOS; MARCONI, 2003, p. 186).

Para o autor, a pesquisa de campo se diferente das demais por oportunizar o pesquisador vivenciar os fenômenos tal como ocorrem naturalmente, transmitindo uma melhor autenticidade dos fatos pesquisados. Para Labov. (2008) qualquer pesquisador que comece a estudar a língua em seu contexto social irá se depara com o clássico problema metodológico, pois:

[...] os meios empregados para coletar os dados interferem nos dados a serem coletados. O método básico para se obter uma quantidade de dados confiáveis da fala de uma pessoa é a entrevista individual gravada. A fala da entrevista é fala de uma pessoa formal – não por qualquer medida absoluta, mas em comparação com o vernáculo da vida cotidiana. Em seu conjunto, a entrevista é fala pública – monitorada e controlada, em resposta à presença de um observador externo. Mas mesmo dentro dessa definição, o investigador pode se perguntar se as respostas numa dessa entrevista gravada são ou não um produto especial da interação entre o entrevistador e o entrevistado. Um modo de controlar isso é estudar a pessoa em seu contexto social natural – interagindo com a família ou com seus pares. (LABOV, 1968, p.63).

Considerando as ponderações do autor, acreditamos que quando se elabora uma pesquisa sociolinguística, é certo que surgirão dúvidas, portanto, é necessário que haja um planejamento, de modo a preparar o pesquisador para situações e dificuldades inerentes à pesquisa de campo, propriamente dita. Nesse sentido, a coleta de dados foi feita junto aos integrantes cururueiros do grupo folclórico conhecido com ‘Tradição’ oriundo da cidade de Cáceres/MT. Essa coleta depreendeu uma entrevista direcionada, com um roteiro de perguntas e uma demonstração das toadas praticadas pelos participantes.

Para tanto, utilizamos uma filmadora e um gravador para registrar conversas informais com os participantes. Durante essa etapa, ancoramo-nos em Tarallo (1994), quando afirma que:

O propósito do método de entrevista sociolinguística é o de minimizar o efeito negativo causado pela presença do pesquisador na naturalidade da situação de coleta de dados. [...]Para atingir tais propósitos metodológicos podem-se formular módulos (ou roteiros) de perguntas: um questionário-guia de entrevista. Esses módulos têm por objetivo homogeneizar os dados de vários informantes para posterior comparação, controlar os tópicos de conversação, e, em especial, provocar narrativas de experiência pessoal. (TARALLO, 1994, p. 21-22).

Ao levar esses aspectos em consideração, foi preciso adotarmos alguns critérios básicos para a seleção dos entrevistados. Vejamos a seguir:

- Pertencer a família de pessoas nascidas ou originárias da Baixada Cuiabana, ou ter nascido numa das cidades da baixada cuiabana;
- Ser cururueiro, ou pertencer a família de cururueiros;
- Ser adulto acima de 30 anos, que tenham convivido com cururueiros;
- Garantir pelo menos a participação de um cururueiros acima de 60 anos.

Para termos acesso aos informantes, primeiramente, realizamos um contato inicial com a Diretora do Grupo Tradição, a Sra. Elenir Antunes de Mendonça. Esse diálogo ocorreu via telefone celular no final do mês de agosto. Durante essa conversa, apresentamos as principais informações sobre o projeto de pesquisa. Em seguida, a professora concordou em nos receber em sua residência para uma reunião presencial, a fim de compreender a proposta e avaliar a possibilidade de colaboração. Durante a reunião, ela nos informou que o Grupo Tradição foi fundado em 1994 com o objetivo de preservar a cultura Mato-Grossense em sua forma mais autêntica.

A origem do grupo remonta ao 1º Festival Internacional de Folclore de Cáceres MT, conhecido como FIFOLK. Esse evento reuniu diversos grupos folclóricos da região de Mato Grosso, como o Grupo de Congadas de Vila Bela da Santíssima Trindade, o Grupo dos Mascarados de Poconé e os Grupos de Siriri de Cuiabá, bem como grupos de outros estados do Brasil, como o Grupo Banzé de Minas Gerais e o Grupo Sabor Marajoara da Paraíba, e também grupos de outros países, como Itália, Alemanha, Canadá e México. Durante uma semana, o objetivo era promover a cultura e a paz entre os povos, em que cada grupo tinha a missão de apresentar o melhor de sua cultura e folclore.

É importante ressaltar que esse evento foi e ainda é organizado pelo Grupo Artístico e Cultural Chalana, do qual a pesquisadora fez parte como dançarina e atualmente é a diretora artística. Na época, não havia nenhum outro grupo constituído para representar as tradições folclóricas da cidade, exceto o Chalana (que era o anfitrião). Foi nesse contexto que, a convite da Professora Elenir Antunes de Mendonça, parceira do evento e responsável pela parte litúrgica, amante da cultura e do folclore, e que já trabalhava com crianças na escola, o Grupo Tradição foi fundado.

Desde então, o grupo cresceu e se consolidou como uma entidade representativa do folclore autêntico na cidade de Cáceres. Eles têm se apresentado em várias regiões de Mato Grosso, do Brasil, da Bolívia e do Peru. O Grupo Tradição trabalha com jovens e adolescentes no corpo de baile, enquanto os idosos compõem o corpo musical, atuando como cantadores de siriri e cururu. Todos os membros têm o objetivo comum de preservar a cultura tradicional mato-grossense. Devido à proximidade com o grupo e sua relevância nesse contexto, ele foi selecionado para contribuir com esta pesquisa.

Como o grupo é composto majoritariamente por senhores idosos, acima de 70 anos, a participação tem ficado cada vez mais rara nas apresentações de atividades culturais e religiosas. Infelizmente, com a pandemia, alguns integrantes vieram a óbito, outros ainda não

se sentem à vontade para sair de casa. Dadas essas circunstâncias, para a presente pesquisa, conseguimos contatar 03 cururueiros, sendo dois idosos e um jovem senhor.

Neste contexto, se faz necessário reforçar importância do estilo de linguagem próprio de cada região como instrumento de preservação de aspectos socioculturais, e também espelho da concepção histórica, atuando como identidade própria de todo um povo. Somando para a valorização e preservação dos grupos de cururueiros. Conforme Tarallo:

Seja qual for a natureza da situação de comunicação, seja qual for o tópico central da conversa, seja quem for o informante, o pesquisador deverá tentar neutralizar a força exercida pela presença do gravador e por sua própria presença como elemento estranho à comunidade. Tal neutralização pode ser alcançada no momento em que o pesquisador se decide a representar o papel de aprendiz-interessado na comunidade de falantes e em seus problemas e peculiaridades. (TARALLO, 1994, p. 21).

De acordo com Tarallo (1994), o entrevistador deve agir naturalmente, mostrando-se interessado na cultura e na vida. O autor adverte que se deve evitar mencionar a palavra “língua” para que o informante não monitore a sua fala. De modo complementar, Prodanov (2013) afirma que a coleta de dados:

Como qualquer outro tipo de pesquisa, a de campo parte do levantamento bibliográfico. Exige também a determinação das técnicas de coleta de dados mais apropriadas à natureza do tema e, ainda, a definição das técnicas que serão empregadas para o registro e a análise. Dependendo das técnicas de coleta, análise e interpretação dos dados, a pesquisa de campo poderá ser classificada como de abordagem predominantemente quantitativa ou qualitativa. Numa pesquisa em que a abordagem é basicamente quantitativa, o pesquisador se limita à descrição factual deste ou daquele evento, ignorando a complexidade da realidade social. (PRODANOV, 2013, p. 60).

Com base no excerto, verificamos que Prodanov (2013) destaca a importância da escolha da técnica e dos instrumentos de coleta de dados para que sejam apropriados e assegurem a autenticidade da pesquisa.

4.3 Entrevista

As entrevistas foram baseadas em perguntas relacionadas à experiência pessoal dos informantes com o cururu, em que foram feitas 04 perguntas abertas, todas utilizando gravador e filmadora. Vejamos a seguir:

Quadro 2: Perguntas realizadas aos informantes

Pergunta 1: Fale um pouco sobre o cururu?

Pergunta 2: Como o senhor se interessou pelo cururu?

Pergunta 3: Como eram as festas de cururu quando o senhor ainda era jovem?

Pergunta 4: Qual recado o senhor deixa para os jovens sobre o cururu?

Fonte: Criado pela autora (2023)

Na definição de modelo de narrativa de experiência pessoal proposta por Labov (2008), verificamos que a narrativa é a mina de ouro que os pesquisadores-sociolinguístas procuram. Isso se dá, pois, normalmente, os entrevistados ficam mais à vontade e acabam não se preocupando com as formas linguísticas utilizadas. Na primeira parte da entrevista, como planejado, era para se fazer as perguntas a cada um dos cururueiros, de modo que responderiam sequencialmente, ou seja, após cada pergunta uma resposta. No entanto eles começaram a narrar e preferimos deixá-los à vontade e só interromper quando estritamente necessário, quando a narrativa estava fugindo do contexto.

Para fins de anonimato, iremos denominar os informantes- participantes deste estudo por Cururueiro 01; Cururueiro 02; Cururueiro 03. Nesse sentido, segue a constituição da amostra dos colaboradores:

Quadro 3: Perfil dos Colaboradores

Identificação do Colaborador	Idade	Tempo de atuação no Cururu	Naturalidade	Escolaridade	Profissão
Cururueiro 01	89 anos	73 anos	Cáceres-MT	Ensino Fundamental (incompleto)	Aposentado/ pescador, confeccionava viola e canoas.
Cururueiro 02	83 anos	71 anos	Rosário Oeste-MT	Ensino Superior (completo - Licenciatura curta)	Aposentado/ professor
Cururueiro 03	36 anos	28 anos	Cáceres-MT	Ensino Superior (completo)	Massoterapeuta

Fonte: Criado pela autora (2023)

Em relação à entrevista propriamente dita, o primeiro entrevistado, denominado Cururueiro 01, inicialmente interpretou a pergunta como um sinal para entoar as cantigas do cururu. Ele mencionou que não estava em plena saúde para cantar o cururu, porém explicamos a ele que, naquele momento, apenas queríamos obter respostas para algumas perguntas. Assim, ele se sentiu mais à vontade e começou a compartilhar suas experiências de vida relacionadas

ao cururu. Em alguns momentos, talvez devido à empolgação, ele se desviava do tema, mas nós o trazíamos de volta ao contexto da pesquisa.

Quanto à participação do Cururueiro 02, fizemos a mesma pergunta a ele, para que se sentisse à vontade para responder e compartilhar sua narrativa, abordando todos os aspectos relacionados ao cururu e seu tempo de vivência no Grupo Tradição. Por fim, o Cururueiro 03, em sua vez, respondeu às perguntas e expressou seu ponto de vista em relação ao cururu. Acreditamos que a entrevista tenha alcançado os objetivos estabelecidos, uma vez que todos responderam às questões propostas.

Ao final da primeira parte das entrevistas, a diretora do Grupo Tradição também falou sobre o cururu, destacando a importância da preservação da cultura em sua forma original e abordando a falta de apoio por parte do poder público de Cáceres em relação à cultura regional. Segundo ela, a cultura está em declínio e o poder público não está tomando nenhuma medida para revertê-lo, não havendo qualquer tipo de incentivo por parte dos governantes.

4.4 Execução da Toada de Cururu

Na segunda parte da entrevista, foi solicitado aos cururueiros que cantassem uma toada de cururu. Nessa etapa, percebemos que o Cururueiro 01 não estava muito à vontade em fazer sua toada. Ele estava relutante em cantar pois, conforme relatou, seu parceiro de toadas havia falecido e, para alguns cururueiros, quando seu parceiro vem a falecer, muitos deles deixam de entoar o cururu.

Ao longo da vida, eles costumam a encontrar um parceiro ideal para formar dupla, pois às vezes as vozes não se combinam, porém quando encontram, é parceria para a vida toda, chegando ao ponto de, se um deles vier a falecer, o outro para de entoar, ou seja, não cantar mais. Perde-se o encanto e a vontade de fazer as toadas do cururu. No total, entre a chegada, explicações, entrevista e as toadas, a entrevista durou cerca de 2h e 40 minutos. Ao final, o Grupo nos cobrou um “tchá cô bolo” para comemorar o encontro e fechar a pesquisa.

CAPITULO V – ANÁLISE DOS DADOS E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Conforme mencionado no capítulo da metodologia, a coleta de dados é composta por duas partes, sendo a primeira de entrevista, contendo 04 perguntas, na qual os entrevistados narraram suas vivências com o Cururu. Na segunda parte, foram realizados os registros das toadas do Cururu, nas quais, em ambas etapas, verificamos a presença marcante dos traços linguísticos do falar mato-grossense. Nesse sentido, discutiremos a evolução da língua num contexto social da comunidade de fala dos cururueiros da cidade de Cáceres. Sendo assim, recorreremos a Labov, pois, para ele “uma comunidade de fala não pode ser concebida como um grupo de falantes que usam todos as mesmas formas; ela é mais bem definida como um grupo que compartilha as mesmas normas a respeito da língua” (LABOV, 2008 [1972], p. 188)” Ou ainda que “os membros de uma comunidade de fala compartilham um conjunto comum de padrões normativos, mesmo quando encontramos variação altamente estratificada na fala real. (LABOV, 2008 [1972], p. 225).

Para o autor, uma comunidade de fala não se define pelo uso linguístico comum a todos, mas pelas atitudes perante os fatos linguísticos. Contudo, Figueroa (1994) critica o modelo laboviano em que o indivíduo é estratificado, ou seja, caracterizado por um conjunto de valores tais como sexo, idade, escolaridade profissão etc. Para ele, não interessa o informante e sim a identificação do tipo social. Ou seja, os indivíduos são identificados por participarem de uma célula social. O sociolinguista Gregory Guy (2001) parte do princípio de que a comunidade de fala possui três critérios:

- 1) Os falantes devem compartilhar traços linguísticos que os definem de outros grupos;
- 2) Devem ter uma frequência de comunicação alta entre si;
- 3) Devem ter as mesmas normas e atitudes em relação ao uso da linguagem.

Portanto, uma comunidade de fala deve possuir aspectos sociais e linguísticos que envolvem atitudes, normas sociais vivenciadas entre si e que os diferem de outros grupos sociais. A exemplo disso, temos a comunidade de fala dos cururueiros de Cáceres, muito bem observada pelo Cururueiro 02:

[...] Isso...a batida nossa lá, diferente, batida cuiabá é diferente, batida poconeana, eles tem ginga de corpo diferente do nosso, né? Nossos cururu, lá é sapateado (pá,pá,pá), ia pra lá, vinha pra cá, joelhava...(inaudível), levantava

sapateado, outro, o nosso sistema do cururu, lá falava assim, era trote. Vamos trotar? [...]

Percebe-se, que apesar de ser um grupo de cururueiros, existe uma diversidade cultural, lexical, regional. Em cada região, cidade, estado, o cururu se apresenta em formas diferentes. Partindo do entendimento de que a língua não é homogênea, podendo possuir duas ou mais formas em variação e variantes, que se alternam, mediante os condicionadores internos (linguísticos) e os chamados condicionadores externos (extralinguísticos) e para que haja uma melhor organização, utilizamos o quadro abaixo, de acordo com os níveis linguísticos descritos por Coelho (2012). Assim, temos a variação em diferentes níveis linguísticos, são elas:

Quadro 4: Níveis Descritivos da linguagem

Nível Linguístico
Varição lexical
Nível fonético e fonológico
Nível morfológico e morfossintático
Nível sintático

Fonte: Criado pela autora (2022) ⁴

Valendo-se do quadro acima, como levantamento dos estudos linguísticos a serem analisados, partimos para as leituras minuciosas das transcrições das falas dos cururueiros em busca das possíveis variações. Após a identificação, fizemos um recorte dos trechos e, na sequência, das palavras as quais foram organizadas em quadros.

5.1. As vozes dos curureiros na Entrevista

Conforme Labov, a narrativa é a mina de ouro do entrevistador sociolinguista. Com esse pensamento, planejamos a entrevista de forma que todos se sentissem à vontade. A entrevista foi realizada de forma coletiva na casa de um dos mestres cururueiros. Ao término da entrevista, pedimos para que tocassem uma toada do cururu. Dois pegaram uma viola de cocho e o terceiro um ganzá. Começaram a cantoria, o puxador da toada usou uma viola de cocho, o segundo uma viola e o terceiro um ganzá. Conforme trocavam de entoador, a viola ia para as

⁴ Quadro adaptado com base na obra de Coelho, *et. al.* (2012) sobre os níveis linguísticos e extralinguísticos.

mãos de quem puxava o “trovo” e os demais tocavam seus instrumentos e respondiam ao repente. Após, frisaram que se tratava apenas de uma pequena demonstração, pois o cururu possui todo um ritual a ser seguido. Observemos a seguir algumas respostas.

Quadro 5: Recorte 1: Cururueiro 01

Pergunta 1: Fale um pouco sobre o cururu.
<i>[...]“oia, eu conheci porque meu povo tudo era cururuero, tudo cuiabano, todo era cururuero, tão, aquele tempo, no meu tempo, tuda festa a primeira coisa era cururu. Tão, quem tinha devoçon, primeiro eles convidava, era os cururuero, ai o capelão né ai tá, esse, desde criança, naquele tempo não tinha escola né, ia trenando né, então já crescia daquele djêito.</i>

Fonte: Criado pela autora (2022)

Constatamos logo na primeira linha 03 ocorrências: (i) a palavra **Oia**, em que houve a substituição da palavra oia, por olha, do verbo olhar, sendo uma variação morfossintática fonética fonológica, com iotização da palatal. Para Melo (1981) a iotização (fio por filho) é fenômeno popular, em qualquer região do país”, no caso (Oia por olha); (ii) **Tudo**, em substituição a **todos**, pronome indefinido, ocorrência dentro do contexto de uma variação fonética-fonológica.

Para Viegas (1987), o alçamento da vogal posterior trata-se de um processo de redução, o qual é influenciado pelas consoantes adjacentes; exemplo: p/e/queno e p/i/queno, t/o/mate e t/u/mate, b/o/neca e b/u/neca, t/o/dos e t/u/do. É evidente a elevação, pois há uma diferença entre as vogais tônicas e pretônicas, perante a classificação articulatória. Por fim, (iii) **Era** em substituição a **eram** => Verbo ser, pretérito imperfeito = Eram, ocorrência de uma variação morfossintática. **Cururuero** => Em substituição a cururueiro=> Aqui o Cururueiro 01, fez uma redução do ditongo [ej] >[e]. Portanto, há aqui uma monotongação.

Segundo Santiago-Almeida (2005, p.77) “o ditongo **ei** no português falado na Baixada Cuiabana, de uma maneira geral, apresenta-se reduzido [...]. Há um monotongação, um apagamento da semivogal **ej**. Sendo assim, há uma variação fonética fonológica.

Na linha 02, o Cururueiro 01 apresentou o uso de **Tão**, em substituição a palavra **Então**, advérbio, indicando uma conclusão. Aqui o ditongo [ãw], grafado ão e am, o que, conforme Almeida é muito comum no falar da Baixada Cuiabana e pode apresentar-se de seis formas: [ãw], [õw], [õ], [ã], [ũ] [u], apresentando uma variação fonética fonológica.

Na linha 03, verificamos a palavra **Devoçon** em substituição a palavra **Devoção** - Substantivo feminino, ocorrendo uma variação fonética, no caso, uma conservação do ditongo, mas realizado como [õw] nasal decrescente. Para Santiago-Almeida, não é absolutamente

preciso esforçar-se em demasiado à procura de textos antigos para validar a realização do ditongo nasal, pois:

Para abonar a realização do ditongo nasal decrescente /ãw/, à moda do falar cuiabano, no singular [õ] e, por extensão, no plural [õs/õf], não é necessário despender tanto esforço, colocando na bateia um sem número de textos antigos para, no fim, garimpar um número inexpressivo de exemplos abonadores. Eis alguns: A Demanda do Santo Graal BNV, Ms.2594: razom e enton (1r) e a variante entam (29r), coração (44r), nom (150r), Cancioneiro da ajuda, edição Carolina Michaëlis de Vasconcelos: perdon (I, 109), Cancioneiro da Biblioteca Nacional, cod.10991: nō (40, pág.38), perdon (102, pág.62), razão (120, pág.70), coração (789, pág.368), Crônicas dos sete primeiros reis de Portugal, edição Carlos da Silva Tarouca: emtam, nom (cap.XXXII), Textos arcaicos, de José de Vasconcelos: payxom, deuaçom, entom [...] (SANTIAGO-ALMEIDA, 2005, p.80).

Na linha 3, aparece a palavra **Convidava**, verbo no pretérito imperfeito, do verbo convidar. Pode-se identificar uma variação morfossintática, considerando a forma padrão “ eles **convidavam**” => 3ª pessoa do plural do pretérito imperfeito do modo indicativo. Na quarta linha, o Cururueiro 01 apresentou a palavra **Né**, um advérbio na forma contraída da expressão ‘não é’, geralmente usada para confirmar o que foi falado anteriormente. Podemos classificar como uma variação **fonética**, porém para Martelota e Alcântara (1996):

A partícula né? apresenta duas características básicas dos elementos que estão em processo de discursivização. Por um lado, sofre redução fonética: é o resultado da trajetória não é verdade? > não é? > né?. Por outro lado, sofre desgaste semântico, passando a funcionar inicialmente como pergunta retórica (que não pede a resposta do ouvinte) e, em seguida, como preenchedor de pausa. (MARTELOTTA; ALCÂNTARA, 1996, p. 278).

Na quarta linha, encontramos as ocorrências do advérbio de lugar **Ai**, advérbio indicando posição próxima da pessoa que se fala. Ainda na linha quatro temos a palavra **Tá**, que no texto indica uma expressão de assentimento. Observamos que ocorre também uma variação **diafásica**, ou seja, usada em situações informais no lugar de **está**, comumente utilizada em situações informais.

Também na quarta linha identificamos uma variação **fonética** na palavra **Trenando** em substituição a treinando. Redução de ditongo [ej]> [e]. Há aqui também uma monotongação de [ei]. Na quarta linha temos a palavra **Djêito**, em substituição a jeito, uma africada /dj/ no lugar da fricativa /j/. Segundo alguns estudiosos, o acréscimo da letra **d** sofreu influência de várias línguas e dialetos, como a Língua Portuguesa, espanhola e indígena. Para Santiago-Almeida (2005):

Mesmo considerando tch e dj segmentos bastante comuns tanto nas línguas Jê quanto nas Tupi-Guarani e apesar de que todas essas línguas tenham tido contato com o português a hipótese de Silva Neto não deixa de ser especulativa e polêmica. Se essa é uma influência ou não das línguas indígenas, parece ser pura especulação de Silva Neto, bem como de outros. O fato é que no português arcaico isso também acontecia, bem como acontece no castelhano e em vários dialetos do português europeu atual. O melhor é optar por uma tendência conservadora no português do Brasil. Para que se possa definir isso direito, seria preciso fazer uma análise distribucional do fenômeno. (SANTIAGO-ALMEIDA, 2005, p. 88).

Esta variante também é muito comum no linguajar da baixada cuiabana, principalmente pelas pessoas de mais idade e com menor contato escolar. Quanto à variação, percebemos uma variação **fonética**.

Quadro 6: Recorte 2: Cururueiro 02

Pergunta 1: Fale um pouco sobre o cururu.

*[...] na nossa região a cultura que existia era isso, muitas festas, festa de, começando Santa Lucia, 06 de janeiro São Gonçalo, vem os outros santos, santidade que existia, existe até hoje **né**, então lá era ...(inaudível) todo que tem um santo, um **artar** na sua casa, tinha a devoção de rezar, depois vó Rosa convidava todos **os pessoal**. **Cururuero**, nunca teve falta né, então com a minha existência hoje no cururu começou a praticamente 70 anos atrás, hoje eu tô com 83, e **meus pai**, meus filhos que eram tudo **cururuero**, e com eles **veio** essa **tioria né**, que a gente, toda festa, lá era cururu primeiro[...]*

Fonte: Criado pela autora (2022)

Identificamos neste recorte, na 3ª linha, uma variação **fonológica** em ‘um **artar** na sua casa...’, em substituição a **altar**, espécie de mesa sagrada, onde religiosos fazem seus ritos sagrados. Aqui, houve um fenômeno da troca do l pelo r conhecido como **rotacismo**, uma variante considerada como marca do dialeto caipira (AMARAL, 1920), tendência estigmatizada, pela forma não padrão e vista como forma regionalizada e também caipira, comum na variação linguística da baixada cuiabana.

Na quarta linha, encontramos a variação **morfossintática** na frase “**os pessoal**”, em substituição a **todas as pessoas**. Nesse contexto, **pessoal** é um adjetivo pertencente ou relativo a pessoa. Após, encontramos no sétimo recorte, a palavra “Meus pai”, uma variação **sintática**, em substituição a **Meus pais**, observamos que o substantivo deveria acompanhar o pronome que está no plural.

Na quarta e na sexta linha, nos deparamos com a palavra **Cururuero**, em substituição a **cururueiro**, ocorrendo uma redução de ditongo [ej] >[e]. Para Almeida (2005), de uma maneira

geral, esse ditongo se apresenta reduzido no português falado da baixada cuiabana. Ainda no recorte 2, observamos no excerto ‘e com eles **veio**, em substituição a ‘e com eles **vieram**’ um uso que denota que o verbo não está concordando em número com o pronome a que se refere.

Conforme Braga (1977) palavras mais à esquerda levam a marca do plural e palavras mais à direita, não. Portanto temos aqui uma variação de **morfossintaxe**. Ainda no recorte 2, notamos a palavra **Tioria**, em substituição ‘a **teoria** conjunto de regras e/ou leis’. Aqui, o cururueiro 02 fez a troca do /e/ por /i/, ocorrendo o alçamento da pretônica, variação fonética comum no português brasileiro, principalmente, quando a vogal média anterior é seguida pela vogal baixa central. Na sequência, vamos para o próximo recorte:

Quadro 7: Recorte 3: Cururueiro 03

Pergunta 1: Fale um pouco sobre o cururu

*Vivencio o cururu desde que me entendo por gente, pela família mesmo, pela minha mãe, pelos meus avós, **tudinho**, mas quando eu era criança, não tinha consciência. A primeira vez que eu me apresentei com o grupo, foi no ano da fundação do Grupo mesmo, em 94 mesmo, no 1º Festival de Folclore que teve aqui em Cáceres. Só que ainda nem entendia muita coisa, tanto que eu fui no palco pra **cantá**, ajuda a **cantá** o siriri, não entendia de cururu, não entendia de São Gonçalo, di, di, **dinada**. Mais a gente sempre que ia nas rezas, festa de santo, toda festa de santo, sempre teve as toadas, sempre a vida toda, desde que eu me entendo por gente [...]*

Fonte: Criado pela autora (2022)

Neste recorte, na segunda linha, temos a palavra **Tudinho**, em substituição a **todos**, pronome indefinido, relacionado a todas as pessoas, diminutivo de **tudo**, ou seja, sem faltar nada, nenhuma parte. Nesse recorte, na linha cinco, temos duas ocorrências da palavra **Cantá**, em substituição a **cantar**, ocorrendo um apagamento do R, em coda silábica final, ou seja, “o apagamento dos róticos em coda silábica de verbos em contextos menos monitorados, é praticamente uma mudança completa no falar brasileiro. (ALMEIDA, KAILER, 2020). Há, aqui, uma variação **morfológica**. Na sexta linha, nos deparamos com a palavra **dinada**, ‘não entendia de São Gonçalo, di, di, **dinada**’, uma variação **lexical** em substituição a não entendia de coisa alguma. Nesta frase, encontramos ainda a repetição desnecessária das sílabas ‘di, di’, que pode ser uma marca de oralidade, um recurso que o falante utiliza para organizar os pensamentos.

A partir do Recorte 4, percebemos que as respostas dos cururueiros, principalmente dos Cururueiros 01 e 02, repetem com frequências as mesmas palavras.

Quadro 8: Recorte 4: Cururueiro 01

Pergunta 2: Como o senhor se interessou pelo Cururu?
<i>Oia, eu conheci porque meu povo tudo era cururuero, tudo cuiabano, todo era cururuero, tão, aquele tempo, no meu tempo, tuda festa a primeira coisa era cururu [...]</i>

Fonte: Criado pela autora (2022)

Na primeira linha do Recorte 4, encontramos cinco ocorrências. A redução de palavra, com a perda e troca de fonemas, como em ‘**oia**’, em substituição a olha, do verbo olhar, presente do indicativo, apresentando uma variação **diatópica**. Já na palavra **Tudo** ‘meu povo tudo’ em substituição a ‘meu povo todo’, há uma variação **fonética**, de troca do /o/ por /u/. Na mesma linha encontramos a palavra frase ‘era **cururueiro**’, em substituição a **cururueiro**. Esta palavra já apareceu anteriormente e há uma redução do ditongo, onde o [ei] sofre uma monotongação. Aqui, a palavra ‘**Todo era cururueiro**’ aparece em substituição a ‘**Todos eram cururueiros**’, há, nessa frase, uma variação **morfossintática**, uma vez que o verbo não concorda com o restante da frase.

Na segunda e última linha do recorte 4, verificamos o uso da palavra **Tão**, em substituição a **então** que, conforme Cunha e Cintra (2017), tradicionalmente é considerada um advérbio de tempo. Há, aqui, uma conservação do ditongo [ẽw]: [itẽw] (ALMEIDA, 2005). Houve, portanto, uma aférese da vogal média nasal inicial, ou seja, um apagamento da sílaba no início da palavra toda. Podemos classificar essa variação como fonética-fonológica, sendo muito presente em situações informais. Além disso, notamos o uso de **Tuda**, em substituição a **toda**, pronome indefinido feminino, singular de **toda**. Trata-se de uma variação fonética, em que o cururueiro fez a troca do fonema /o/ por /u/.

Quadro 9: Recorte 5: Cururueiro 02

Pergunta 2: Como o senhor se interessou pelo Cururu?
<i>[...] minha existência hoje no cururu começou a praticamente 70 anos atrás, hoje eu tô com 83, e meus pai, meus filhos que eram tudo cururuero, e com eles veio essa tioria né, que a gente toda festa, lá era cururu, primeiro louvá o santo, levantamento da procissão do arta, levanta bandera, astia bandera, levanta o mastro, dá dá uns três giros em volta do mastro, na reiterada de lá prá cá com o cururu cantando, voltando, fazendo, voltando com evolução, aquele verso, encaixa verso por verso e lá era seguida cantando por letra ABC que se diz, abcdário que se diz. Abcdário do cururu., lá o sistema de lá toda vida foi assim[...]</i>

Fonte: Criado pela autora (2022).

Destacamos na primeira linha do recorte 5 a palavra **tô**, que é uma forma abreviada do verbo de ligação **estou**, presente do indicativo do verbo estar. Aqui, observamos a aférese, isto é, apagamento da sílaba inicial do verbo estar, muito comum no português brasileiro em contextos informais de interação, inclusive em relação a outras pessoas, tempo e modo. Temos, portanto, uma variação fonética fonológica da aférese.

Na segunda linha, encontramos a frase **Meus pai**, em substituição à “meus **pai**”, em que a palavra pai deveria concordar com o pronome **meus** que está no plural. Podemos dizer que estamos no limite entre a variação sintática e a morfológica. Na linha dois, ainda temos ‘**Tudo cururuero**’, em que **tudo** é um pronome indefinido, em substituição a “**todos**” e **cururuero**, em substituição a **cururueiros**. Para a norma padrão, o ideal seria “**eram todos cururueiros**”, mas, como foi discutido nessa pesquisa, a língua é fluída e dinâmica. A partir desse prisma, verificamos no excerto a predominância da variação **morfossintática**. Além disso, **há na** palavra **Cururuero** uma monotongação de [ej] >[e], isto é, redução de ditongo. Ainda na segunda linha, temos a frase com “eles **veio**” verbo na 3ª pessoa do singular do pretérito perfeito indicativo de vir. No entanto, como “veio”, se refere a eles, o verbo deve ser flexionado, ficando **eles vieram**. Temos aqui uma variação morfossintática.

Na terceira linha, encontramos 03 ocorrências. A primeira delas é a palavra **tioria**, em substituição a **teoria**, conjunto de regras e/ou leis. Aqui, o Cururueiro 2 fez a troca do fonema /e/ por /i/, ocorrendo uma variação fonética-fonológica. Em seguida, verificamos a palavra **Né**, advérbio, forma contraída da expressão “não é”, já apresentada anteriormente. Trata-se de uma variação fonética-fonológica muito comum em situações informais e como marcas de oralidade.

Na terceira linha, temos a palavra **louvá**, em substituição a **louvar**, verbo transitivo direto e pronominal. Percebemos uma variação fonética-fonológica com a queda do **R** final em verbos no infinitivo. Ainda na 3ª linha temos a palavra **artar** em substituição a **altar**, espécie de mesa sagrada, onde religiosos fazem seus ritos sagrados. Verificamos o fenômeno do rotacismo, que consiste na troca do **l** pelo **r**. Variação fonética-fonológica comum no falar da baixada cuiabana.

Na quarta linha identificamos a palavra, **levantá**, em substituição a **levantar**, com queda do **R** final. Trata-se de um verbo bitransitivo que significa levar na direção mais alta, elevar e, no referido contexto, sofreu uma variação **morfológica**. Por conseguinte, temos a palavra **bandera**, em substituição a **bandeira**, definida classicamente como sendo o símbolo visual representativo de um estado soberano, país, estado, município, intendência, província. Aqui a palavra sofreu uma monotongação de [ei], redução de ditongo [ej] >[e], portanto uma variação

fonética **fonológica**. Ademais, a palavra **astiá** foi utilizada em substituição a **hastear**, verbo transitivo direto. Hastear significa fazer subir em ou prender ao topo de uma haste, vara, mastro ou bandeira. Nessa situação, ocorreu uma variação **lexical**. Ainda na quarta linha temos **dá, dá**, em substituição a **dar**, aqui entendido como realizar. Temos aqui uma variação **morfológica**.

Na linha cinco do recorte, temos a palavra **pra**, com alçamento da vogal pós-tônica com forma reduzida, em substituição a preposição **para**, sendo usualmente utilizada em contextos informais, classificada como variação fonética fonológica.

Quadro 10: Recorte 6: Cururueiro 03

Pergunta 2: Como o senhor se interessou pelo Cururu?
<i>[...] depois que começou com o Grupo Tradição, a gente começou a entender melhor, porque convive, a gente vai convivendo com as pessoas, bem novinho eu só via, depois que começou o grupo, eu passei a conviver com os cururueiros, aí é a hora qui levava a genti pra morraria, pras festa de santo, lá pro sítio, pra zona rural, bem pé no chão, vivenciar aquilo de verdade, aí a genti vai tentando trazer para os dias de hoje. Na época eu tinha 08 anos, hoje eu já tô com 36 [...]</i>

Fonte: Criado pela autora (2022)

Temos no recorte 6 na linha três o termo **aí**, advérbio de lugar. No entanto, nesse contexto informal expressa continuidade, ligação entre uma coisa e outra, vistos como um marcador discursivo. Ainda na mesma linha verificamos o uso da palavra **qui**, em substituição a **que**, frequentemente utilizado para expressar grau elevado ou intensidade. Temos, portanto, uma variação **fonológica**, troca do /e/ por /i/.

Em continuidade, temos a palavra, **genti** em substituição a **gente**, que se configura uma variação fonética-fonológica por conta da troca do /e/ por /i/. Ademais, observamos o uso de **Pras festa**, em substituição a **'para as festas'**. Nesse caso, o substantivo deve concordar com a preposição a que se refere. Temos, portanto, uma variação fonética fonológica com alçamento da vogal pós-tônica, processo muito comum no PB.

O trecho **aí a genti** expressa continuidade, ligação entre uma coisa e outra por conta do marcador discursivos **aí**. Já o termo **genti** se configura uma variação fonética-fonológica, pois houve a troca de /e/ por /i/. O termo **Tô** é uma forma reduzida de **estou** que consiste em uma variação morfossintática, linguajar comum muito utilizada em situações informais.

Quadro 11: Recorte 7 Cururueiro 01

Pergunta 3: Como eram as festas do Cururu quando o senhor ainda era jovem?

*Tão fazia aquela roda da gurizada, primeiro os que cantava, aí **dispois** que veio os **véio**. Já parava aí na naquele tempo, gurizada não entrava no baile **memo né**, **aí** a rapaziadinha **novo** tomava conta e era o dia **intero**, podia se **sor** quente que a gurizada **tava** no cururu. E aí cresceu daquele **djêito né**, cada um aprendeu **cantá** desde trovo, essas coisas [...]*

Fonte: Criado pela autora (2022)

Em relação a pergunta 3, verificamos que na primeira linha o uso da palavra **dispois**, em substituição a depois, se configura uma variação de ordem **morfológica**. Logo após, observamos o uso da palavra **véio**, em substituição a velho que é uma variação fonética-fonológica com redução da palavra e troca de fonema. Na segunda linha a palavra **memo**, em substituição a **mesmo** representa uma variação **fonética fonológica**, com redução de fonema. Ainda na segunda linha temos a palavra **Né**, advérbio expresso em forma contraída da expressão "não é", já apresentada anteriormente. Além disso, o uso de **Aí**, advérbio de lugar, funciona como marcador discursivo. No excerto 'rapaziadinha **Novo**', em substituição a **nova** percebemos a falta da concordância de gênero, fenômeno comum no linguajar da baixada cuiabana, sendo esta uma variação **fonética fonológica**.

Na terceira linha temos uma variação fonética **fonológica** no termo **Intero**, em substituição a **inteiro**. Aqui, há uma redução de ditongo [ej] > [e] e uma monotongação de [ei]. Na mesma linha, temos a palavra **Sor** em substituição a **sol**. Aqui, há a manifestação de Rotacismo. Já o uso da palavra **Tava** em substituição a **estava** verificamos variação **fonética fonológica**.

Na linha quatro, encontramos variação **fonética** na palavra **djêito** em substituição a jeito. Aqui, temos a troca de fricativa alveolopalatal vozeada por africada alveolopalatal vozeada. Na quarta e última linha do recorte sete verificamos o uso da palavra **cantá**, em substituição a **cartar**, sendo uma variação **morfológica** de marcação do infinitivo do verbo cartar. Aqui ocorre o apagamento do 'R' final, (rótico em coda) de verbos.

Quadro 12: Recorte 8 Cururueiro 02

Pergunta 3: Como eram as festas do Cururu quando o senhor ainda era jovem?

*[...] Eles **começava** nesse horário e **cantava** a noite inteira, a noite toda. Quando era por volta de sete e meia, oito horas, eles **ia toma** chá. Chá, bolo, chá, aquela coisa toda, caldo grosso de costelada de gado com mandioca, ou com milho misturado, enquanto eles iam **alimentá**, era nos que **pegava**, era 15,20 garotos de 12,13,14,15 anos e eles **insinando**. Tocar viola, bater o ganzá, tudo dentro da categoria. Então eu cresci, até meus 19 anos, 20 anos. Quando eu vim **pra** cá para eu servir o exército eu acompanhei tudo isso. [...]*

Fonte: Criado pela autora (2022)

Na primeira linha do recorte 10 a palavra ‘**começava**’ em substituição a *começavam*, configura-se uma variação **morfossintática**. Na mesma linha, temos a palavra **Cantava** em substituição a **cantavam**, verbo na terceira pessoa do plural do pretérito imperfeito do modo indicativo do verbo cantar, apresentando uma variação **morfossintática**. Na segunda linha temos **Ia**, “**eles ia**”, em substituição a “**eles iam**”, verbo no pretérito imperfeito, uma variação de flexão verbal, ou seja, temos aí uma variação **morfossintática**.

Continuando na segunda linha, temos a frase **ia tomá**, ao invés de **iam tomar** em que ocorre apagamento do “r” (rótico em coda) no final de verbos. Quanto a variação, podemos classificá-la como morfossintática. Na terceira linha, temos a palavra ‘**alimentá**’, em substituição a **alimentar-se**, onde ocorre o apagamento do R em coda medial. Na mesma linha temos ‘**era**’, em substituição a **eram**, do verbo ser, verbo de ligação. Como se pode ver, em ambas palavras ocorreu a variação morfossintática.

Na quarta linha, temos duas ocorrências, **pegava**, em substituição a **pegavam**, variação morfossintática e **era**, em substituição a **eram**, variação **morfossintática**. Ainda na mesma linha, a palavra **insinando** se trata de uma variação **fonológica**, troca do /e/ por /i/ em substituição a **ensinando**, e apresenta alçamento da vogal pretônica inicial seguida de nasal. Trata-se de uma mudança praticamente completa em contextos menos formais (KAILER, 2008). Na última linha, temos a palavra **pra**, já analisada anteriormente.

Quadro 13: Recorte 9 Cururueiro 03

Pergunta 3: Como eram as festas do Cururu quando o senhor ainda era jovem?

*[...] antigamente você via, qualquer um que entrava no grupo **pra** poder dança, no grupo que seja, já ficava perto dos cururueiros. Iam lá, ficavam temperando a viola, tudinho, sempre tinha, um ou outro novato que ficava alí, **olhano**, meio tímido, “que qué é esse, como faz?”, como é que toca? [...]*

Fonte: Criado pela autora (2022)

Na primeira linha do recorte 9 há o uso informal de **para** em sua forma **pra**, já discutida anteriormente. Na terceira linha temos a palavra, **olhano**, em substituição a **olhando**, que apresenta a ocorrência de variação **morfossintática**, do verbo **olhar** no gerúndio. Trata-se de uma síncope da oclusiva, processo muito comum em Goiás .

Quadro 14: Recorte 10 Cururueiro 01

Pergunta 04: Como os jovens vê o Cururu hoje em dia?

*“Tão hodjê já **diferencio** tudo, tão isso que eu estranho porque a **dgente** **dispois** que **acustuma** daquele **djêito** que a **dgente** foi criado, a **dgente** não aceita de outro **djêito**”.*

Fonte: Criado pela autora (2022)

No recorte 10 notamos a variação da palavra **tão** em substituição a palavra **então**, advérbio que indica uma conclusão. Trata-se de uma redução do ditongo que se configura como variação fonética fonológica, ocorrência já apresentada anteriormente no recorte 2. Além disso, o uso da palavra **hodjê** [odzi] em substituição a **hoje**, consoante africada sonora, representa uma variação **fonética fonológica**. Na mesma linha, a palavra **diferencio** em substituição a **diferente**, configura-se uma variação **sintática**.

Temos ainda a palavra **dgente**<**gente** em substituição a **gente**, troca de fricativa alveolopalatal vozeada por africada alveolopalatal vozeada. Conforme Almeida (2005), essa variação é comum no linguajar falado em Corumbá (MS), Poconé, Cáceres, Rosário d’Oeste, Diamantino, Santo Antônio de Leverger, Nossa Senhora do Livramento e Barão de Melgaço. Observamos também o uso de **Dispois** em substituição a **depois**, isto é, ocorrência de variação **morfológica**. Na segunda linha o uso da palavra **acustuma**, em substituição a **acostuma** consiste em uma variação **fonética**, troca do /o/ pelo /u/, ou seja, [0]>[u] elevação de o para u. O fenômeno do alçamento da pretônica ocorre em sílabas pretônicas no linguajar da Baixada Cuiabana e não difere do português do Brasil, nem do de Portugal (ALMEIDA, 2005).

Na segunda linha temos as palavras **Djêito**< **jeito**, **Dgente**< **gente** em que ocorre uma variação **fonética**. Cabe ainda destacar que em todas as ocorrências dessa linha há a troca de fricativa alveolopalatal vozeada por africada alveolopalatal vozeada. A respeito dessa recorrência, Almeida (2005, p. 88) afirma que:

É obvio que a frequência de ocorrências desses traços no falar cuiabano varia de acordo com o tipo de falante. Quanto ao emprego dessas africadas a variação pode ser assim resumida:

I) há falantes que, naturalmente, independente de contextos – linguísticos e /ou extralinguísticos, se comunicam deixando à mostra esses e outros traços característicos da variante regional.

Quadro 15: Recorte 11 Cururueiro 02

Pergunta 04: Como os jovens vê o Cururu hoje em dia?

*Olha, falta bastante interesse. Aqui **tava** com uns 4 ou 5 que eu ensinei. Ele, pelo menos pega a viola, **pontiá**, **afiná** a viola, **tavão** começando **cantá**, de uma boa caminhada **prá** eles. Justamente o Icaro...(Inaudível), o único que nós **canta** junto, é eu e ele, porque não*

tem **otro**, não tem! Ele tem a toada que ele canta, eu tenho a minha, que eu canto, eu canto várias toadas **né**, mais **prá** acompanha.

Fonte: Criado pela autora (2022)

Analisando o recorte 14, observamos logo na primeira linha a palavra **tava**, em substituição a **estava**, verbo de ligação estar. Visualizamos uma variação do tipo **fonética fonológica**, onde ocorreu a aférese, subtração no início da palavra es>tava, transição de uma sincronia. Na segunda linha temos as palavras **pontia** em substituição a **pontear**, verbo transitivo, cujo significado neste texto é colocar os dedos sobre as cordas da viola de cocho para produzir o som. Além disso, o informante mobilizou o termo **afiná**, do verbo transitivo direto e bitransitivo afinar, que no texto significa ajustar o instrumento musical, em substituição a **afinar**.

Em ambas as palavras há a variação **fonética** com ocorrência do alçamento e apócope, apagamento do R, em coda silábica final. Ainda temos a palavra **tavão**, uma variação **fonética fonológica** comumente utilizada em situações mais informais em substituição a estavam que, conforme ocorrido acima, houve uma aférese, subtração da sílaba es>tavam.

Ainda na segunda linha temos a palavra **Cantá** em substituição a **cantar**. Há uma variação **morfológica**, com ausência ou perda de **r** em verbos no infinitivo, já apresentado anteriormente. Na segunda e na quinta e última linha desse recorte há a ocorrência da palavra **prá** em substituição a **para**, forma reduzida de **para**, com alçamento da vogal pós-tônica sendo considerada uma variação **fonética fonológica**.

Na terceira linha, a palavra **cantá** é considerada uma variação **morfológica** como visto anteriormente. Na quarta linha, a palavra **otro em** substituição a **outro** demonstra vocalização, e monotongação em **ou => outro>[otro]**, sendo, portanto, uma variação **fonológica** com perda do fonema /u/. A palavra **Né**, é uma contração de "não é", e a palavra **prá**, redução da preposição para, como mencionado anteriormente.

Quadro 16: Recorte 12 Cururueiro 03

Pergunta 04: Como os jovens vê o Cururu hoje em dia?

[...] “Já hoje em dia por exemplo, se algum novato vê, eu, ou seu (cururueiros II), ou seu (cururueiros I), qualquer **cururuero** tocando uma toada, fala, como eu já escutei falando, “não quero aprender isso não”, então **si** vê, tem dois lados. Um lado **qui** é da própria falta de interesse da pessoa, da pessoa que não tem incentivo, eu tive a vivência desde que nasci, por causa da minha mãe, por causa dos meus avós” [...]

Fonte: Criado pela autora (2022)

No recorte 15 presenciamos, mais uma vez, a palavra **Cururuero** em substituição a **cururueiros** [ej] >[e], apresentando redução de ditongo, especificamente, uma monotongação e variação **fonética fonológica**. Na terceira linha temos a variação **Si**, em substituição a **se**, uma variação **fonética fonológica** representada pela troca do /e/ por /i/. Ainda nesse contexto ocorre a mesma variação **fonética fonológica** na palavra **qui**, em substituição a **que**, por meio da troca do /e/ por /i/.

A partir dos dados, percebemos que ao comparar o falar do Cururuero 03 em relação aos outros dois informantes, o número de ocorrências de variações é menor.

5.2. As vozes dos curureiros nas Toadas do Cururu

Após a entrevista, lançamos olhares para as toadas. Durante essa etapa, percebemos que enquanto um entoava — aquele que puxa a toada — os demais o acompanhavam com os instrumentos e o respondiam com o ‘La, ri, lá, lá’. No momento da transcrição, infelizmente não conseguimos compreender o que os informantes diziam durante a transcrição do Cururuero 01. Quanto ao Cururuero 02, obtivemos a sua ajuda para compreender em algumas frases. No que diz respeito ao Cururuero 03, não tivemos dificuldades na transcrição.

Quadro 17: Toadas Recorte 01

Cururuero 01
Inaudível (Não foi possível entender as pronúncias da toada)

Fonte: Criado pela autora (2022)

Quadro 18: Toadas Recorte 02

Cururueros 02
(Inaudível) - Primeira frase Si não fosse contrariá, Ai meu Deus Que Deus me livre (Inaudível) Vão louvar meu São Gonçalo Vai chegando um momento Eu bem quero mais não posso Eu queria ser alegre Como notro tempo eu era Mas não posso contraria Ai meu Deus que Deus me livre (inaudível)

Fico muito satisfeito,
 Com vocês aqui presente
 Eu bem quero mais não posso
 Eu queria ser alegre,
 Como **notro** tempo eu era!
 Se não fosse contraria
 Ai meu Deus, que Deus me livre
 E o nosso pai do céu
 E também da terra
 Fico muito satisfeito com vocês aqui presente
 Eu bem quero, mas não posso
 Eu queria ser alegre,
 Como **notro** tempo eu era!
 Se não fosse contraria
 Ai meu Deus, que Deus me livre!
 Viva meu São Gonçalo! Viva!!!

Fonte: Criado pela autora (2022)

Nesse recorte, observamos três ocorrências. O primeiro deles é a palavra **Si** em substituição a **se**, sendo uma variação fonológica, troca do /e/ por /i/. Além disso, verificamos o uso da palavra **notro** em substituição a **noutro**, que apresentou a transformação de uma consoante em semivogal, fenômeno conhecido como vocalização, ou seja, uma monotongação de **ou** => noutro>[notru].

Em relação ao recorte 3, destacamos em negrito dez ocorrências que serão analisadas a seguir.

Quadro 19: Toadas Recorte 03

Cururueiros 03
Oi lara lá lá laiá
Mais agora eu cabei de vê
A genti pra te amizade precisa sabe
Com quem qui é
Que a falsidade é dimais (bis)
Oi na na nai na na
A genti pra te amizade
Precisa sabe com quem qui é
Que a falsidade é dimais!

Fonte: Criado pela autora (2022)

Na toada do Cururueiro 3 foram destacadas outras ocorrências. Na linha 2, destacamos a palavra **cabei** como uma variação **fonética fonológica**, em substituição a **acabei**. Na linha três temos a palavra **genti** em substituição a **gente**, em que o /e/ foi substituído pelo /i/, uma variação **fonética fonológica**. Na mesma linha ainda temos a palavra **pra**, em substituição a

para. Por fim, destacamos o uso de **Te**, verbo transitivo, em substituição a **ter**, sendo uma variação **morfossintática**. Na linha quatro, verificamos a mobilização da palavra **qui** em substituição a **que**, uma variação fonética fonológica devido a troca do /e/ por /i/. Na quinta e na nona linha destacamos a palavra **dimais** em substituição a **demais**, uma ocorrência da variação **fonológica**, pois houve a troca do fonema /e/ por /i/.

Na sétima linha destacamos as palavras **genti**, **pra** e **te**, já analisadas acima. Com base nos recortes apresentados, com intuito de sistematizar os dados obtidos mediante as entrevistas coletadas dos 03 cururueiros participantes, apresentaremos os quadros (Quadros 18, 19, 20 e 21) com os respectivos recortes das falas dos cururueiros.

Quadro 20: Excertos e variação linguística da pergunta 01

Trecho ou palavra	Varição Linguística	Participante
Oia => olhar	Varição fonética fonológica	Cururueiro 1
Cururuero	[ej] >[e] redução de ditongo => variação fonética fonológica	Cururueiro 1
Tudo => todos	Varição fonética fonológica	Cururueiro 1
Tão	Varição fonética fonológica	Cururueiro 1
Devoçon	Ditongo nasal decrescente característico do linguajar cuiabano. => Variação fonética Fonológica	Cururueiro 1
Né	Há uma redução fonética/desgaste semântico. Variação fonética fonológica	Cururueiro 1
Tá	Varição fonética fonológica	Cururueiro 1
Trenando	Redução de ditongo [ej]> [e] Variação fonética fonológica	Cururueiro 1
Djêito	=> Em substituição a jeito => Consoante africada sonora, comum no linguajar da baixada cuiabana. Variação fonética e fonológica	Cururueiro 1
convidava	Morfossintática	Cururueiro 1
Era => Eram	Varição morfossintática	Cururueiro 1
Né	Varição fonética fonológica	Cururueiro 2
Artar	Rotacismo, onde ocorre o fenômeno da troca do l pelo r . Tendência estigmatizada, pela forma não padrão e vista como forma regionalizada caipira, comum no falar cuiabano. Variação fonética fonológica	Cururueiro 2
Cururuero	Varição fonética fonológica	Cururueiro 2
Tioria	Varição fonética fonológica, troca do /e/ por /i/	Cururueiro 2
Os pessoal	Varição morfossintática	Cururueiro 2
Meus pai	Varição sintática	Cururueiro 2
Veio	Varição morfossintática	Cururueiro 2
Tudinho	Varição fonética fonológica	Cururueiro 3
Cantá	Varição morfológica	Cururueiro 3
Dinada	Varição lexical	Cururueiro 3

Fonte: Criado pela autora (2023).

Quadro 21: Excertos e variação linguística da pergunta 02

Trecho ou palavra	Varição Linguística	Participante
Oia	Varição fonética fonológica	Cururueiro 1
Tudo	Varição fonética fonológica	Cururueiro 1
cururuero	[ej] >[e] redução de ditongo. Há uma monotongação de [ei] Varição fonética fonológica	Cururueiro 1
Tudo	Varição fonética fonológica	Cururueiro 1
Tuda	Varição fonética fonológica	Cururueiro 1
Tão	Varição fonética fonológica	Cururueiro 1
tuda	Varição fonética fonológica	Cururueiro 1
Tô	Varição fonética fonológica	Cururueiro 1
tudo	Varição fonética fonológica	Cururueiro 1
cururuero	Varição fonética fonológica	Cururueiro 1
Meus pai	Varição sintática	Cururueiro 1
Era	Varição morfossintática	Cururueiro 1
tioria	Varição fonética fonológica	Cururueiro 2
louvá	Varição fonética fonológica	Cururueiro 2
artá	Rotacismo, onde ocorre o fenômeno da troca do l pelo r . Tendência estigmatizada, pela forma não padrão e vista como forma regionalizada caipira, muito falada no linguajar cuiabano. Varição fonética fonológica	Cururueiro 2
bandera	[ej] >[e] redução de ditongo. Há uma monotongação de [ei] Varição fonética fonológica	Cururueiro 2
astíá	Varição lexical	Cururueiro 2
levantá	Varição morfossintática	Cururueiro 2
Da da	Varição sintática	Cururueiro 2
qui	Varição fonética fonológica	Cururueiro 3
genti	Varição fonética fonológica	Cururueiro 3
Pra	Varição fonética fonológica	Cururueiro 3
Tô	Varição fonética fonológica	Cururueiro 3
genti	Varição fonética fonológica	Cururueiro 3
Pras festa	Varição Morfossintática	Cururueiro 3

Fonte: Criado pela autora (2023).

Quadro 22: Excertos e variação linguística da pergunta 3

Trecho ou palavra	Varição Linguística	Participante
véio	Varição fonética fonológica	Cururueiro 1
memo	Varição fonética fonológica	Cururueiro 1
Né	Varição fonética fonológica	Cururueiro 1
intero	[ej] >[e] redução de ditongo. Há uma monotongação de [ei] Varição fonética fonológica	Cururueiro 1
Sor	rotacismo, onde ocorre o fenômeno da troca do l pelo r . Tendência estigmatizada, pela forma não padrão e vista como forma regionalizada caipira, muito falada no linguajar cuiabano. Varição fonética fonológica	Cururueiro 1
Tava	Em substituição a estava . Varição fonética fonológica	Cururueiro 1
Djêito	Troca de fricativa alveolopalatal vozeada por africada alveolopalatal vozeada Varição fonética fonológica	Cururueiro 1

cantá	Há uma variação morfossintática de marcação do infinitivo do verbo cartar.	Cururueiro 1
dispois	Variação morfossintática	Cururueiro 1
Rapaziadinha novo	Marcação de gênero – Variação sintática	Cururueiro 1
Aí	Marcadores discursivos	Cururueiro 1
Ia tomá	Variação fonética fonológica	Cururueiro 2
alimenta	Variação fonética fonológica	Cururueiro 2
Insinando	Variação fonética fonológica troca do /e/ por /i/	Cururueiro 2
Pra	Variação fonética fonológica	Cururueiro 2
Começava	Variação morfossintática	Cururueiro 2
Cantava	Variação morfossintática	Cururueiro 2
Era	Variação morfossintática	Cururueiro 2
Pegava	Variação morfossintática	Cururueiro 2
Pra	Variação fonética fonológica	Cururueiro 3
olhano	Variação fonética fonológica	Cururueiro 3
Que que	Conectores aditivos, marcas da oralidade.	Cururueiro 3

Fonte: Criado pela autora (2023).

Quadro 23: Excertos e variação linguística da pergunta 4

Trecho ou palavra	Variação Linguística	Participante
tão	Variação fonética fonológica	Cururueiro 1
hodjê	Em substituição a hoje. Consoante africada sonora, comum no linguajar da baixada cuiabana. Variação fonética fonológica	Cururueiro 1
dgênte	Troca de fricativa alveolopalatal vozeada por africada alveolopalatal vozeada, variação comum no linguajar cuiabano. Variação fonética-fonológica	Cururueiro 1
acustuma	Variação fonética fonológica	Cururueiro 1
djêito	Troca de fricativa alveolopalatal vozeada por africada alveolopalatal vozeada . Variação fonética fonológica	Cururueiro 1
dgente	Troca de fricativa alveolopalatal vozeada por africada alveolopalatal vozeada, variação comum no linguajar cuiabano. Variação fonética fonológica	Cururueiro 1
djêito	Troca de fricativa alveolopalatal vozeada por africada alveolopalatal vozeada . Variação fonológica	Cururueiro 1
dispois	Variação morfológica	Cururueiro 1
diferencio	Variação sintática	Cururueiro 1
tava	Variação fonética fonológica	Cururueiro 2
pontiá	Variação fonética fonológica	Cururueiro 2
afiná	Variação fonética fonológica	Cururueiro 2
tavão	Variação fonética fonológica	Cururueiro 2
otro	Variação fonética fonológica com redução do fonema /u/.	Cururueiro 2
né	Variação fonológica fonológica	Cururueiro 2
cantá	Variação morfossintática	Cururueiro 2

vê	Varição fonética fonológica	Cururueiro 3
cururueiro	Há uma monotongação de [ei] =>Varição fonética fonológica com redução do fonema /u/.	Cururueiro 3
qui	Varição fonética fonológica	Cururueiro 3

Fonte: Criado pela autora (2023).

Após as análises dos recortes apresentados e dos dados sistematizados a partir das 04 perguntas respondidas pelos 03 cururueiros, foi construído o quadro 21 abaixo com o intuito de elucidar a frequência das ocorrências de variações.

Quadro 24: Aspectos encontrados com maior frequência

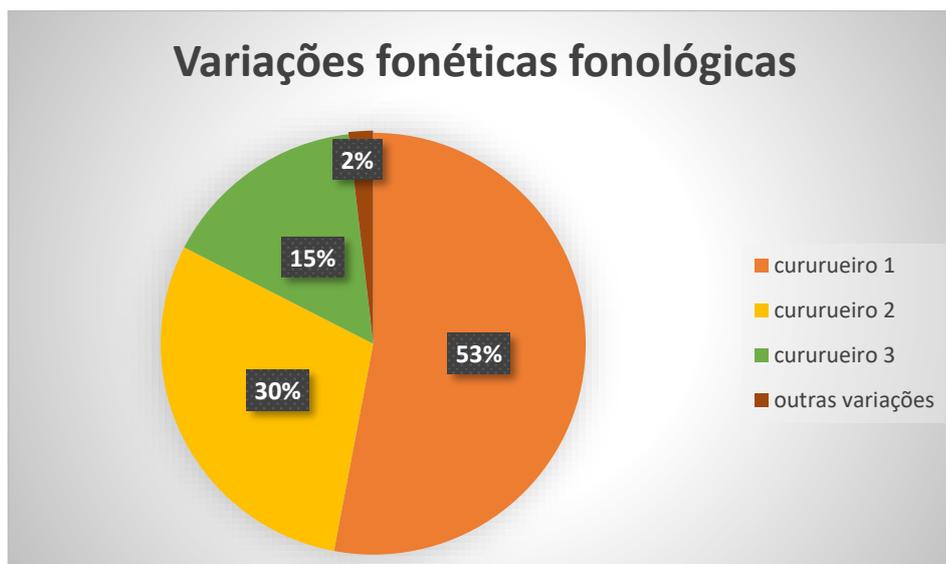
Nº	Tipo de Variação	Quantidade de ocorrências
01	Varição fonética	64
02	Varição morfossintática	16
05	Varição sintática	04
06	Varição lexical	01

Fonte: (Autoria própria, 2023)

Com base nas informações fornecidas sobre o quadro, podemos observar diferentes tipos de variação linguística e sua frequência. O tipo de variação mais comumente encontrado é a variação fonética, presente em 64 ocorrências. Isso sugere que as mudanças na pronúncia dos sons são uma característica relevante nesse contexto sociolinguístico. Em segundo lugar, temos a variação morfossintática, que ocorre em 16 casos. Essa variação envolve alterações na estrutura e na forma das palavras, indicando possíveis mudanças gramaticais e flexões utilizadas pelos falantes.

Em menor número, temos a variação sintática, presente em apenas 4 ocorrências, o que indica que as mudanças na ordem das palavras e na estrutura das frases não são tão comuns nesse contexto específico. Por fim, a variação lexical é a menos frequente, ocorrendo em apenas 1 caso. Isso sugere que as mudanças no vocabulário utilizado pelos falantes são menos marcantes nesse contexto sociolinguístico.

Para fins de sistematização das ocorrências encontradas junto aos três informantes (Cururueiros 1, 2 e 3), o gráfico a seguir ilustra a quantidade de variações apresentadas nas respostas das quatro perguntas.

Gráfico 1: Síntese das variações encontradas nas falas dos Cururueiros

Fonte: Criado pela autora (2023)

Conforme os dados obtidos no Gráfico 1, foi observado que as variações linguísticas estão bastante presentes na fala dos cururueiros entrevistados. O Cururueiro 1 apresentou uma variação fonética-fonológica de 53%, totalizando 34 variações, incluindo o fenômeno do Rotacismo (troca de fricativa por africada) e a concordância de gênero. Essas variações são comuns no linguajar da baixada cuiabana. O Cururueiro 2 mostrou uma variação fonética-fonológica de 30%, com um total de 19 variações. Já o Cururueiro 3 apresentou 15% de variações fonética-fonológicas, totalizando 10 variações. As demais variações representam cerca de 2% do total, conforme ilustrado no gráfico.

Esses resultados sugerem que pode haver uma relação com questões extralinguísticas, como o nível de escolaridade dos falantes, uma vez que os cururueiros entrevistados estão em diferentes níveis de escolarização. O Cururueiro 1, com 89 anos e nascido em Cuiabá, possui ensino fundamental incompleto. Ele é aposentado, pescador e artesão na fabricação de canoas e violas de cocho. Com base em seu histórico de vida (ver Apêndice), percebe-se que ele sempre desempenhou funções que exigiam pouca escolaridade, como guarda e serviços gerais em um barco, limitando seu contato com outras pessoas.

O Cururueiro 2, com 83 anos e nascido em Rosário D'Oeste, é um professor aposentado e ex-militar. Ele teve contato com a variação da língua culta do português brasileiro e provavelmente teve contato com outras variações devido à proximidade com militares de outras regiões do Brasil. Além disso, ele também trabalhou como músico na vida noturna. O Cururueiro 3, com 36 anos, é um jovem senhor nascido em Cáceres, possui curso superior e

trabalha como massoterapeuta. Apesar dos três cururueiros participarem do mesmo grupo de cururueiros e se reunirem frequentemente, cada um apresenta diferenças linguísticas marcantes.

O Cururueiro 1, apresentou tantas variantes quantos os outros cururueiros e algumas características mais, como o rotacismo, mudança de gênero. Além disso, percebemos que ele emitiu, de forma natural e espontânea, as variantes africadas características do falar cuiabano e da Baixada Cuiabana, como "hodjê", "dgênte", "djeito", que são variantes estigmatizadas, mas fazem parte do falar desse cururueiro. O Cururueiro 2 apresentou algumas variantes linguísticas comuns aos brasileiros em geral, como a morfossintaxe e mudança de gênero. No entanto, também observamos nele o uso do Rotacismo, que consiste na troca do "l" pelo "r". Essa variação é comum no linguajar da Baixada Cuiabana, assim como em comunidades rurais e urbanas do português falado em outras regiões do Brasil.

Para Cox (2005, p. 103) “a hipótese de o rotacismo ter sido trazido para a região da Baixada Cuiabana pelos bandeirantes é provável, se se considerar que eles vinham da região de Piracicaba, berço do dialeto caipira”. Cox ainda coloca que, como o caminho utilizados por eles era o fluvial, explica a grande incidência dessa variante nas cidades banhadas pelos rios, principalmente o Cuiabá e Paraguai, sem contar as dificuldades que encontravam para comunicar-se com as demais regiões do Brasil. “O rotacismo não teria encontrado barreiras para florescer numa cultura predominantemente oral” (COX, 2005, p.104).

A análise das variações linguísticas dos cururueiros revelou que tanto os fatores linguísticos quanto os sociais desempenham um papel importante na ocorrência dessas variações. No entanto, o nível de escolaridade se mostrou um fator determinante. O Cururueiro 1, com menor escolaridade, utilizou as consoantes africadas e estigmatizadas, enquanto o Cururueiro 2 e o Cururueiro 3, com níveis mais altos de escolaridade, optaram pelas fricativas consideradas de prestígio.

Embora a faixa etária também tenha influenciado nos dados, a variável escolaridade se destacou, mesmo com o Cururueiro 1 e o Cururueiro 2 sendo próximos em idade. Além disso, observou-se que o Cururueiro 3 está substituindo as variantes mais estigmatizadas por aquelas de maior prestígio. Isso sugere que no futuro próximo pode ocorrer uma substituição das variantes estigmatizadas pelas variantes consideradas mais prestigiosas. No contexto das toadas do cururu, pode-se deduzir que o preconceito linguístico está enraizado em um passado em que a dança era associada a bagunça e desordem.

Esses estereótipos podem ter contribuído para a estigmatização de certas variantes linguísticas presentes nas toadas do cururu. No entanto, é importante destacar que as toadas do cururu são uma expressão cultural legítima e merecem respeito e valorização,

independentemente das variações linguísticas que possam apresentar. Para Pereira Junior (2009), o preconceito em relação ao cururu era explícito, pois conforme o código de posturas municipais da época se dizia que era:

[...] mais conveniente prevenir do que remediar os danos...dessas funções de batuques, cururus e tambaques...e aquele proprietário ou inquilino que em sua casa promover, ou consentir pagará as obras da câmara 30\$000 ou trinta dias de prisão, sendo na rua, serão quebrados os instrumentos... (CÓDIGO DE POSTURAS MUNICIPAIS, 1831, p. 07).

No que diz respeito à narrativa do Cururueiro 03, consideramos relevante mencionar o trecho em que ele diz: “hoje em dia, se vai ter uma toada, de cururueiros alí, com certeza dá pra contar nos dedos, as pessoas que vão ficar assistindo, prestando atenção, não somente olhando, e fica no celular, olha por olhar, ou fazer número, que é o que a maioria fazem”. (Cururueiro III, 21/09/2022, informação verbal). Em termos socioculturais, o informante expressa uma preocupação em relação à diminuição do interesse e da participação do público nas apresentações de cururu. Ele afirma que atualmente é possível contar nos dedos as pessoas que assistem e prestam atenção nas toadas (músicas) dos cururueiros.

O informante também menciona a presença constante de desatentas durante os espetáculos, o que sugere uma falta de engajamento genuíno com a tradição do cururu. A fala do informante revela preocupações relacionadas à preservação e valorização do cururu mato-grossense como expressão cultural. A diminuição do interesse do público e a distração causada pelos celulares durante as apresentações podem indicar uma possível perda de conexão com essa manifestação artística tradicional.

No Artigo intitulado, “Os festivais de Cururu e Siriri” Osório (2012, p.240) cita que “o número de grupos de cururu que se apresentaram na noite é bem menor que o de siriri”. Além disso, a autora acrescenta que “sem dúvida, a plateia se mostra mais ‘empolgada’ nas apresentações dos grupos de siriri, enquanto nas de cururu[...] o público se mantém em silêncio, sendo possível identificar a impaciência de alguns.”

Dessa forma, reitera-se que, em algumas ocasiões, os cururueiros se queixam da falta de interesse por parte dos jovens. Acredita-se que isso ocorra devido à natureza exclusivamente masculina dessa manifestação, que é predominantemente composta por senhores acima de 40 anos e possui forte influência religiosa. O cururu é apreciado por aqueles que gostam das festas de santo e se destaca como um ponto alto nessas celebrações. A divulgação desse evento ocorre

principalmente por meio de redes de amizade, vizinhanças e parentes, fortalecendo, dessa forma, os laços sociais.

Até a década dos anos 90, tanto a dança, vista como dança de “velhos”, quanto ao linguajar cuiabano, sofriam preconceitos, e eram estigmatizadas principalmente pelos ditos “pau rodados” — É um termo que originalmente se refere aos tempos da navegação fluvial, quando muitos paus rodavam nas margens dos rios, encalhando pouco tempo em cada um de seus trechos — que acabavam influenciando os jovens, a sentirem vergonha de sua cultura, comparando com o que viam na TV. Assim, diante do esmaecimento da cultura cuiabana, os cuiabanos criaram, conforme Possari (2005), o Muxirum Cuiabano. O objetivo principal dessa iniciativa era conquistar respeito e valorizar o linguajar cuiabano, que muitas vezes era motivo de chacota, assim como a cultura musical do rasqueado, frequentemente associada a música de bordel.

A partir dos anos 2000, houve um significativo crescimento e transformação dos grupos de cururu e siriri em Mato Grosso. Anteriormente, essas manifestações culturais eram realizadas de forma mais informal, em ambientes como quintais, festas em sítios e fazendas. No entanto, atualmente, esses grupos ganharam visibilidade e passaram a se apresentar em palcos, buscando oferecer entretenimento e espetáculo para o público. Essa mudança trouxe consigo a incorporação de elementos cênicos, tornando as performances mais atrativas e chamativas. Os grupos passaram a se profissionalizar, atraindo jovens e adolescentes interessados em participar das danças tradicionais. Inspirados pelos festivais de Parintins, cidade amazonense conhecida por suas celebrações culturais, o brilho e o espetáculo se tornaram aspectos fundamentais nas apresentações de cururu e siriri em Mato Grosso.

Nesse contexto de valorização e profissionalização, os cantores profissionais têm substituído os cururueiros tradicionais. Eles exaltam as belezas de Mato Grosso e de outras regiões do Brasil por meio de suas performances musicais. Além disso, os políticos de Cuiabá têm apoiado o resgate da cultura local, investindo em festivais e eventos que promovam o cururu e o siriri. Em 2004, a viola de cocho, instrumento característico dessas manifestações, foi tombada como patrimônio imaterial pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN,) evidenciando a preocupação em preservar e valorizar essas tradições.

Essas iniciativas refletem uma maior atenção ao potencial turístico desses festivais, reconhecendo sua importância para a identidade cuiabana e buscando o retorno socioeconômico por meio do turismo cultural. O siriri e o cururu foram oficialmente reconhecidos como tradições culturais, resgatando seu papel social e fortalecendo sua presença na cultura local de

Mato Grosso. Viana (2005) fala sobre a problematização das transformações vividas pelos grupos de siriri, pois:

Tudo circula entre as festas, na rede das festas: pedaços de melodia; versos; instrumentos musicais; detalhes de indumentária; falas de encenações teatrais. Danças de bumba meu boi migram para o reisado; melodias dos reisados são absorvidas pelas congadas; letras de congadas são reinterpretadas pelas marujadas; trechos de música pop-sertaneja entram para o repertório de siriri; e assim por diante, num processo que não tem fim, e que nenhum preservacionista, por mais bem-intencionado que seja, vai conseguir ordenar ou (totalmente) estancar. Cada [...] brincante não atua como espectador passivo de uma tradição secular sobre a qual não tem nenhum controle e só pode preservar. Seu papel é mais de um DJ, ou qualquer outro produtor musical cibernético, que faz suas próprias colagens a partir de determinado conjunto de elementos: o gigantesco e multiforme banco de dados da biodiversidade brincante brasileira. (VIANNA, 2005, p. 309).

Atesta-se, com base em Vianna (2005) que as mudanças estão ocorrendo de forma evidente. No entanto, essas mudanças têm contribuído para a continuidade desses folguedos, garantindo não apenas a preservação da tradição, mas também sua visibilidade. Contudo, toda mudança tem suas consequências. Quando se admite que danças migrem de uma para outra e que músicas pop sertanejas passem a fazer parte do repertório do siriri, forma-se uma cultura híbrida. Há também a preocupação com a preservação do tradicional, onde a essência deve ser mantida.

No entanto, quando essas modificações afetam a sonoridade do linguajar em detrimento de uma melhoria musical e de uma melhor compreensão sonora, onde a eletrificação dos instrumentos musicais se faz necessária, não se pode negar que a resistência e a prevalência do estilo de fala ribeirinha, conseqüentemente, tenderão a desaparecer. Portanto, após a descrição e análise dos dados apresentados, percebe-se que quanto maior o contato dos cururueiros com a variedade padronizada do português brasileiro, menor é o uso das variações características da Baixada Cuiabana.

O fator escolaridade desempenha um papel fundamental na substituição das africadas estigmatizadas pelas fricativas de maior prestígio, e a idade também contribui para que as variações características da fala da Baixada Cuiabana sejam cada vez menos frequentes entre os jovens, evidenciando mudanças nas variações linguísticas deles.

No que diz respeito à cultura, o cururu, que no passado recente e ainda hoje enfrenta preconceitos por parte de algumas pessoas, seja por considerarem monótono ou por não compreenderem as toadas, não teve sua continuidade afetada pela mudança. Os festivais de

siriri e cururu estão renovados e fortalecidos, com a inclusão de jovens que estão aprendendo a ser cururueiros, imitando e acompanhando os cururueiros mais velhos. Assim, as mudanças linguísticas acompanham as mudanças ocorridas na dança, no vestuário, na inclusão de brilho e novas alegorias, enfatizando a importância de ser um espetáculo. Tudo se renova.

Encerro aqui, citando Possari, (2005), quando diz que “é o ir e vir, é a vida em movimento, não há porque se pensar em resgate e, sim, em se viver intensamente as trocas, a pluralidade, a multiculturalidade, a vida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os Estudos Sociolinguísticos desenvolvidos na perspectiva da variação e mudança nos ajudaram a compreender como o contexto sociocultural influencia as mudanças de padrões, sejam eles comportamentais, estruturais, e, no que se propôs esta pesquisa, as variações nos estilos e concepções de falas. A partir deste entendimento é possível pontuar algumas reflexões.

Os participantes, falantes do linguajar e atuantes mestres cururueiros, apresentaram contextos e conexões socioculturais diferentes e, às vezes, concomitantes; embora incluídos em um único núcleo e/ou grupo de cururueiros, algumas singularidades nas falas foram identificadas pelos entendimentos eco fonéticos-fonológicos, em ritmo e audibilidade de fala distintos.

A respeito disso, foi possível perceber a partir dos pressupostos teóricos em contraste com os dados que o falar cuiabano tem uma sonoridade específica, pois a pronúncia é mais aberta e pausada. Trata-se de um patrimônio sociolinguístico incomensurável que representa a história e a vida de um povo. Nesse sentido, o estudo mostrou que é fundamental reconhecer, registrar, preservar e valorizar as variações linguísticas presentes na fala dos cururueiros, especialmente aquelas identificadas nas toadas de cururu, que refletem a reexistência do falar cuiabano.

Através desse reconhecimento, é possível enriquecer nossa compreensão da diversidade linguística e cultural, além de promover a valorização e manutenção das formas de expressão regionais. A importância de reconhecer e registrar as variações linguísticas está no fato de que a língua é uma construção social, moldada por fatores históricos, culturais e geográficos. Cada comunidade linguística possui suas particularidades e peculiaridades, que se manifestam nos diferentes usos linguísticos. No caso dos cururueiros e das toadas de cururu, a preservação dessas variações é crucial para a manutenção da identidade cultural e para o fortalecimento das tradições locais.

Ao valorizar as variações linguísticas presentes nas toadas de cururu, reconhecemos a importância do patrimônio imaterial, ou seja, das práticas culturais transmitidas oralmente ao longo das gerações. Essa valorização contribui para a autoestima das comunidades locais, promovendo o sentimento de pertencimento e reforçando a importância do respeito à diversidade linguística. Além disso, a preservação das variações linguísticas é crucial para a pesquisa linguística e sociolinguística. Ao estudar essas variações, podemos compreender melhor os processos de mudança e estabilidade da língua, bem como as relações entre língua e identidade. Nessa ótica, esta pesquisa promoveu um olhar para a sociedade cuiabana e de suas

manifestações culturais, contribuindo para o conhecimento acadêmico e para a expansão da sociolinguística pantaneira, valorizando, descrevendo e registrando a pluralidade local.

O estudo mostrou que o reconhecimento e a valorização das variações linguísticas não devem ser confundidos com uma visão hierárquica das línguas e dialetos. Todas as formas de expressão linguística são igualmente válidas e merecedoras de respeito. Não se trata de julgar uma variedade como melhor ou pior, mas de apreciar a riqueza e a diversidade que a linguagem humana possui.

Jás, em relação aos aspectos de ordem socioeconômica levantadas nos direcionam para a compreensão que estas diferenças podem ser respaldadas nas experiências e contatos que ambos tiveram no decorrer de suas histórias de vida.

Nesse sentido, o Cururueiro 2, é oriundo de família tradicional da baixada cuiabana, é letrado, possui licenciatura curta, adjunto com o contato com outras formas de fala durante o serviço militar prestado. Ficando evidente que durante sua formação educacional foi submetido as estruturas gramaticais do português padrão.

Verificamos que os fatores externos à língua, como o perfil socioeconômico e o grau de instrução, desempenharam um papel significativo na variação linguística presente no falar dos cururueiros. Esses fatores influenciam a forma como as pessoas se comunicam e moldam suas práticas linguísticas. O perfil socioeconômico pode afetar o acesso a recursos linguísticos, como a exposição a diferentes variedades da língua e a oportunidade de interação com falantes de diferentes origens sociais. Já o grau de instrução está associado ao nível de escolarização e ao domínio de normas linguísticas padrão, que podem afetar a maneira como os cururueiros se expressam nas toadas de cururu. Portanto, é importante considerar esses fatores externos ao analisar a variação linguística dos cururueiros, uma vez que eles refletem as influências sociais e educacionais que permeiam o uso da linguagem.

A respeito disso, ressaltamos o fato de Cururueiro 1, que tem baixa escolaridade, conseguir apenas copiar o próprio e ter habilidades insuficientes de leitura. Durante a escuta da gravação, tivemos dificuldades de transcrever algumas palavras, pois estava inaudível, ficando evidente durante a análise do *corpus* que ele possui a entoação pesada, característicos de uma estrutura de fala mais preservadas em sua construção essencial, evidenciados pelos traços fonológicos peculiares do “tchê” e “djê”, encontrados somente em seu linguajar.

Em relação ao Cururueiro 3, foi percebido em sua fala algumas evidências de que as variedades linguísticas estão em processo de mudança e que o acesso escolar a níveis mais altos pode ser um dos fatores que contribuiu para a imposição do uso da língua de maior prestígio da Língua Portuguesa, frente as variedades linguísticas.

Ademais, o estudo apontou que, no passado, as práticas de cururu em Cuiabá foram alvo de combate e repressão por parte de instituições e setores conservadores da sociedade. Essas ações de repressão tinham como objetivo suprimir ou diminuir a importância dessa manifestação cultural, considerando-a como uma prática inferior ou inadequada. Tal combate resultou em um impacto negativo na preservação e valorização do cururu enquanto expressão artística e cultural. Muitos cururueiros foram desencorajados ou proibidos de praticar o cururu, o que levou a um declínio no número de participantes e à redução da visibilidade e transmissão dessa tradição. Felizmente, com o passar do tempo, houve um reconhecimento maior da importância do cururu como parte integrante da identidade cultural cuiabana, e esforços têm sido feitos para revitalizar e preservar essa manifestação, garantindo seu reconhecimento e apreciação na sociedade atual.

Os resultados obtidos nesta pesquisa denotam claramente a relação envolvendo os fatores socioeconômicos e culturais que afetam o linguajar. Assim, os cururueiros que se encontram mais isolados no ambiente familiar, num contato mais restrito, têm maior propensão a conservar os traços característicos da fala mato-grossense da baixada cuiabana, preservando assim as particularidades do português informal. Essa afirmação baseia-se na compreensão de que o ambiente familiar é o espaço onde ocorre a socialização primária, onde as crianças aprendem a língua materna e desenvolvem suas habilidades comunicativas iniciais.

No contexto familiar mais restrito, os cururueiros estão expostos a um número limitado de falantes e a uma variedade linguística mais específica, associada às tradições e práticas culturais transmitidas de geração em geração. Esse ambiente proporciona uma forte conexão com as raízes e identidade regional, o que leva à conservação dos traços distintivos da fala mato-grossense. Além disso, no contato mais restrito, é comum que as formas de expressão informais sejam predominantes, já que os membros da família compartilham um vínculo de proximidade e intimidade, tornando o ambiente propício para o uso de variantes linguísticas não padronizadas. Essas particularidades do português informal, como variações fonéticas, vocabulário específico e estruturas gramaticais típicas, tendem a ser preservadas e reforçadas nesse contexto. É importante ressaltar que, embora o ambiente familiar restrito possa contribuir para a preservação das particularidades da fala mato-grossense, outros fatores também desempenham um papel na variação linguística, como a exposição a diferentes registros de língua, a influência da educação formal e o contato com diferentes grupos sociais. Portanto, a preservação das características linguísticas está sujeita a uma interação complexa entre fatores individuais, sociais e contextuais.

No que diz respeito aos cururueiros analisados, observamos que o Cururueiro 2 apresentou características de variações linguísticas da Baixada Cuiabana, porém percebemos traços mais característicos da variação do português brasileiro. Já no linguajar do Cururueiro 3, notamos também mudanças no falar cuiabano, porém com menor frequência. Essas observações indicam que a variação linguística nessa comunidade de fala está passando por um processo de mudança, tanto no aspecto linguístico quanto no social. Isso nos leva a uma previsão de que existe a possibilidade de o linguajar cuiabano se perder ao longo do tempo, à medida que ocorre a evolução socioétnica e cultural. É importante mencionar que há um movimento de resgate do linguajar cuiabano, impulsionado principalmente pelos artistas, que teve início por volta dos anos 80. Esses artistas, por meio de personagens e de suas expressões artísticas, buscam promover a valorização das características e raízes do linguajar cuiabano, preservando e fortalecendo a identidade linguística e cultural da região.

A introdução de elementos de outras culturas nos festivais de Cururu e Siriri levanta uma questão importante sobre até que ponto isso é benéfico para o folclore. Existe o risco de perder a essência dessas danças ao misturar elementos de outras tradições. No entanto, é preciso considerar que a cultura é dinâmica e está em constante evolução. A incorporação de elementos de outras culturas pode trazer novidades e enriquecer as manifestações folclóricas, desde que seja feita com respeito e cuidado para preservar a identidade original.

Da mesma forma, ao longo das décadas, o linguajar cuiabano tem sofrido influências das mídias e das novas tecnologias, levando a mudanças linguísticas. Estudos sociolinguísticos, como o de Palma (2005), têm observado uma forte tendência entre jovens e adolescentes de manifestarem traços linguísticos cariocas em sua fala, demonstrando uma predisposição para aprender esses traços. Isso resulta na perda dos traços linguísticos estigmatizados e característicos do falar cuiabano, em favor dos traços linguísticos de maior prestígio, uma vez que os grandes centros ditam normas sociais para regiões consideradas menos desenvolvidas socioeconomicamente.

Nesse sentido, é fundamental o desenvolvimento de estratégias que visem à preservação e ao fortalecimento do falar da Baixada Cuiabana e das práticas de cururu, garantindo a continuidade dessas manifestações e a valorização da diversidade linguística. Como efeito desse estudo, sugerimos algumas proposições. A primeira delas é a “educação e conscientização” por meio da implementação de programas educacionais que valorizem o falar da Baixada Cuiabana, com vistas a preservação desse patrimônio cultural. Essa ação pode ser desenvolvida a partir da idealização de projetos escolares e atividades curriculares em que os alunos possam aprender sobre a história, a importância e as características do falar cuiabano e do cururu. Além disso, é

fundamental conscientizar a sociedade sobre a riqueza linguística dessa região, promovendo eventos, palestras e campanhas de sensibilização que ressaltem a importância de preservar e valorizar as manifestações culturais locais.

Em segundo lugar, destacamos o “incentivo às práticas tradicionais”. Para fortalecer as práticas de cururu, é necessário fomentar espaços de expressão e valorização dessa manifestação cultural. Apoiar a organização de festivais, encontros e apresentações de cururu permite que os cururueiros mostrem sua arte, compartilhem conhecimentos e estabeleçam conexões com outros grupos e comunidades. Além disso, é importante oferecer incentivos financeiros e recursos para a produção e gravação de toadas de cururu, visando a sua difusão e preservação.

Além disso, é importante que se faça o “Registro e documentação” dessas práticas para preservar a memória linguística e cultural dessa região. Isso pode ser realizado por meio da realização de pesquisas sociolinguísticas e etnográficas — como esta, com o objetivo de catalogar e analisar as características do falar cuiabano e as toadas de cururu. A partir disso, é pertinente se pensar também na criação de um arquivo digital, que disponibilize materiais audiovisuais e documentos relacionados ao falar e ao cururu, permite o acesso e a consulta por pesquisadores, estudantes e interessados na cultura local.

Por fim, destacamos também como via de preservação “Integração desses saberes com as novas tecnologias”, visto que aproveitar as ferramentas tecnológicas e as plataformas digitais pode ser uma estratégia eficaz para a preservação e o fortalecimento do falar da Baixada Cuiabana e das práticas de cururu. A criação de websites, aplicativos e redes sociais dedicados à divulgação do cururu e à promoção da língua regional pode facilitar o acesso à informação, permite a interação entre os cururueiros e amplia o alcance dessa manifestação cultural, tanto entre os habitantes locais quanto para o público externo.

A preservação e o fortalecimento do falar da Baixada Cuiabana e das práticas de cururu são fundamentais para a valorização da diversidade linguística e cultural dessa região. Por meio de estratégias que envolvam educação, conscientização, incentivo às práticas tradicionais, registro e documentação, além da integração com as novas tecnologias, é possível garantir a continuidade dessas manifestações, o enriquecimento da identidade local e a promoção do respeito à diversidade linguística. Ao preservar o falar cuiabano e o cururu, estamos resgatando e valorizando as raízes culturais de uma comunidade e promovendo a pluralidade linguística como um tesouro a ser apreciado e compartilhado.

Assim, finalizamos esta pesquisa cientes de que investigar as variações linguísticas presentes no falar cuiabano nas toadas de cururu é de suma importância tanto para a preservação

e valorização da identidade cultural cuiabana, quanto para o avanço da sociolinguística e estudos futuros. O estudo dessas variações permite uma compreensão mais aprofundada dos processos de mudança e estabilidade linguística na região, além de revelar as relações complexas entre língua, identidade e práticas culturais. Ao analisar as particularidades linguísticas presentes nas toadas de cururu, podemos identificar padrões sociolinguísticos, como o papel do contexto social, a influência de fatores externos e as relações de poder que permeiam a linguagem.

As discussões aqui tecidas podem contribuir para ampliar o conhecimento acadêmico e servir como base para a formulação de políticas de preservação cultural e valorização da diversidade linguística. Além disso, estudos futuros nessa área podem investigar ainda mais a fundo a dinâmica das variações linguísticas no falar cuiabano, contribuindo para a compreensão das transformações linguísticas em curso e para o enriquecimento das teorias sociolinguísticas

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, E. F.; KAILER, D. A. Róticos em coda silábica interna nas regiões sul e centro-oeste do Brasil. *In*: BARDEL, C.; MEO, A. (org.). **Falando línguas românicas**. Naples: [s. n.], 2016. p. 225-241.

ALVAR, M. Diferencias en el habla de hombre y mujeres. **Revista do Livro**. Rio de Janeiro, p.85- 121, 1958.

AMARAL, A. **O Dialeto Caipira**. São Paulo: Casa editora “O Livro”, 1920.

ASSIS-PETERSON, A. A. A encenação do falar cuiabano por vozes cuiabanas. *In*: SANTIAGO-ALMEIDA, M. M.; COX, M. I. P. (orgs.). **Vozes cuiabanas: estudos linguísticos em Mato Grosso**. Cuiabá: Cathedral, 2005, p.183-212.

BAGNO, M. (org). **Linguística da norma**. 2.ed. São Paulo: Loyola, 2004.

BAGNO, M. **Preconceito linguístico: o que é, como se faz?** 49. ed. São Paulo: Loyola, 2007.

BAGNO, M. **Preconceito Linguístico: O que é, como se faz**. São Paulo: Loyola, 1999

BAKHTIN, M. (VOLOCHÍNOV). **Marxismo e filosofia da linguagem**. 3. ed. São Paulo: Hucitec, 1986 [1929].

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BALDUS, H. **Ensaio de etnologia brasileira**. São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 1937.

BARROS, M. A. R.; SAVEDRA, M. M. G. A variedade linguística da baixada cuiabana: contato de línguas, processos de crioulização e transmissão linguística irregular. *In*: Seminário dos Alunos dos Programas de Pós-Graduação do Instituto de Letras da UFF – Estudos de Linguagem, 9, 2018, Niterói. **Anais do IX SAPPIL**. Niterói, UFF, p.1-14.

BAXTER, A.; LUCCHESI, D. A relevância dos processos de pidginização e crioulização na formação da Língua Portuguesa no Brasil. **Estudos linguísticos e literários**, Salvador, n. 19, p. 65-83, 1997.

BRAGA, M. L. **A concordância de número no sintagma nominal no Triângulo Mineiro**. 1977, 88f. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa), Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 1977.

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Agrário. Secretaria de Desenvolvimento Territorial. **Referências para uma estratégia de desenvolvimento rural sustentável no Brasil**. Brasília,

DF: MDA/SDT, 2005. Disponível em: <http://sge.mda.gov.br/bibli/documentos/tree/doc_212-28-11-201211-25-585155.pdf>. Acesso em 5 mai. 2022.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: Língua Portuguesa**. Brasília: MEC, 1997.

BRASIL Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Médio**. Brasília: MEC/SEF, 2000.

BORBA, F. S. **Pequeno vocabulário de linguística moderna**. 2. ed. São Paulo: Nacional, 1976.

BORTONI-RICARDO, S. M. **Nós chegemu na escola, e agora?** Sociolinguística na sala de aula. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

BORTONI-RICARDO, S. M. **Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula**. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

BORTONI-RICARDO, S. M. **Manual de Sociolinguística**. 1.ed, 2ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2019.

BORTONI-RICARDO, S. M. **O professor pesquisador: introdução à pesquisa qualitativa**. 2008.

CAMPOS, C. **O falar cuiabano**. Cuiabá: Carlini & Caniato Editoral, 2014.

CANDIDO, A. Cururu. **Remate de Males**, Campinas, SP, p.37-58, 2012. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/remate/article/view/8635987>. Acesso em: 22 jun. 2022.

CANDIDO, A. Possíveis raízes indígenas de uma dança popular. **Revista USP**, [S. l.], n. 118, p. 150-168, 2018. DOI: 10.11606/issn.2316-9036.v0i118p150-168. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/150035>. Acesso em: 21 jun. 2023.

CARDOSO, S. A.; FERREIRA, C. **A dialetologia no Brasil: metodologia do trabalho dialetal, inquérito linguístico e atlas dialetológico; regionalismos léxicos**. São Paulo: Contexto, 1994.

CARDOSO, S. A. **Geolinguística: tradição e modernidade**. São Paulo: Parábola, 2010.

CASCUDO, L. C. **Dicionário do Folclore Brasileiro**. São Paulo: Global, 2001

CASTILHO, D. E. G. **O Cururu: uma manifestação folclórica caipira e sua sobrevivência frente à globalização**. 2007. 112 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de Geociências e Ciências Exatas, 2007. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/95660>>. Acesso em 15 out. 2022.

- CHENITZ, W.C.; SWANSON, J.M. **From practice to grounded theory**. New York: Addison Wesley, 1986.
- COELHO, I. L. *et al.* **Sociolinguística**. 6º Período. Florianópolis : LLV/CCE/UFSC, 2010.
- COELHO, I.L. *et al.* **Sociolinguística**. Florianópolis: LV/CCE/UFSC, 2012.
- COELHO, I. L. *et al.* **Para conhecer sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2015.
- CORRÊA FILHO, V. **História de Mato Grosso**. Várzea Grande: Fundação Júlio Campos, 1994.
- COSERIU, E. **O homem e sua linguagem: estudos de teoria e metodologia lingüística**. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1982.
- COX, M. I. P. Estudos lingüísticos no/do Mato Grosso—o falar cuiabano em evidência. **Polifonia**, v. 15, n. 17, p. 75-90, 2009.
- COX, M.I.P O rotacismo no falar cuiabano: a potência da voz mameluca em uma variedade do português brasileiro. *In*: SANTIAGO-ALMEIDA, M. M.; COX, M. I. P. (orgs.). **Vozes Cuiabanas: estudos lingüísticos em Mato Grosso**. Cuiabá, Cathedral Publicações, 2005. p.95-106.
- DETTONI, R. V A concordância de gênero no falar cuiabano: a trajetória de uma mudança lingüística em curso. *In*: SANTIAGO-ALMEIDA, M. M.; COX, M. I. P. (orgs.). **Vozes Cuiabanas: estudos lingüísticos em Mato Grosso**. Cuiabá. Cathedral Publicações, p. 51-67, 2005.
- DETTONI, R. V. **A concordância de gênero na anáfora pronominal: variação e mudança lingüística no dialeto da baixada cuiabana – Mato Grosso**. 2003. 256p.Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte – MG, 2003.
- DIAS, L. S. **Quem tem medo da capoeira?** Rio de Janeiro, 1890-1904. Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, Secretaria Municipal das Culturas, Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro, Divisão de Pesquisa, 2001.
- DRUMMOND, M. F. I. **Do falar cuiabano**. Cuiabá: Grupo Gazeta, 1995.
- DUBOIS, J. *et al.* **Dicionário de Linguística**. 2. ed. São Paulo: Cultrix, 1993.
- ESCALANTE, E A. **A música no Cururu do Médio Tietê Paulista**. 1986, Dissertação (Mestrado em Artes Cênicas). Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo: ECA/USP, 1986.
- FIGUEROA, E. **Sociolinguistic metatheory**. New York: Pergamon, 1994.
- FEDERAÇÃO DOS GRUPOS DE CURURU E SIRIRI DE MT. **Ganzá**. Disponível em: <https://www.cururusiriri.com.br/produto/ganza/> Acesso em: agosto de 2022.

FESTIVAL DE CURURU E SIRIRI DE MATO GROSSO, n 10. **Cururueiros**. 2011 Disponível em: <https://10festivalcururusiriri.wordpress.com/2011/10/27/instrumentos-da-cantoria/>. Acesso em: agosto de 2022.

GADAMER, H. **Truth and method**. 2. ed. New York: Continuum, 1988

GALVES, CH. **Ensaio sobre as gramáticas do português**. Campinas, Editora da Unicamp, 2002.

GEERTZ, C. **O saber Local**. Petrópolis: Vozes, 2000.

GRUZINSKI, S. **O pensamento mestiço**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

GUIMARÃES, E. A Língua Portuguesa no Brasil. **Ciência e Cultura**, v. 57, n. 2, p. 24-28, 2005.

GUIMARÃES, E. N.; LEME, H. J. de C. **Caracterização histórica e configuração espacial da estrutura produtiva do Centro-Oeste**. Textos NEPO 33, Campinas, NEPO-UNICAMP, 1998.

GUIMARAES, E. A Língua Portuguesa no Brasil. **Cienc. Cult.**, São Paulo, v. 57, n. 2, p. 24-28, June 2005. Disponível em: http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252005000200015&lng=en&nrm=iso. Acesso em 21. Jun. 2023.

HALL, S. **Cultura e representação**. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio, 2016.

HOLANDA, S. B. **Caminhos e Fronteiras**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1957.

HOUAISS, A. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. São Paulo, Cia das Letras, 1994.

HYMES, Dell. **Foundations in sociolinguistics: an ethnographic approach**. Philadelphia.: University of Pennsylvania Press, 1974.

KAILER, D. A. **Vogais pretônicas /e/ e /o/:** um estudo em tempo aparente. 2008. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Araraquara.2008.

LABOV, W. Padrões sociolinguísticos. Trad. de M. Bagno; M. M. P. Scherre; C. R. Cardoso. São Paulo: **Parábola Editorial**, 2008 [1972].

LABOV, W. Alguns passos iniciais na análise da narrativa. Tradução de Ferreira Netto. **The Journal of Narrative and Life History**, v. 7, n. 1 - 4, p. 395-415, 1997.

LABOV, W. Sociolinguística: uma entrevista com William Labov. Revista Virtual de Estudos da Linguagem - **ReVEL**. Vol. 5, n. 9, ago.2007. Disponível em:

http://www.revel.inf.br/files/entrevistas/revel_9_entrevista_labov.pdf. Acesso em: 05 set. 2022.

LAGARES, X. C.; BAGNO, M. (orgs.) **Políticas da norma e conflitos linguísticos**. São Paulo: Parábola, 2011.

LIMA, J. L. A variação na concordância do gênero gramatical no falar cuiabano. **Sínteses**, [s.l], v.13, p.148-167, 2008.

LORENZETTO, M. S. Campo Grande News. Secção Em Pauta. Artigo: **Brasil vê o surgimento de uma nova Torre de Babel**, 2016. Disponível em: <https://www.campograndenews.com.br/colunistas/em-pauta/brasil-ve-o-surgimento-de-uma-nova-torre-de-babel>. Acesso em 11 de maio de 2022.

LOUREIRO, R. **Cultura mato-grossense: festas de santos e outras tradições**. Cuiabá: Entrelinhas, 2006.

LOWENBEWRG, J.S. Interpretative research methodology: broadening the dialogue. **Advance in Nursing Science**, v. 16, n. 2, p. 57-69, 1993.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MACÊDO, M. V. R. **A constituição de subáreas dialetais no falar da Bahia**. 2012. 170f. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística). Programa de Pós-graduação em Letras e Linguística. Universidade Federal da Bahia. 2012.

MACHADO FILHO, O. **Ilegalismos e jogos de poder: um crime célebre em Cuiabá (1872), suas verdades jurídicas e outras histórias policiais**. Cuiabá: Carlini & Caniato, EdUFMT, 2006.

MACHADO FILHO, O. **Ilegalismos e jogos de poder: um crime célebre em Cuiabá (1872) e suas verdades jurídicas (1840-1880)**. 2003, 447f. Tese (Doutorado em História), Programa de pós-graduação em história, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP. 2003.

MARTELOTTA, M. E.; ALCANTARA, F. Discursivização da partícula né?. In: MARTELOTTA, M. E.; VOTRE, S. J.; CEZARIO, M. M. (Org). **Gramaticalização no Português do Brasil: uma abordagem funcional**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro: UFRJ, Departamento de Linguística e Filologia, 1996.

MARCONDES, D.; JAPIASSU, H. **Dicionário básico de filosofia**. 3. ed. revista e ampliada. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1996.

MARCONI, M. A LAKATOS, E. M. **Metodologia do trabalho científico**. 4ª ed. São Paulo: Editora Atlas, 1992.

MARCONI, M. A; LAKATOS, E. M. **Fundamentos da Metodologia Científica**. São Paulo: Editora Atlas, 2003.

MATO GROSSO. DOC. 1 – **Posturas Policiais da Câmara Municipal da Cidade de Cuiabá**. Acervo: APMT; Fundo: Câmara; Grupo: Códigos de Posturas – Originais; Caixa 01, 1831.

MATO GROSSO. DOC. 2 – **Projeto de Posturas da cidade de Cuiabá**. Acervo: APMT; Fundo: Câmara; Grupo: Códigos de Posturas – Originais; Caixa 01. 1873.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. **Ensaio para uma sócio-história do português brasileiro**. São Paulo: Parábola, 2004.

MELO, G. C. **A língua do Brasil**. Rio de Janeiro: Padrão, 1981.

MOLLICA, M.C. **Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação**. São Paulo: Contexto, 2003.

MOREIRA NETO, C.A. Índios da Amazônia. De maioria a minoria. 1750-1850. Petrópolis: **Vozes**, 1988.

MOUTINHO, J.F. **Notícia sobre a província de Mato Grosso seguida d'um roteiro da viagem da sua capital a S. Paulo**. São Paulo: Typografia de Henrique Schroeder, 1869.

NGUGI WA THIONG'O. **Decolonising the mind: The politics of language in african literature**. Nairobi: EAEP, 1997.

ORLANDI, E. P. A língua brasileira. **Ciência e cultura**, v. 57, n. 2, p. 29-30, 2005.

OSÓRIO, P. S. Os Festivais de Cururu e Siriri Mudanças de cenários e contextos na cultura popular. **Anuário Antropológico**. v.37 n.1, p.237-259, 2012.

PALMA, M. L. C. Valor Social do falar cuiabano. **Revista Universidade**, UFMT. Cuiabá, no. 2, 1984, p. 49-52.

PIRES, Cornélio. **Conversas ao pé-do-fogo**. Itu, SP: Ottoni, 2002.

PAGOTTO, E. G. Variedades do português no mundo e no Brasil. **Ciência e Cultura**, v. 57, n. 2, p. 31-34, 2005.

PEREIRA JÚNIOR, C. A. O código de posturas e os futuros cururus oitocentistas. *In*: Simpósio Nacional de História, Fortaleza, Brasil, 15, 2019, Fortaleza. Anais do **ANPUH–XXV Simpósio Nacional de História, Fortaleza, Brasil**, Fortaleza, jul. 2009, p.1-8.

PODER JUDICIÁRIO DE MATO GROSSO. **LinguaJar**: a marca registrada do povo cuiabano. Disponível em: <https://www.tjmt.jus.br/Noticias/52176#.X4yzodBKIM8>. Acesso em 18 out. 2020.

PÓVOAS, L. C. **História geral de Mato Grosso**. São Paulo: Editora Resenha. 1995.

- POSSARI, L. H. V. Falar e dizer cuiabanos na mídia: signos que se renovam. *In:* SANTIAGO- ALMEIDA, M. M. S.; COX, M. I. P. (Orgs.). **Vozes cuiabanas:** estudos linguísticos em Mato Grosso. Cuiabá: Cathedral, 2005.
- PRETI, D. **Sociolingüística:** Os níveis de fala. São Paulo: Edusp, 1994.
- PRODANOV, C. C. **Metodologia do trabalho científico:** métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.
- QUER ARTE. Produto. **Viola de Cocho.** Disponível em > <http://querarte.com.br/produto/viola-de-cocho/>. Acesso em: agosto de 2022.
- RIBEIRO, J. Cururu e Cirirí. *In:* **O folk-lore:** estudos de literatura popular. Rio de Janeiro: Jacintho Ribeiro dos Santos - livreiro-editor. Porto: Typ. da Empr. Litter. E Typographica, 1919. p. 223-230.
- ROCHA, A. **Festa ribeirinha:** cenas de um Brasil antigo nas práticas do cururu matogrossense. 2015, 242f. Tese (Doutorado em História), Programa de Pós-graduação em História, Universidade de Brasília, 2015.
- ROCHA, E. A. **Uma expressão do Folclore matogrossense:** cururu em Corumbá. 1981, 151f. Dissertação (Mestrado em História), Programa de Pós-graduação em História, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: PUCRS/BGE, 1981.
- RODRIGUES, A. D. I. Breve história da língua dos índios vistos por Cabral. **Revista Universa.** Brasília, v. 8, nº 3, p. 541-55, 2000.
- ROSSI, N. A Dialetoлогия. **Alfa,** Marília, n. 11, p. 89-116, 1967.
- SÁ, J. V. **Relação das povoações do Cuyabá e Mato Grosso de seus princípios thé os presentes tempos.** Cuiabá: Edições UFMT, s/d.
- SANTIAGO- ALMEIDA, M. M. S; COX, Maria Inês Pagliarini (Ed.). **Vozes cuiabanas:** estudos linguísticos em Mato Grosso. Cathedral Publicações, 2005.
- SANTIAGO-ALMEIDA, M. Ecos fonético-fonológicos no falar cuiabano. *In:* SANTIAGO-ALMEIDA, M.; COX, M. I. P. **Vozes cuiabanas:** estudos linguísticos em Mato Grosso. Cuiabá: Cathedral Publicações, 2005.
- SAUSSURE, F. **Curso de linguística geral.** São Paulo: Cultrix. [1916]1969.
- SAUSSURE, F. **Curso de Lingüística Geral.** Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein 7.ed. São Paulo: Cultrix, 1975.
- SAUSSURE, F. **Curso de linguística geral.** 27ed. São Paulo, Cultrix, 2006.
- SCAFF, I. C. Kyvaverá. Cuiabá. Editora Entrelinhas. 2011.

SEBBA, M. **Contact Languages: pidgins and creoles**. Houndmills and London: Macmillan (modern linguistics series), 1997.

SILVA NETO, S. **Introdução ao Estudo da Língua Portuguesa no Brasil**, 2ª ed. Rio de Janeiro: INL. 1963.

SILVA NETO, S. **Língua, cultura e Civilização**. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1960.

SOUSA, J. L. de; LIMA, L. N. M. de. Regionalismo e variação linguística: uma reflexão sobre a linguagem caipira nos causos de Geraldinho. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, [S. l.], n. 72, p. 63-82, 2019. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rieb/article/view/157029>. Acesso em: 22 jun. 2023.

SOUZA, U. R. **Fonologia do português mato-grossense: uma perspectiva crioulista**. 1999. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) Universidade de Brasília, Brasília. 1999.

SOUZA, U. R. Um olhar crioulo nos cenários sócio-histórico do Brasil e do Estado de Mato Grosso. In SANTIAGO-ALMEIDA, M. M. & COX, Maria Inês Pagliarini (Orgs). **Vozes cuiabanas: estudos linguísticos em Mato Grosso**. v. 5, Cuiabá – MT: Cathedral Publicações, 2005.

SCHMIDT, C. Língua: na perspectiva da mudança e da diversidade. **Web- Revista Sociodialeto**, v. 5, n. 15, 2015, p. 360-372.

SCHMIDT, M. **Estudos de etnologia brasileira: peripécias de uma viagem entre 1900 e 1901**. Tradução de Catharina Baratz Cannabrava. São Paulo: Companhia Editorial Nacional, 1942.

TARALLO, F. **A Pesquisa Sociolinguística**. 7ª. São Paulo: Ática, 2005.

TARALLO, F. **A Pesquisa Sociolinguística**. São Paulo: Ática, 1994.

TAUNAY, V de. A retirada da laguna: episódio da guerra do Paraguai. São Paulo: Editora 34, 2000.

TAVARES, Maria Alice. Mudança em dois períodos do século XX: inter-relacionando análises em tempo aparente. **Alfa: Revista de Linguística (São José do Rio Preto)**, v. 55, p. 393-421, 2011.

TEODORO-TORRES, J. A. **Atitudes, representações e produção de code-switching: o contato entre português e espanhol em empresas de São Paulo** (Doctoral dissertation, Universidade de São Paulo).

TEYSSIER, P. **História da Língua Portuguesa**. São Paulo: Editora Sá da Costa, 1997.

TINHORAIO, Jose Ramos. **Os Sons dos Negros no Brasil–Cantos**. Danças, Folguedos, 1988.

TINHORÃO, José Ramos. **Os sons que vêm da rua**. Editora 34, 2005.

THOMASON, S. G.; KAUFMAN, T. **Language contact, creolization and genetic linguistics**. Berkeley: University of California Press. 1988.

VALLE, C. R. M. **Sabe? ~ não tem? ~ entende?:** itens de origem verbal em variação como requisitos de apoio discursivo. 2001. 183f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2001.

VIANNA, L. O caso do registro da viola-de-cocho como patrimônio imaterial. **Sociedade e Cultura**, Goiânia, v. 8, n. 2, 2007. DOI: 10.5216/sec.v8i2.1011. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/fcs/article/view/1011>. Acesso em: 23 jun. 2023.

VIEGAS, M. do C. **O alçamento de vogais médias pretônicas:** uma abordagem sociolinguística. 1987. 222f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal Minas Gerais, Belo Horizonte, 1987.

VOLPATO, L. R. R. **Cativos do sertão:** vida cotidiana e escravidão em 1850/1888. Cuiabá: Marco Zero, 1993

VIOLA DY ANJOS. **Viola dy anjos - Web Série**. Youtube. Disponível: <https://www.youtube.com/watch?v=H5HqAwDyIJY>. Acesso em: 15 out. 2022.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança lingüística**. Trad. de M. Bagno. São Paulo: Parábola, 2006 [1968].

WIKIPEDIA. **Mato Grosso in Brazil.svg**. Disponível em: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Mato_Grosso_in_Brazil.svg. Acesso em: 15 out. 2022.

APÊNDICES

APÊNDICE 01: Transcrições das Narrativas nas Vozes Dos Cururueiros

CURURUEIRO 01

Pesquisadora: Fale um pouco sobre o cururu.

Neste momento, o referido cururueiros entendeu que era para fazer uma toada, e havia explicado quando chegou que estava sem parceiro do cururu e que andava meio adoentado.

“ Eu até num vô afirmá direito, porque eu não ando bom da saúde”

“Oia, eu conheci porque meu povo tudo era cururuero, tudo cuiabano, todo era cururuero, tão, aquele tempo, no meu tempo, tuda festa a primeira coisa era cururu. Tão, quem tinha devoçon, primeiro eles convidava, era os cururuero, ai o capelão né, ai tá esse, desde criança, naquele tempo não tinha escola né, ia trenando né, então já crescia daquele djêito. Só que naquele tempo, aquele, os véio era ruim né. Si entrasse um no cururu, se cantasse errado, já executava né. Igual no baile, entrava no baile, ninguém esbarrava notro, fazia a roda, quem dançava no meio, dançava, e quem se esbarrou nele, no outro, êpa! Se não sabe dança, sai fora! O negócio era sério né, era já executado. Hodjê não, um tá de um djêito, outro ta de outro. Tão fazia aquela roda da gurizada, primeiro os que cantava, aí dispois que veio os véio. Já parava aí na naquele tempo, gurizada não entrava no baile memo né, aí a rapaziadinha novo tomava conta e era o dia intero, podia se sor quente que a gurizada tava no cururu. E aí crexeu daquele djêito né, cada um aprendeu cantá desde trovo, essas coisas, ...(inaudível) era certo. Tão hodjê já diferencio tudo, tão isso que eu estranho porque a dgente dispois que acostuma daquele djêito que a dgente foi criado, a dgente não aceita de outro djêito. Que isso que é difici pra dgente, é igual como faze som de canoa, ai eu mesmo pegava aquele professor Cerso, ficô aqui com uma luta de eu faze uma canoa a ele.

___ ‘ Ah porque vai fazer a canoa’, e eu falei:

___ Eu não vô, caça otros fazedô de canoa aí, ai aponteí fazedô de canoa a ele, bem que quis fazê, aí tem seu Zé Preto, que mora alí na baia, alí e ieu não sabia que ele fazia canoa, né aí dispois ele aprendeu e faz bem. Na maior parte que ele faz é canoa de tauba, a tauba é diferente, é, cê mede no metro, não pode cortá ela em coisa né, e a canoa de uma madeira s’ é na lina né, aí ele fica, fica e eu falei, não vô fazê Cerso, ele foi pra lá e fico dia, ai ieuteve a reunião na UNEMAT, aquelas professora lá me conhece tudo, me chamaram lá pra fazê reunião, perguntaram como é que era luta da canoa. Mesma coisa essa do grupo do cururu, ocê aí eu falei não, aí o Zé que foi lá, aí a Namaria falô não, você já falou. Agora eu quero ver seu Joaquim, é como é que a canoa, canoa seu Joaquim, e ieu falei:

Não cara, não é como ele falo, falei só que tem uma coisa, que oceis conhece, ce como centímetro e nós conhece por parmo, nós mede a madeira e bota acima da cabeça e cê dobra o cipó com a corda mede, sí ele der seis parmo, ele deu 12 parmo de roda, tão aí ele djá dobra no meio e dobra de largura da boca da canoa, aí ela falou ah não, tá certo, ele fico aí eu fiquei, , quando foi um dia meio dia ele tchego lá, “oh seu Joaquim” eu falei oh, que que cê tá caçano Cerso? “ Eu vim aqui pro sinhô faze a canoa, eu falei vô nada rapaiz, se eu djá falei pro cê, não vô. Não vai, cê vai faze a canoa, que eu quero essa canoa, porque cabo esse tipo de canoa é igualzinho como tá o cururu. Hodjê , cabo esse tipo de canoa que ninguém maiz faiz...(inaudível) aí faz ieu é, os fazedô de canoa nenhum quer ir, é difici, aí eu falei:

___ eu vô, mas tem que ir lá na Corixa tirar licença lá, qui ieu não vôlá, ficar fazendo, cortá abaxado, a pulicia tchega lá me prende né i aí, ocê vai me tirar de lá? Da cadeia? (Rssss), aí ele falô: Não. Nós vai lá, mas tem que te autorização mesmo, por que a canoa é, óia é o que eu falei pra professora lá, a Namaria, eu faleio ó, uma coisa que teve mais produção aqui no Mato Grosso, só que num parece, onde a bóia e a canoa foi o futuro de Mato Grosso, foi a canoa e bóia e hodje ninguém conhece isso, isso que tinha que se , porque esse foi o começo da, do futuro do provo aqui. Antigamente aqui no pantaná

Tudo, tira boiada, era tudo com canoa, batelão alí no fundo do Daveron ficava 20, 30 batelão, quando tchegava do tempo das águas, Dr Fonte e esses que vieram daqui, fazenda deles, tudo

era do pantaná, tinha que tirar sete quilômetros lardea no, no , o gado lá da, do aterro, lá pra tirar no seco, do pantana, tudo amareado no batelão e isso aí ninguém fala né, é igual Etrulha (Etruria – Embarcação à vapor, utilizada como meio de transporte de passageiros de Cáceres à Corumbá), a Etrulha é outra que ninguém né, conheceu, ieu indjuei de toma tchá lá na, na Etrulha. Nesse tempo eu era guarda, padeiro, ieu ia lá cedo levar lá e um dia eu tava lá, ieu fui lá na UNENAT quando tava fazendo o segundo bloco, aí ieu fui, eu virei guarda há 01 ano e 04 mês , até tremina o serviço, aí um dia nós era, os oito guarda que tinha lá, nós nos reunimo lá e tava aquela conversa fiada, tchego um morenã lá com uma pasta, tchego e fico de pé perto de mim, aí ieu falano com aqueles povo lá, esse negócio de Etrulha, essas coisa, ai tchego e falô: __seu Joaquim, quantos ano o senhor tem, aí eu falei: eu tenho base de uns 60

CURURUEIRO 02

“Na vez da minha fala, pode grava”

Pergunta 01: Fale um pouco sobre o cururu.

“Justamente é isto, a narração vem lá de distante, eu sou nascido no município de Rosário Oeste, meu pessoal, cuiabano fala rio abaixo e rio acima né , então eu tô na região rio acima, Rosário Oeste tá lá na frente Cuiabá, Nobres, essas coisas e lá na nossa região a cultura que existia era isso, muitas festas, festa de, começando Santa Lucia, 06 de janeiro São Gonçalo, vem os outros santos, santidade que existia, existe até hoje né, então santos, santidade que existia, existe até hoje né, então lá era ...(inaudível) todo que tem um santo, um artar na sua casa, tinha a devoção de rezar, depois vó Rosa convidava todos os pessoal, cururuero, nunca teve falta né, então com a minha existência hoje no cururu começou a praticamente 70 anos atrás, hoje eu tô com 83, e meus pai, meus filhos que eram tudo cururuero, e com eles veio essa tioria né, que a gente toda festa, lá era cururu, primeiro louvá o santo, levantamento da procissão do arta, levanta bandera, astia bandera, levanta o mastro, dá dá uns três giros em volta do mastro, na reiterada de lá prá cá com o cururu cantando, voltando, fazendo, voltando com evolução, aquele verso, encaixa verso por verso e lá era seguida cantando por letra ABC que se diz, abcdário que se diz. Abcdário do cururu., lá o sistema de lá toda vida foi assim. Então, si um primeiro verso do cidadão ao começar fazer o levantamento, manda acende ela, manda fazer oração era dentro desse esquema, fazendo tudo ... (inaudível), né, seguir a procissão, levanta o mastro retoma pra o mastro, no outro dia a gente tem que fazer também a ... (inaudível) então isso lá na minha região começava cururu era duas e meia da tarde , três horas, primeira coisa era isso, formar o cururu, sem o cururu não tiria festa, não existi, o que comandava a festa era o cururu. Primeira obrigação era isso, aí o artar do santo, forma o cururu, leva fora, suspende o mastro, dá o giro isso com toda a santidade né, como o andor formado, tudo que vai, que volta ...(inaudível), que assenta, ---(inaudível), tudo na canturia do cururu, então o primeiro verso seria com a letra A . Fazia o verso, fazia o verso, fazia até o final. Ai começava a letra B. Todo mundo tem que cantá no letrado o B.A.BA do cururu. Assim que foi que a gente aprendeu, que eu aprendi, porque vi com meu pais e nos ensinou assim. Eles começava nesse horário e cantava a noite inteira, a noite toda. Quando era por volta e meia, oito horas, eles ia toma chá. Chá, bolo, chá, aquela coisa toda, caldo grosso de costelada de gado com mandioca, ou com milho misturado, enquanto eles iam alimenta, era nos que pegava, era 15, 20 garotos de 12,13,14,15 anos e eles insinando. Tocar viola, bater o ganzá, tudo dentro da categoria. Então eu cresci, até meus 19 anos, 20 anos. Quando eu vim pra cá para eu serviro exército eu acompanhei tudo isso. E as festa que tinha, todas as fala que tinha, tem que ter o cururu, desde a formação, o cururu, depois

leva a bandeira, sobe o mastro, desce o mastro. Noutra dia, mesmo sentido, sem o cururu pra desce o mastro tem por exemplo que teria que ter a ladainha. Pra descer o mastro se não tiver pelo menos dois cururueiros, pra cantá, pra buscar o mastro, pra desce, era na reza, impreterivelmente. Esse é um conjunto de cultura que a gente tem. Esse muito tempo, muito antigo. Então hoje eu vejo a minha região, era um conjunte de cururu, diferenciado do sistema cuiabano, você pode bem nota isso. Tudo diferente! Cheguei em Cáceres, como é que foi pra mim conhecer...? Tem um cidadão que morava aqui, bem na pracinha, por nome Hermogenes, ele me viu eu cantando assim, assim: -- Rapaz, você canta cururu?

--Lá na minha terra, aqui não sei quem pode me ensiná. (Há,há,há, rindo).

__Por que ensiná rapaz, você canta divinamente bem. Se qué cantá comigo, quem sabe...

__Olha, vão tenta, quem sabe nossa voz combina!

Começavo canta, demo show, a cidade toda de cururu, onde ia tinha que ter Mogene e Juventino senão. Tinha quatro cururuero aqui que era o parcerero incrível . Eles era tudo de Poconé. João Fonseca, que era militar, Timóteo que era civil, Bernardo e um outro cidadão, eram quatro, Vicente. Eles só cantavam junto. O senhor conheceu ele, (se dirigindo ao cururueiros I), eles só cantavam junto,num cantava com outro. Parece até que desfazia da gente! Então eu me peguei com esse Mogenes e nós cantava muito bem. Ai apareceu um cuiabano também, era 2º tenente do exército, ver eu cantar. __ Eh Cuiabá, vão cantá comigo?

__ Falei, vamo! Vão vê se nós acerta!

E minha voz sempre eu conseguia coloca de acordo com a voz do parcerero, eu faço a minha voz chegar de acordo com a voz do otro, até hoje, é de hoje, então isso aí eu aprendi, porque com meu pai ele cantava, eu fazia a voz dele, era primeira, oh meu Deus! Ele já fazia voz grossa, chamava Tertuliano, meu pai chamava...mas não cantava com outro também. É páreo certinho, se não tivesse, era muito difícil cantar, era dupla fechado. Agora tinha muitos outros que cantava, cantava comigo, cantava com outro, cantava né. Então pra gente aprende assim, a tonalidade da voz do companheiro iria fazer assim, canta com um, canata com outro pra vê se adaptava a voz. Isso...a batida nossa lá, difente, batida cuiaba é diferente, batida poconeana, eles tem ginga de corpo diferente do nosso, né? Nossos cururu, lá é sapateado (pá,pá,pá), ia pra lá, vinha pra cá, joelhava...(inaudível), levantava sapateado, outro, o nosso sistema do cururu, lá falava assim, era trote. Vamos trotar? I que significa trotar? Dá dois passo, três, bate o pé, dá mais dois pass, três, bate o pé, ..., tudo no batida da viola, pra não dá furo. Se o cara errá, o outro botava o pezinho no calcanhar, se tá errando! (háháhá), era pra corrigir, era pra se, não tinha esse negócio de erra, cantava dentro dá...(inaudível). Si a pessoa por exemplo, cururuero puxava lá, a letra b.a.bá, se eu cantasse esse verso fora da letra, alí do b.a.bá, me chamava do lado, pra mim isso era uma bença, tava mi corrigindo para bem. Tal coisa é assim, assim, assim (cochichando), falava baixinho é né, assim, assim,assim. Então com isso eu aprendi a fazer verso, tanto verso do jeito que fui entende, do jeito que eu vou levantá o santo do arta de acordo como é a necessidade. Pra saí alí no portão, daqui alí no portão, alí tenho um significado de saída, se o cara não for bom, ele não canta legal pra saí. Tem qui ser dentro do padrão...(inaudível), intão é uma cultura muito séria, muita séria porque isso aí envolve a mente e a cultura da gente. Eleva as coisas todo certinho. Aqui tem vários companheiros que eu escuto, aqui memo ...(inaudível), no São Gonçalo, eu faço do já Tradição faz 25 anos, mais ou menos

isso. É que eu faço parte do 25 anos, mais ou menos, só que já foi mudando os companheiros. Entra um, sai outro.

Pesquisadora: __Como o jovem vê o cururu hoje em dia?

“Olha, falta bastante interesse. Aqui tava com uns 4 ou 5 que eu ensinei. Ele, pelo menos pegá a viola, pontiá, afiná a viola, tavão começando cantá, de uma boa caminhada prá eles. Justamento o Icaro...(Inaudível), o único que nós anta junto, é eu e ele, porque não tem outro, não tem! Ele tem a toada que ele canta, eu tenho a minha que eu canto, eu canto várias toadas né, mais pra acompanha.

CURURUEIRO III:

“É que antigamente tinha muita aquelas, você deve ter ouvido eles falar, vários companheiro, companheira, é um costume que eles sempre tem, por exemplo. Se eu estou acostumado a cantar com a minha mãe, ela é minha companheira, eu canto com ela e ela canta comigo. É quase que uma vida com a mesma pessoa. E as vezes tem gente que pode até falar “tá com graça aquele lá”, não qué canta com outro. Não é graça, é costume! Você, eu, vô, vamos supor, eu, ele acostuma com meu tom de voz, eu acostumo com o tom de voz dele. Isso vai uma vida inteira cantando, daquele mesmo jeito, mesmo que mude as toadas, mude as sequências, muda toque, muda tudo! Ma quando chega outra pessoa, é outra realidade bem diferente”.

CURURUEIRO I:

“Vamos fala uma coisa...

CURURUEIRO II : CONTINUAÇÃO REFENTE AOS JOVENS

“ Sim, é porque eles fazia parte do Grupo já, dançava muito bem os nino, caprichoso, assíduo, certinho, gostei deles! E aí eu tava passando as instrução de tocar viola, de insiná verso, cantá com eles, verso assim, assim, altura de cantá, uma voz alta, mais outra a menos, eu ensinei várias bagage pra ele, mais é como diz a história, a situação hoje não oferece condiçõs pra eles, porque eu, por exemplo sou aposentado, tenho meu vencimento, todo mês graças a Deus, mas tenho, mais e eles? Que precisa de trabalha, precisa ganha o pão deles, e aí eu penso que não dá. Precisa estudar, sai correndo daqui para chegar as 7 horas no colégio pra entra, senão não entra, fica com falta, tudo isso é uma coisa que atrapalha. Mesmo se o jovem tem aquela vontade , mas tem qui designar o que melhor a situação de cada um, situação financeira judia com nós. Essa aí é a parte que vai dexar a deseja.

CURURUEIRO III:

“ Vivencio o cururu desde que me entendo por gente, pela família mesmo, pela minha mãe, pelos meus avós, tudinho , mas quando eu era criança, não tinha consciência . A primeira vez que eu me apresentei com o grupo, foi no ano da fundação do Grupo mesmo, em 94 mesmo, no 1º Festival de Folclore que teve aqui em Cáceres. Só que ainda nem entendia muita coisa, tanto que eu fui no palco pra cantá, ajuda a cantá o siriri, não entendia de cururu, não entendia de São Gonçalo, di, di, dinada. Mais a gente sempre que ia nas rezas, festa de santo, toda festa de santo, sempre teve as toadas, sempre a vida toda, desde que eu me entendo por gente. Agora, depois que começou com o Grupo Tradição, a gente começou a entender melhor, porque convive, a gente vai convivendo com as pessoas, bem novinho eu só via, depois que começou o grupo, eu passei a conviver com os cururueiros, aí é a hora qui levava a genti pra morraria, pras festa de

santo, lá pro sítio, pra zona rural, bem pé no chão, vivenciar aquilo de verdade, aí a gente vai tentando trazer para os dias de hoje. Na época eu tinha 08 anos, hoje eu já tô com 36, intão de lá pra cá, mudou um pouquinho as coisa, porque antigamente você via qualquer um que entrava no grupo pra poder dança, no grupo que seja, já ficaa perto dos cururueiros. Iam lá, ficaam temperando a viola, tudinho, sempre tinha, um ou outro novato que ficava alí, olhano, meio tímido, “que que é esse, como faz?”, como é que toca. Já hoje em dia por exemplo, se algum novato vê, eu, ou seu Cururueiro 02, ou seu Cururueiro 01, qualquer cururuero tocando uma toada, fala, como eu já escutei falando, “ não quero aprender isso não”, então si vê , tem dois lados. Um lado qui é da própria falta de interesse da pessoa, da pessoa que não tem incentivo, eu tive a vivência desde que nasci, por causa da minha mãe, por causa dos meus avós, Hoje em dia as pessoas não tem essa vivência. Olha lá no *youtube*, olha em alguma outra rede social algum vídeo, alguma popaganda do governo do estado, do município, vê na tv, “nossa, que legal”, mas é legal lá na telinha, lá no computador, lá na tv, não pra você vivencia. Hoje em dia , se vai ter uma toada de cururueiros ali, com certeza dá pra contar nos dedo, as pessoas que vão ficar assistindo, prestando atenção, não somente olhando e fica lá no celular, olha por olha, ou fazer número, que é o que a maioria da pessoas fazem. Então, se está perdendo o interesse, por um lado da própria pessoa, que não tem essa vontade de querer, sabe, quer conhece, adquirir mais conhecimento e outro, não tem incentivo, nem da família, nem do poder público, porque daí teria na escola. Da mesma forma que eu aprendi desde criança, os cururueiros que eu convivo hoje em dia, aprenderam desde criança também, mas tiveram onde aprende, se eu não tenho mais na família cururuero que possam ensina, sei lá, meus filho, futuramente meus netos. Então porque não na escola. Uma coisa que eu aprendi com minha mãe e é uma coisa que eu faço com o povo que entra no grupo, que é novato, sempre acabo na mesma ladainha, repito, bato nesta tecla sempre, “ um sem cultura é uma arvore sem raiz”.

APÊNDICE 02: Documentação de Tramitação no Comitê de Ética - UNEMAT



GOVERNO DO ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE CÁCERES



**CARTA DE APRESENTAÇÃO DA MESTRANDA-
PESQUISADORA**

Cáceres-MT,----- de ----- de 2022.

Prezado Senhor -----

Por meio desta Carta apresentamos a Mestranda Tania Maria Sanabria Carvalho Tolotti, do 4º semestre do Programa de Pós-graduação Stricto Sensu em Linguística (PPGL) da Universidade Estadual de Mato Grosso - UNEMAT, que está realizando a pesquisa intitulada "UM ESTUDO SOCIOLINGUÍSTICO DO CURURU MATOGROSSENSE FRENTE ÀS VARIAÇÕES E O PRECONCEITO LINGUÍSTICOS", sob a orientação da Profa. Dra. Cristiane Schmidt.

Vimos através deste solicitar, sua autorização para execução e coleta de dados no tocante a essa pesquisa na comunidade. Para tal realização do estudo, utilizaremos processos metodológicos escolhidos levando em consideração os aspectos sociais da língua, bem como tiveram caráter quantitativo e qualitativo. A coleta a ser realizada no Grupo Tradição, da cidade de Cáceres-MT, será composta por duas etapas sendo essas, captação de áudio e vídeo das toadas e entrevista, com os componentes que integram o quadro de cururueiros e tocadores, e Transcrição textual do material coletado para fins de análise.

Queremos informar que o caráter ético desta pesquisa assegura o sigilo das informações coletadas e garante, também, a preservação da identidade e da privacidade da instituição e da pessoa entrevistada.

Ainda queremos dizer-lhe que uma das metas para a realização deste estudo é o comprometimento desta pesquisadora em possibilitar, aos entrevistados, um retorno dos resultados da pesquisa. Por outro lado, solicitamos-lhe, aqui, permissão para a divulgação desses resultados e suas respectivas conclusões, em forma de pesquisa preservando sigilo e ética. Esclarecemos que tal autorização está em consonância com a resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde.

Agradecemos vossa compreensão e colaboração no processo de desenvolvimento deste futuro profissional e da pesquisa científica em nossa região.

Colocamo-nos à vossa disposição na UNEMAT pelo contato da minha Orientadora, a Profa. Dra. Cristiane Schmidt.

Contato telefônico: (45) 99818-1155 /

E-mail:schmidt@ufpa.br

Sendo o que tínhamos para o momento, agradecemos antecipadamente.

Cristiane Schmidt

Dra. Cristiane Schmidt
Professora Orientadora

Tania Maria Sanabria Carvalho Tolotti

Tania Maria Sanabria Carvalho Tolotti
Mestranda Pesquisadora



ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
CEP – COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO

Você está sendo convidado(a) para participar, como voluntário, em uma pesquisa.

Após ser esclarecido(a) sobre as informações a seguir, no caso de aceitar fazer parte do estudo, assine as duas vias deste documento: uma delas é sua, a outra é do pesquisador responsável.

Em caso de recusa, você não será penalizado(a) de forma alguma. Em caso de dúvidas, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da Unemat pelo telefone: (65) 3221-0067 ou através do e-mail: cep@unemat.br.

INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA

Título do projeto: “ UM ESTUDO SOCIOLINGUÍSTICO DO CURURU MATO GROSSENSE FRENTE ÀS VARIAÇÕES E O PRECONCEITO LINGUÍSTICOS”

Responsável pela pesquisa: Tânia Maria Sanábria Carvalho Tolotti

Endereço e telefone para contato: Rua Avaí, quadra A nº 02 Residencial Ana Paula- Cáceres-MT. Telefone: (65) 996402031 ou Residencial: 3222-4148

Equipe de pesquisa: Tânia Maria Sanábria Carvalho Tolotti

Orientador: Prof. Dra. Cristiane Shmidt.

Você está sendo convidado para participar da pesquisa “**UM ESTUDO SOCIOLINGUÍSTICO DO CURURU MATO GROSSENSE FRENTE ÀS VARIAÇÕES E O PRECONCEITO LINGUÍSTICOS**”, vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Linguística PPGL/UNEMAT.

UNEMAT
Universidade do Estado de Mato Grosso
-PRPPG | Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-graduação-

Av. Tancredo Neves – 1095 - Cavalhada
CEP 78.200-000, Cáceres/MT
Tel: (65) 3221-0067
E-mail: cep@unemat.br





ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
CEP – COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA



Esta pesquisa volta-se para as Toadas do Cururu, especificamente com cururueiros da cidade de Cáceres-MT, mediante a descrição e a identificação de aspectos característicos de fala. Nesse sentido, procura analisar em que medida o processo de variação linguística no contexto das toadas de Cururu em Mato Grosso, resistem as transformações socioeconômicas e as evoluções dos estilos de falas, considerando o regionalismo dentro da estruturação e da tentativa de padronização do Português enquanto língua oficial. Ao mesmo tempo, procura entender os aspectos histórico-culturais do falar mato-grossense, observando se há incidência do preconceito linguístico. De uma parte, o Cururu, enquanto manifestação cultural, traz a simplicidade do homem rural que transforma em toadas e ritmos variados, os fatos do cotidiano, seus galanteios, sua religiosidade e sua essência. De outra parte, o estilo de fala do cururueiro, fundido aos ritmos e a estrutura dos versos, faz com que as cantorias, por vezes, se tornem incompreensíveis ou entendidas erroneamente por seus interlocutores, fato este que abre precedente para a incidência do preconceito linguístico.

Dessa forma, a investigação situa-se nos Estudos Sociolinguísticos, tendo como referenciais Labov, Bortoni-Ricardo, Tarallo, Bagno, entre outros que se debruçam ao entendimento da variação linguística e a concepção do preconceito frente aos estilos de fala.

O objetivo geral desta pesquisa visa analisar em que medida o processo de variação linguística no contexto das toadas de Cururu em Mato Grosso, especificamente alguns grupos da cidade de Cáceres- MT, vem resistindo as transformações socioeconômicas e as evoluções dos estilos de falas, considerando o regionalismo dentro da estruturação e da tentativa de padronização do Português enquanto língua oficial.

Conforme Lakatos, a pesquisa de campo, diferente das demais, oportuniza ao pesquisador vivenciar os fenômenos tal como ocorrem naturalmente, transmitindo uma melhor autenticidade dos fatos pesquisados.

Para Labov *et al.* (2008) “Toda pessoa que comece a estudar a língua em seu contexto social se depara com o clássico problema Metodológico”:

[...] os meios empregados para coletar os dados interferem nos dados a serem coletados. O método básico para se obter uma quantidade de dados confiáveis da fala de uma pessoa é a entrevista individual gravada. A fala da entrevista é fala de uma pessoa formal – não por qualquer medida absoluta, mas em comparação com o vernáculo da vida cotidiana. Em seu conjunto, a entrevista é fala pública – monitorada e controlada, em resposta à presença de um observador externo. Mas mesmo dentro dessa definição, o investigador pode se perguntar se as respostas numa dessa entrevista gravada são ou não um produto especial da interação entre o entrevistador e o entrevistado. Um modo de controlar isso



ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
CEP – COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA



é estudar a pessoa em seu contexto social natural – interagindo com a família ou com seus pares (LABOV, et al. 1968).

Nesse sentido, a coleta de dados será feita junto aos integrantes cururueiros do grupo folclórico conhecido como ‘Tradição’ oriundo da cidade de Cáceres. Essa coleta depreenderá de uma entrevista direcionada, com um roteiro de perguntas e uma demonstração, por parte dos participantes, das toadas que os mesmos tocam no decorrer de sua concepção social enquanto tocador de cururu. Para tal, será utilizada, com a devida autorização das partes envolvidas, e pautadas pelos preceitos éticos da pesquisa científica, entrevistas, nas quais serão utilizados uma filmadora e um gravador em conversas informais.

Para Tarallo (1997):

O propósito do método de entrevista sociolinguística é o de minimizar o efeito negativo causado pela presença do pesquisador na naturalidade da situação de coleta de dados. [...] Para atingir tais propósitos metodológicos podem-se formular módulos (ou roteiros) de perguntas: um questionário-guia de entrevista. Esses módulos têm por objetivo homogeneizar os dados de vários informantes para posterior comparação, controlar os tópicos de conversação, e, em especial, provocar narrativas de experiência pessoal (TARALLO, 1997, p. 21-22).

A presente pesquisa é de caráter exploratório e foi dividida em duas etapas. A primeira etapa baseou-se na pesquisa bibliográfica, necessária para dar suporte ao tema em relevância, que consistiu em analisar periódicos, livros e autores que tratam da temática.

UNEMAT

Universidade do Estado de Mato Grosso

- PRPPG | Pró-reitoria de Pesquisa e Pós-graduação -

Av. Tancredo Neves – 1095 - Cavalhada
CEP 78.200-000, Cáceres/MT
Tel: (65) 3221-0067

E-mail: cep@unemat.br





ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
CEP – COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA



Na segunda parte consiste em uma entrevista, mediante metodologia qualitativa de pesquisa, o estudo vale-se de dados decorrentes da observação participante, de conversas livres, e de entrevista junto a três informantes, participantes do estudo, visando inicialmente obter dados sobre o perfil socioeconômico dos cururueiros e tentar perceber pelo diálogo dos mesmos se algum sofreu algum tipo de preconceito com relação ao cururu.

A terceira etapa consistiu em, após a entrevista, os mesmos serem convidados a tocarem uma toada de cururu.

A quarta fase compreende à análise e interpretação dos dados coletados pelas entrevistas e pelas toadas.

Mais do que qualificar as respostas importa compreendê-las, o que só é possível por meio do tratamento dos referidos dados, considerando a objetividade dos resultados obtidos com a análise qualitativa.

Ainda na referida pesquisa, os entrevistados (cururueiros) poderão manifestar suas opiniões, vontades e sentimentos a qualquer tempo e contribuir de forma que melhor lhes sejam conveniente.

Em relação à ética na pesquisa, relacionadas as questões culturais, Paiva (2019, p. 17), coloca “é importante ser a ética a condutora das ações de pesquisa, de modo que a investigação não traga prejuízo para nenhuma das partes envolvidas”. Para tanto é necessário cuidar sempre no intuito de que a discrição e a imagem dos envolvidos na pesquisa sejam preservados.

A pesquisa, como mencionado anteriormente, será realizada por meio de uma entrevista, constituída por “quatro ” perguntas, onde estima-se que o tempo será de acordo com o desenvolvimento das narrativas dos entrevistados. No entanto temos consciência que quando trata-se de pessoa idosa, os cuidados devem ser triplicados. Para tanto, conduziremos a entrevista de forma que não seja cansativa, longa e deixaremos os entrevistados bem à vontade para se manifestar quando assim o desejar. A sua contribuição enquanto entrevistado é determinante para a qualidade da pesquisa.

Você não será remunerado, visto que sua participação nesta pesquisa é de caráter voluntária. Caso decida desistir da pesquisa você poderá interromper a entrevista e sair do estudo a qualquer momento, sem nenhuma restrição ou punição.

A pesquisadora garante e se compromete com o sigilo e a confidencialidade de todas as



Av. Tancredo Neves – 1095 - Cavalhada
CEP 78.200-000, Cáceres/MT
Tel: (65) 3221-0067
E-mail: cep@unemat.br





ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
CEP – COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA



informações fornecidas por você para este estudo. Da mesma forma, o tratamento dos dados coletados seguirá as determinações da Lei Geral de Proteção de Dados (LGPD – Lei 13.709/18).

A pesquisadora assume que os sujeitos da pesquisa não serão identificados em qualquer das formas de divulgação do estudo e de seus resultados, preservando, assim o anonimato dos mesmos. Conforme Paiva “ é importante ser a ética a condutora das ações de pesquisa, de modo que a investigação não traga prejuízo para nenhuma das partes envolvidas (2019, p.17), mantendo sempre descrição e cuidados com a imagem do sujeito.

Quanto aos possíveis riscos, podem ocorrer, cansaço, exatess, fadiga, ansiedade de ordem emocional, portanto estamos cientes desses possíveis riscos e nos programamos para minimizá-los ao máximo. Para tanto, as entrevistas serão com horário previamente marcados, num local comum aos participantes. Caso venha ocorrer riscos de ordem emocional, lembranças de amigos ou parentes que fizeram parte dos grupos de cururu e no momento da entrevista, falar de assuntos de cunho pessoal e vir a se emocionar durante a narrativa. Nestes casos a entrevista poderá ser interrompida de imediato, adiada e até cancelada, caso seja da vontade do entrevistado. E ficaremos a disposição do entrevistado para conversar sobre o assunto, se assim for a vontade do mesmo.

A pesquisadora compromete-se em ser o mais sensível possível, de forma que a entrevista não seja cansativa, exatessante e nem que seja longa, pois importa-nos que o entrevistado esteja confortável em participar da entrevista. Caso haja alguma fala de cunho pessoal por parte do entrevistado a pesquisadora compromete-se em exatessá-las, eliminando qualquer risco de divulgação de uma informação pessoal do participante. Como o cururu é um tema agradável para os cururueiros, acreditamos, que talvez não sintam-se desconfortáveis na entrevista.

Quanto aos benefícios em participar da pesquisa, acreditamos que será um encontro prazeroso, tanto para os entrevistados, reencontrar os amigos, quanto para a entrevistadora em ouvir as histórias sobre o cururu.

Podemos citar ainda: A contribuição em ter participado de uma pesquisa sociolinguística, onde os participantes poderão divulgar a pesquisa voltadas a temas relacionados a cultura mato grossense, dialogar sobre o preconceitos linguístico, e de que forma ele interfere negativamente para a preservação do falar cuiabano. Dialogar com outros cururueiros sobre a resistência a essas transformações no modo de falar da comunidade em geral. Acreditamos que também possa contribuir com os grupos folclóricos, jovens e comunidades em geral na compreensão do linguajar e assim, ir repassando as informações para a comunidade para ela entender e assim, respeitar aspodem manifestações folclóricas, com suas variações linguísticas regionais.



Av. Tancredo Neves – 1095 - Cavalhada
CEP 78.200-000, Cáceres/MT
Tel: (65) 3221-0067
E-mail: cep@unemat.br





ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
CEP – COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA



Esta pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Estadual de Mato Grosso – UNEMAT. Caso persistam dúvidas sobre o estudo, ou em caso de denúncias e/ou sugestões o Comitê de Ética está disponível para atender você no endereço: . Comitê de Ética em Pesquisa da Unemat pelo telefone: (65) 3221-0067 ou através do e-mail: cep@unemat.br.

Para contatar um dos pesquisadores da pesquisa, você poderá encaminhar um e-mail, ligar ou mandar mensagem pelo WhatsApp para eles a qualquer momento:

Pesquisadora responsável: TÂNIA MARIA SAÁBRIA CARVALHO TOLOTTI EMAIL: tania.tolotti@unemat.br celular (65) 996402031 e e-mail

Caso aceite participar deste estudo, preencha as informações abaixo, rubrique e assine as duas vias deste documento.

Após a realização da pesquisa, os informantes receberão uma cópia do presente Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Assinar a última página e rubricar as demais.

Local e data: / /

Nome:.....

Endereço:.....

RG/ou CPF.....

Assinatura do sujeito ou responsável:

Responsável pela Pesquisa: TÂNIA MARIA SANÁBRIA CARVALHO TOLOTTI

TÂNIA MARIA SANÁBRIA CARVALHO TOLOTTI



Av. Tancredo Neves – 1095 - Cavalhada
CEP 78.200-000, Cáceres/MT
Tel: (65) 3221-0067
E-mail: cep@unemat.br



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO



ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
CEP – COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA



Você está sendo convidado (a) para participar, como voluntário, em uma pesquisa.

Após ser esclarecido (a) sobre as informações a seguir, no caso de aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, em que está em duas vias. Uma delas é sua e a outra do pesquisador responsável.

Em caso de recusa você não será penalizado (a) de forma alguma. Em caso de dúvida você pode procurar o Comitê de Ética em Pesquisa da UNEMAT pelo telefone: (65) 3221-0067.

INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA

Título do projeto: Um Estudo Sociolinguístico Do Cururu Matogrossense Frente Às Variações E O Preconceito Linguísticos.

Responsável pela pesquisa: Tania Maria Sanabria Carvalho Tolotti

Endereço e telefone para contato: Rua Avaí, número 02, Quadra A Residencial Ana Paula – Cáceres/MT – Fone: (65) 99640-2031

Equipe de pesquisa: Tania Maria Sanabria Carvalho Tolotti e Profª Dra. Cristiane Schmidt.

O objetivo geral desta Pesquisa visa analisar em que medida o processo de variação linguística no contexto das toadas de Cururu em Mato Grosso, especificamente alguns grupos da cidade de Cáceres-MT, resistem as transformações socioeconômicas e as evoluções dos estilos de falas, considerando o regionalismo dentro da estruturação e da tentativa de padronização do Português enquanto língua oficial. A pesquisadora responsável assume que os sujeitos da pesquisa não serão identificados em qualquer das formas de divulgação do estudo e de seus resultados, preservando,

assim, o anonimato dos mesmos. Os possíveis riscos desta pesquisa estão relacionados ao fato de o participante sentir que suas atividades cotidianas foram interrompidas durante a entrevista, ou entender que a entrevista está acontecendo em momento indevido. Ainda, corre-se o risco de o participante, no momento da entrevista, falar de assuntos de cunho pessoal e ainda, se emocionar durante a descrição do relato.

Porém, para minimizar a ocorrência desses riscos, a pesquisadora compromete-se em marcar um horário, para a entrevista, de acordo com disponibilidade do participante, informando-o da duração prevista da entrevista. Com relação às informações de cunho pessoal que o participante relatar, a pesquisadora compromete-se em excluí-las, eliminando qualquer risco de divulgação de uma informação pessoal do participante.

Além disso, os informantes poderão, a qualquer momento, deixar de responder às perguntas, expor algum detalhe que o incomode e até mesmo desistir de participar da entrevista. De modo geral, para minimizar quaisquer riscos possíveis, será criado um ambiente favorável e amigável para que o informante não se sinta desconfortável diante da pesquisadora. O informante receberá uma cópia do presente Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e terá liberdade de retirar o Consentimento, sem qualquer prejuízo da continuidade do acompanhante/tratamento usual. Assinar a última página e rubricar as demais.

Local e data: _____

Nome: Joaquim Santana da Silva

Endereço: _____

RG/ ou CPF 2070146-2 / 207531801-53

Assinatura do sujeito ou responsável: Tania Maria Sanabria Carvalho Tolotti

Responsável pela Pesquisa: Tania Maria Sanabria Carvalho Tolotti

Tania Maria Sanabria Carvalho Tolotti

TANIA MARIA SANABRIA CARVALHO TOLOTTI

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO



ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
CEP – COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA



Você está sendo convidado (a) para participar, como voluntário, em uma pesquisa.

Após ser esclarecido (a) sobre as informações a seguir, no caso de aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, em que está em duas vias. Uma delas é sua e a outra do pesquisador responsável.

Em caso de recusa você não será penalizado (a) de forma alguma. Em caso de dúvida você pode procurar o Comitê de Ética em Pesquisa da UNEMAT pelo telefone: (65) 3221-0067.

INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA

Título do projeto: Um Estudo Sociolinguístico Do Cururu Matogrossense Frente Às Variações E O Preconceito Linguísticos.

Responsável pela pesquisa: Tania Maria Sanabria Carvalho Tolotti

Endereço e telefone para contato: Rua Avaí, número 02, Quadra A Residencial Ana Paula – Cáceres/MT – Fone: (65) 99640-2031

Equipe de pesquisa: Tania Maria Sanabria Carvalho Tolotti e Profª Dra. Cristiane Schmidt.

O objetivo geral desta Pesquisa visa analisar em que medida o processo de variação linguística no contexto das toadas de Cururu em Mato Grosso, especificamente alguns grupos da cidade de Cáceres-MT, resistem as transformações socioeconômicas e as evoluções dos estilos de falas, considerando o regionalismo dentro da estruturação e da tentativa de padronização do Português enquanto língua oficial. A pesquisadora responsável assume que os sujeitos da pesquisa não serão identificados em qualquer das formas de divulgação do estudo e de seus resultados, preservando,

assim, o anonimato dos mesmos. Os possíveis riscos desta pesquisa estão relacionados ao fato de o participante sentir que suas atividades cotidianas foram interrompidas durante a entrevista, ou entender que a entrevista está acontecendo em momento indevido. Ainda, corre-se o risco de o participante, no momento da entrevista, falar de assuntos de cunho pessoal e ainda, se emocionar durante a descrição do relato.

Porém, para minimizar a ocorrência desses riscos, a pesquisadora compromete-se em marcar um horário, para a entrevista, de acordo com disponibilidade do participante, informando-o da duração prevista da entrevista. Com relação às informações de cunho pessoal que o participante relatar, a pesquisadora compromete-se em excluí-las, eliminando qualquer risco de divulgação de uma informação pessoal do participante.

Além disso, os informantes poderão, a qualquer momento, deixar de responder às perguntas, expor algum detalhe que o incomode e até mesmo desistir de participar da entrevista. De modo geral, para minimizar quaisquer riscos possíveis, será criado um ambiente favorável e amigável para que o informante não se sinta desconfortável diante da pesquisadora. O informante receberá uma cópia do presente Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e terá liberdade de retirar o Consentimento, sem qualquer prejuízo da continuidade do acompanhante/tratamento usual. Assinar a última página e rubricar as demais.

Local e data: _____

Nome: Tania Maria Carvalho da Tolotti

Endereço: Rua dos Regios 22 - R. Carlos Volter

RG/ ou CPF 215434 - CPF 047 706-784.53.

Assinatura do sujeito ou responsável: Tolotti

Responsável pela Pesquisa: _____

Tolotti

TANIA MARIA SANABRIA CARVALHO TOLOTTI



ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
PRÓ-RETORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
CEP - COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA



TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGEM E SOM DE VOZ

PARA FINS DE PESQUISA

Eu, Suzelaine Ribeiro de Almeida

autorizo a utilização das imagens e sons de vozes, na qualidade de participante/entrevistado(a) no projeto de pesquisa intitulado "UM ESTUDO SOCIOLINGÜÍSTICO DO CURURU MATOGROSSENSE FRENTE ÀS VARIACÕES E O PRECONCEITO LINGÜÍSTICOS," sob responsabilidade de Tainá Maria Sivaléria Curvulho Tokotti vinculado(a) à Universidade do Estado de Mato Grosso.

As imagens, sons de vozes e gravações em vídeo, poderão ser utilizadas unicamente para a transcrição de interesse acadêmico, mantendo a sigilo das identidades dos participantes da pesquisa, mantendo a integridade, discrição e ética ao lidar com os sujeitos participantes.

Tenho ciência de que não haverá divulgação das imagens nem sons de vozes por qualquer meio de comunicação, sejam elas televisão, rádio ou internet, exceto nas atividades vinculadas ao ensino e a pesquisa explicitadas anteriormente, e conforme minha autorização prévia.

Tenho ciência também de que a guarda e demais procedimentos de segurança com relação às imagens e sons de voz são de total responsabilidade do(a) pesquisador(a) coordenador da pesquisa.

Este documento foi elaborado em duas vias, uma ficará com o(a) pesquisador(a) responsável pela pesquisa e a outra com o(a) participante.

Suzelaine Ribeiro de Almeida

Assinatura do (a) participante

Assinatura do (a) pesquisador(a)

UNEMAT

Universidade do Estado de Mato Grosso

Av. Lacerdo Novaes - 1055 - Cavalhada

Av. Lacerdo Novaes - 1055 - Cavalhada

CEP 78.200-000, Cáceres/MT

Tel: (65) 322-0087

E-mail: cep@unemat.br





ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS GRADUAÇÃO
CEP – COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA



**TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGEM E SOM DE VOZ
PARA FINS DE PESQUISA**

Eu, _____
autorizo a utilização das imagens e sons de vozes, na qualidade de participante/entrevistado(a) no projeto de pesquisa intitulado "UM ESTUDO SOCIOLINGÜÍSTICO DO CURURU MATOGROSSINSE FRENTE ÀS VARIAÇÕES E O PRÉCONCEITO LINGÜÍSTICOS," sob responsabilidade de Tania Maria Saubria Carvalho Tolotti vinculado(a) à Universidade do Estado de Mato Grosso.

As imagens, sons de vozes e gravações em vídeo, poderão ser utilizadas unicamente para a transcrição de interesse acadêmico, mantendo o sigilo das identidades dos participantes da pesquisa, mantendo a integridade, discrição e ética ao lidar com os sujeitos participantes.

Tenho ciência de que não haverá divulgação das imagens nem sons de vozes por qualquer meio de comunicação, sejam elas televisão, rádio ou internet, exceto nas atividades vinculadas ao ensino e a pesquisa explicitadas anteriormente, e conforme minha autorização prévia.

Tenho ciência também de que a guarda e demais procedimentos de segurança, com relação às imagens e sons de voz são de minha responsabilidade do(a) pesquisador(a) coordenador da pesquisa.

Este documento foi elaborado em duas vias, uma ficará com o(a) pesquisador(a) responsável pela pesquisa e a outra com o(a) participante.

Assinatura do(a) participante

Assinatura do (a) participante

Assinatura do (a) pesquisador(a)

UNEMAT
Universidade do Estado de Mato Grosso
www.unemat.br

Av. Tancredo Neves – 1096 – Cavalhada
CEP 78.200-000, Cáceres/MT
Tel. (55) 3321-0067
E-mail: cep@unemat.br





ESTADO DE MATO GROSSO SECRETARIA DE ESTADO
DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
CEP – COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA



Cáceres-MT, 15 de setembro de 2022.

Ref. Ofício de encaminhamento à Coordenação do CEP/UNEMAT

Ao Comitê de ética em Pesquisa da UNEMAT/Cáceres-MT

Eu, Tânia Maria Sanabria Carvalho Tolotti, proponente do Projeto de Pesquisa de Mestrado intitulado, "**UM ESTUDO SOCIOLINGUÍSTICO DO CURURU MATOGROSSENSE FRENTE ÀS VARIAÇÕES E O PRECONCEITO LINGUÍSTICOS**", apresentado ao Programa de Pós-Graduação Strictu Sensu em Linguística da Universidade do Estado de Mato Grosso – PPGL/UNEMAT, linha de pesquisa Estudos de Processos de Variação e Mudança, sob a orientação da professora Dra. Cristiane Schmidt, venho por meio deste submetê-lo à análise deste Comitê de Ética em Pesquisa – CEP/UNEMAT.

Aguardo Deferimento.

Atenciosamente,

Tania Maria Sanabria Carvalho Tolotti

UNEMAT

Universidade do Estado de Mato Grosso

PRPGU | Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-graduação

Av. Tancredo Neves – 1095
- Cavalhada CEP 78.200-
000, Cáceres/MT
Tel. (65) 3221-0067
E-mail: cep@unemat.br





ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
CEP - COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA



**DECLARAÇÃO INDIVIDUAL DO PESQUISADOR PARTICIPANTE
CONCORDANDO EM PARTICIPAR NA PESQUISA**

Eu, Cristiane Schmidt, membro da pesquisa "UM ESTUDO SOCIOLINGUÍSTICO DO CURURU MATOGROSSENSE FRENTE ÀS VARIAÇÕES E O PRECONCEITO LINGUÍSTICOS.", concordo em participar e colaborar em todas as fases desta pesquisa.

Cáceres - MT, 15 de Setembro de 2022.

Cristiane Schmidt

Prof. Doutora Cristiane Schmidt

UNEMAT
Universidade do Estado de Mato Grosso
PRPPG | Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-graduação

Av. Tancredo Neves – 1095 - Cavalhada
CEP 78.200-000, Cáceres/MT
Tel: (65) 3221 0067 –
E-mail: cep@unemat.br





ESTADO DE MATO GROSSO SECRETARIA DE
ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO PRÓ-
REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO CEP –
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA



ORÇAMENTO DE PROJETO DE PESQUISA

Segue, abaixo, o quadro de despesa particular para o desenvolvimento das atividades propostas no projeto de pesquisa que se intitula: **UM ESTUDO SOCIOLINGÜÍSTICO DO CURURU MATOGROSSENSE FRENTE ÀS VARIAÇÕES E O PRECONCEITO LINGÜÍSTICOS.**

Aquisição de Material de Pesquisa			
Descrição	Quantidade	Valor unitario	Valor Geral
Nootbook	01	R\$ 5.000,00	R\$ 5.000,00
Impressora	01	R\$ 2.500,00	R\$ 2.500,00
Toner	01	R\$ 750,00	R\$ 750,00
Papel Resma	01	R\$ 50,00	R\$ 50,00
Livros	10	R\$ 70,00	R\$ 700,00
Aquisição de Material e Serviços Midiáticos			
Descrição	Quantidade	Valor unitario	Valor Geral
Câmera	01	R\$ 1.500,00	R\$ 1.500,00
Equipamento de captação de audio	01	R\$ 2.500,00	R\$ 2.500,00
Serviços de captação e edição de mídia	01	R\$ 1.000,00	R\$ 1.000,00
Gastos com locomoção e afins			
Descrição	Quantidade	Valor unitario	Valor Geral
Combustivel	05	R\$ 150,00	R\$ 750,00
Manutenção de veiculo	01	R\$ 500,00	R\$ 500,00
Alimentação em traslado	05	R\$ 100,00	R\$ 500,00
Valor Total			R\$ 15.750,00

Pesquisadora: Tania Maria Sanabria Carvalho Tolotti

UNEMAT
Universidade do Estado de Mato Grosso
PRPPG (Pró-reitoria de Pesquisa e Pós-graduação)

Av. Tancredo Neves – 1095 - Cavalhada
CEP 78.200-000, Cáceres/MT
Tel: (65) 3221-0067
E-mail: cep@unemat.br





MINISTÉRIO DA SAÚDE - Conselho Nacional de Saúde - Comissão Nacional de Ética em Pesquisa - CONEP

FOLHA DE ROSTO PARA PESQUISA ENVOLVENDO SERES HUMANOS

1. Projeto de Pesquisa: "UM ESTUDO SOCIOLINGÜÍSTICO DO CURURU MATOGROSSENSE FRENTE ÀS VARIAÇÕES E O PRECONCEITO LINGÜÍSTICOS"			
2. Número de Participantes da Pesquisa: 5			
3. Área Temática:			
4. Área do Conhecimento: Grande Área 8. Linguística, Letras e Artes			
PESQUISADOR RESPONSÁVEL			
5. Nome: Tânia Maria Sanábria Carvalho Tolotti			
6. CPF: 476.832.440-15		7. Endereço (Rua, n.º): Rua A, Quadra A SANTA CRUZ numero 2 CACERES MATO GROSSO 78205285	
8. Nacionalidade: BRASILEIRO		9. Telefone: 65996402031	10. Outro Telefone:
		11. Email: tania_tolotti@hotmail.com	
<p>Termo de Compromisso: Declaro que conheço e cumprirei os requisitos da Resolução CNS 466/12 e suas complementares. Comprometo-me a utilizar os materiais e dados coletados exclusivamente para os fins previstos no protocolo e a publicar os resultados sejam eles favoráveis ou não. Aceito as responsabilidades pela condução científica do projeto acima. Tenho ciência que essa folha será anexada ao projeto devidamente assinada por todos os responsáveis e fará parte integrante da documentação do mesmo.</p>			
Data: 27 / 09 / 2022		 Assinatura	
INSTITUIÇÃO PROPONENTE			
12. Nome: Universidade do Estado de Mato Grosso - UNEMAT		13. CNPJ:	14. Unidade/Orgão: UNEMAT
15. Telefone: (65) 3311-4900		16. Outro Telefone:	
<p>Termo de Compromisso (do responsável pela instituição): Declaro que conheço e cumprirei os requisitos da Resolução CNS 466/12 e suas Complementares e como esta instituição tem condições para o desenvolvimento deste projeto, autorizo sua execução.</p>			
Responsável: _____		CPF: 289 560 441 04	
Cargo/Função: _____			
Data: ____ / ____ / ____		 Assinatura	
PATROCINADOR PRINCIPAL		PROF. DR. TAISIR MAHMUDO KARIM Diretor Político/Pedagógico e Financeiro UNEMAT - Campus Universitário Jane Vanini Portaria nº 2022	
Não se aplica.			



ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO CEP - COMITÊ DE ÉTICA EM
PESQUISA



DECLARAÇÃO DE QUE A COLETA DE DADOS NÃO FOI INICIADA

Eu, TÂNIA MARIA SANÁBRIA CARVALHO TOLOTTI, responsável pelo projeto de pesquisa intitulado “UM ESTUDO SOCIO LINGUÍSTICO DO CURURU MATOGROSSENSE FRENTE AS VARIAÇÕES E O PRECONCEITO LINGUÍSTICO”, encontro-me na fase de elaboração documental do referido projeto e afirmo a esse Conselho que a coleta de dados não foi iniciada. Declaro que eu e toda minha equipe de pesquisa aguardaremos a tramitação do protocolo no sistema CEP/CONEP, uma vez que a coleta de dados só será iniciada mediante parecer de APROVAÇÃO da pesquisa.

Sem mais,

Atenciosamente,

Cáceres/ MT 15 de setembro de 2022.

(Local e Data)

TÂNIA MARIA SANÁBRIA CARVALHO TOLOTTI



ESTADO DE MATO GROSSO SECRETARIA DE ESTADO
DE CÊNCIA E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
CEP – COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA



TERMO DE COMPROMISSO DAS INSTITUIÇÕES ENVOLVIDAS NO ESTUDO

Título da pesquisa: "UM ESTUDO SOCIOLINGÜÍSTICO DO CURURU MATOGROSSENSE FRENTE ÀS VARIAÇÕES E O PRECONCEITO LINGÜÍSTICOS"

I. Instituição Requerente

Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT/MT
Programa de Pós-Graduação Strictu Sensu em Linguística
Cidade Universitaria: Bloco do Centro de Pesquisa e Pós-Graduação em
Linguagem Endereço: Av. Santos Drumont, S/nº, Bairro DNER;
CEP: 78.200-000; Cáceres-MT Fone/fax: (65) 3223 1466
Município: Cáceres Estado: Mato Grosso País: Brasil

II. Responsável pelo Pesquisa

Tania Maria Sanabria Carvalho Tolotti
Endereço: Rua Avaí, Nº 02, Quadra A, Residencial Ana Paula
Cidade: Cáceres, Estado: Mato Grosso, CEP: 78.205-285
Cel: (65) 99640 2031
e-mail: tania.tolotti@unemat.br

III. Orientador da Pesquisa

Profa. Dra. Cristiane Schmidt
Endereço: Rua Aparecida, 114, Bairro: Vila Progresso.



Av. Tancredo Neves – 1095
- Cavalhada CEP 78.200-
000, Cáceres/MT
Tel: (65) 3221-0067
E-mail: cep@unemat.br



Cidade: Campo Grande, Estado: Mato Grosso do Sul
 Fone: (45) 9818 1155
 e-mail: cristiane_schmidt@ufms.br

IV. Instituição Requerida

Grupo Folclórico Mato-grossense Tradição
 Cel: (65) 99994 0977
 e-mail: tradicaocac@hotmail.com

Os estudos relacionados à diversidade e às variações linguísticas têm se desenvolvido por todo território nacional, porém existem disparidades em relação a aceitação popular e tecno/científica do regionalismo em grande parte do país. Aqui entendemos regionalismo como forma de comunicação singular e cultural de cada região, dentro do português padrão (SOUSA; LIMA; 2009).

O falar cuiabano é um exemplo a ser discutido. Entendido como um dialeto que, historicamente, surgiu da confluência do europeu com o indígena, é uma expressão de linguagem extremamente significativa para a formação étnico/cultural e social do povo mato-grossense e embora tenha sido reconhecido como patrimônio imaterial do Estado de Mato grosso e protegido pelo poder público em 22 de abril de 2013, publicado no Diário Oficial do Estado¹ para evitar o risco de desaparecer, tem se tomado incomum no cotidiano popular. Sua maior expressão está nos grupos folclóricos, nas toadas de cururu, dança do Siriri e algumas cidades e vilarejos pelo estado.

Quando nos atemos aos estudos das características da evolução linguística, ou simplesmente a evolução social de uma determinada região, ou país, é fato

¹ Disponível em: Acesso em: <https://www.tmt.jus.br/Noticias/52178#.X4vzodBKIM8>. Acesso em: 20 fev. 2022.

perceber que para cada época há um estilo diferente de fala. Um mesmo idioma/língua com aspectos de pronúncia e estrutura que traduz as necessidades e realidades da época em que coexista.

A presente pesquisa tem por objetivo analisar em que medida o processo de variação linguística no contexto das toadas de Cururu em Mato Grosso, especificamente alguns grupos da cidade de Cáceres-MT, resistem as transformações socioeconômicas e as evoluções dos estilos de falas, considerando o regionalismo dentro da estruturação e da tentativa de padronização do Português enquanto língua oficial.

Visa também, oportunizar uma discussão acerca do processo de variação linguística no contexto das toadas de Cururu em Mato Grosso, especificamente na cidade de Cáceres, buscando parâmetros em que verse a concepção da padronização do Português frente ao regionalismo, analisando a aceitabilidade nos nichos de prevalência e a evolução técnico-científica na formação de professores que atuam nesta linha de formação intelectual, em que o tradicional abre espaço para a evolução, e que tem sido subjugado por este.

Neste contexto pretende-se um reconhecimento da importância do estilo de linguagem próprio de cada região, regionalismo, como instrumento de preservação de aspectos socioculturais, e também espelho da concepção histórica, atuando como identidade própria de todo um povo. Somando para a valorização e preservação dos grupos de cururueiros.

A pesquisa se desdobra em duas etapas. Sendo a primeira pesquisa bibliográfica. Segundo Marconi e Lakatos (1992), a pesquisa bibliográfica é o levantamento de toda a bibliografia já publicada, em forma de livros, revistas, publicações avulsas e imprensa escrita. Com o propósito de embasamento técnico-científico para promulgar novos conhecimentos e fortalecer os preexistentes. (MARCONI; LAKATOS, p.43, 1992).

A segunda com pesquisa campo e coleta de dados. A coleta de dados será feita junto a alguns grupos de cururueiros da cidade de Cáceres, onde haverá coleta de dados das falas (toadas), que evidenciam a variação linguística e também quais os

preconceitos linguísticos que sofrem seus integrantes pelo fato de suas toadas ser diferente do padrão da língua portuguesa.

Todo processo científico visa afirmar ou refutar uma teoria, e oferece um vasto campo de reflexões e subsídios para novos estudos. Este estudo se compõe por busca ativa de dados, através de questionário-guia; observação participante; conversas livres; e, por fim a produção de escrita, com os conhecimentos e reflexões encontradas

O participante não terá nenhum onus para participar da pesquisa, bem como não terá nenhum ressarcimento, sendo sua participação totalmente voluntária. Caso em algum momento sinta-se desconfortável ou não queira dar continuidade em sua participação nesta, o mesmo não será de nenhuma forma penalizado.

Por fim, pretende-se demonstrar que o estilo de fala nos proporciona um espelho as origens históricas de um povo, com intuito de fortalecer e valorizar sua existência, afim de que esta não se perca nos anais do tempo.

Abaixo, segue assinatura do responsável pela pesquisa e a de seu orientador, bem como, a assinatura dos representantes das instituições envolvidas, tanto receptora quanto proponente.

Cáceres –MT 15 de Setembro de 2022.

Tania Maria Sanabria Carvalho Tolotti
Responsável pela Pesquisa



Av. Tancredo Neves – 1005
- Cavallhada CEP 78.200-
000, Cáceres/MT
Tel: (65) 3221-0087
E-mail: cep@unemat.br





ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO CEP – COMITÊ DE ÉTICA EM
PESQUISA



Instrumento de Coleta

A coleta de dados, consta com uma entrevista composta de algumas perguntas, sobre a narrativa de experiência pessoal relacionada com o cururu, em que foram feitas 04 perguntas abertas, todas utilizando gravador e filmadora.

Pergunta 1: Fale um pouco sobre o cururu?

Pergunta 2: Como o senhor se interessou pelo cururu?

Pergunta 3: Como eram as festas de cururu quando o senhor ainda era jovem?

Pergunta 4: Qual recado o senhor deixa para os jovens sobre o cururu?

A definição de modelo de narrativa de experiência pessoal, proposta por Labov, coloca que a narrativa é a mina de ouro que os pesquisadores-sociolinguístas procuram. Isto porque normalmente, os entrevistados ficam mais à vontade, e acabam por não se preocuparem com as formas linguísticas utilizadas.

Cáceres, MT 09/02/2023

TÂNIA MARIA SANÁBRIA CARVALHO TOLOTTI



ESTADO DE MATO GROSSO SECRETARIA DE ESTADO
DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
CEP - COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA



Cáceres-MT, 14 de março de 2023.

Ref. Ofício de Atendimento as recomendações do PARECER
CONSUBSTANCIADO DO CEP nº5.894.974

Ao Comitê de ética em Pesquisa da UNEMAT/Cáceres-MT

Eu, Tânia Maria Sanabria Carvalho Tolotti, proponente do Projeto de Pesquisa de Mestrado intitulado, **“UM ESTUDO SOCIOLINGÜÍSTICO DO CURURU MATOGROSSENSE FRENTE ÀS VARIAÇÕES E O PRECONCEITO LINGÜÍSTICOS”**, apresentado ao Programa de Pós-Graduação Strictu Sensu em Linguística da Universidade do Estado de Mato Grosso – PPGL/UNEMAT, linha de pesquisa Estudos de Processos de Variação e Mudança, sob a orientação da professora Dra. Cristiane Schmidt, venho por meio deste submeter à análise deste Comitê de Ética em Pesquisa – CEP/UNEMAT, o atendimento as exigências e pendências identificadas, que seguem:

- Ofício de encaminhamento à coordenação do CEP/UNEMAT;
- Declaração assinada pelo Pesquisador Responsável, com observância ao atendimento a Res. 466/2012 ou 510/2016 em todas as fases da pesquisa;
- Declaração de responsabilidade do pesquisador;
- Termo de Consentimento Livre Esclarecido com ponderações entre riscos e benefícios; e,
- Instrumento de Coleta.

No ensejo de que todas as necessidades técnicas tenham sido atendidas dentro dos preceitos éticos da pesquisa científica, adequados e norteados pelas devidas resoluções, supras citadas, e sendo o que segue para o momento, estimando cordialmente excelente jornada de trabalho aos constituintes deste renomado comitê,

Aguardo Deferimento.

Atenciosamente,

Tania Maria Sanabria Carvalho Tolotti



- PRPPG | Pró-reitoria de Pesquisa e Pós-graduação -

Av. Tancredo Neves – 1095
- Cavanhada CEP 78.200-
000, Cáceres/MT
Tel: (65) 3221-0067
E-mail: cep@unemat.br





ESTADO DE MATO GROSSO SECRETARIA DE ESTADO
DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
CEP – COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA



Cáceres-MT, 15 de setembro de 2022.

Ref. Ofício de encaminhamento à Coordenação do CEP/UNEMAT

Ao Comitê de ética em Pesquisa da UNEMAT/Cáceres-MT

Eu, Tânia Maria Sanabria Carvalho Tolotti, proponente do Projeto de Pesquisa de Mestrado intitulado, **“UM ESTUDO SOCIOLINGUÍSTICO DO CURURU MATOGROSSENSE FRENTE ÀS VARIAÇÕES E O PRECONCEITO LINGUÍSTICOS”**, apresentado ao Programa de Pós-Graduação Strictu Sensu em Linguística da Universidade do Estado de Mato Grosso – PPGL/UNEMAT, linha de pesquisa Estudos de Processos de Variação e Mudança, sob a orientação da professora Dra. Cristiane Schmidt, venho por meio deste submetê-lo à análise deste Comitê de Ética em Pesquisa – CEP/UNEMAT.

Aguardo Deferimento.

Atenciosamente,

Tania Maria Sanabria Carvalho Tolotti

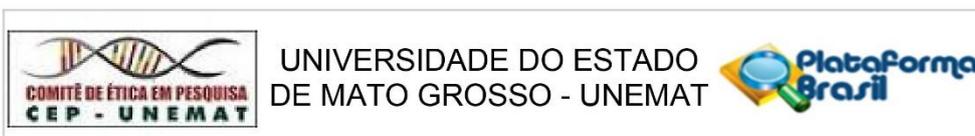
UNEMAT

Universidade do Estado de Mato Grosso

PRPG / Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-graduação

Av. Tancredo Neves – 1095
- Cavahada CEP 78.200-
000, Cáceres/MT
Tel. (65) 3221-0067
E-mail: cep@unemat.br





PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: "UM ESTUDO SOCIOLINGÜÍSTICO DO CURURU MATOGROSSENSE FRENTE ÀS VARIAÇÕES E O PRECONCEITO LINGÜÍSTICO"

Pesquisador: Tânia Maria Sanábria Carvalho Tolotti

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 66520322.9.0000.5166

Instituição Proponente: UNEMAT

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio
Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 5.982.022

Apresentação do Projeto:

Trata-se de projeto de pesquisa vinculado ao Programa de Pós- Graduação Stricto Sensu em Linguística da Universidade do Estado de Mato Grosso, Campus de Cáceres, que visa analisar, através de estudos linguísticos, as toadas do Cururu, em grupos de cururueiros da cidade de Cáceres-MT, objetivando identificar as características de falas, buscando entender os aspectos históricos/culturais do falar cuiabano e/ou falar mato-grossense, observando se há incidência do preconceito linguístico.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

- Analisar em que medida o processo de variação linguístico no contexto das toadas de Cururu em Mato Grosso, especificamente com cururueiros da cidade de Cáceres-MT, resistem as transformações socioeconômicas e as evoluções dos estilos de falas, considerando o regionalismo dentro da estruturação e da tentativa de padronização do Português enquanto língua oficial.

Objetivo Secundário:

- Analisar o preconceito linguístico existente mediante o processo de variação linguística nas Toadas do Cururu, em grupos de cururueiros.

- Identificar de que forma a incidência destes preconceitos, no caso, do "Linguajar Cuiabano" ou do "Linguajar Mato-grossense", tem afetado a continuidade desses grupos e concomitantemente a

Endereço: Av. Tancredo Neves, 1095

Bairro: Cavahada II

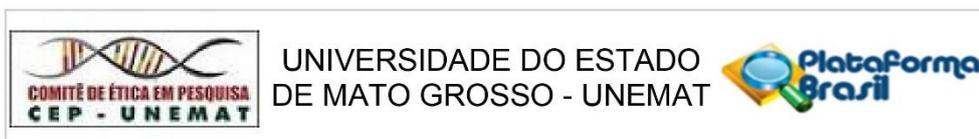
CEP: 78.200-000

UF: MT

Município: CACERES

Telefone: (65)3221-0067

E-mail: cep@unemat.br



Continuação do Parecer: 5.982.022

resistência e prevalência do estilo de fala ribeirinha – o linguajar.

- Demonstrar que o estilo de fala nos proporciona um espelho as origens históricas de um povo, com intuito de fortalecer e valorizar sua existência.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

- A pesquisa apresenta garantia de que danos previsíveis serão evitados, como preconiza a resolução 466/2012.

Fazendo a ponderação, como preconiza a resolução 466/2012, entre riscos e benefícios, tanto conhecidos como potenciais, individuais ou coletivos, comprometendo-se com o máximo de benefícios e o mínimo de danos e riscos.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

A pesquisa apresenta:

- Respeito aos participantes da pesquisa em sua dignidade e autonomia, reconhecendo sua vulnerabilidade, assegurando sua vontade de contribuir e permanecer, ou não, na pesquisa, por intermédio de manifestação expressa, livre e esclarecida;

- Ponderação entre riscos e benefícios, tanto conhecidos como potenciais, individuais ou coletivos, comprometendo-se com o máximo de benefícios e o mínimo de danos e riscos;

- Garantia de que danos previsíveis serão evitados; e

- Relevância social da pesquisa, o que garante a igual consideração dos interesses envolvidos, não perdendo o sentido de sua destinação sócio-humanitária.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Todos os termos foram apresentados de acordo com as exigências da resolução 466/2012 e a Norma Operacional 001/2013 do CNS-Conselho Nacional de Saúde.

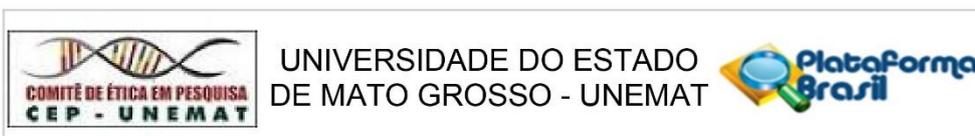
Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

O Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade do Estado de Mato Grosso CEP/UNEMAT após análise do protocolo em comento, de acordo com a resolução 466/2012 e a Norma Operacional 001/2013 do CNS, é de parecer que não há restrição ética para o desenvolvimento da pesquisa.

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Endereço: Av. Tancredo Neves, 1095	CEP: 78.200-000
Bairro: Cavahada II	
UF: MT	Município: CACERES
Telefone: (65)3221-0067	E-mail: cep@unemat.br



Continuação do Parecer: 5.982.022

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2021130.pdf	14/03/2023 23:56:29		Aceito
Outros	relatorio.pdf	14/03/2023 23:55:16	Tânia Maria Sanábria Carvalho Tolotti	Aceito
Outros	TermoVOZIMAGEM.pdf	14/03/2023 23:52:44	Tânia Maria Sanábria Carvalho Tolotti	Aceito
Outros	OFICIOATENDIMENTOPARECER.pdf	14/03/2023 23:51:39	Tânia Maria Sanábria Carvalho Tolotti	Aceito
Outros	OficioEncaminhamento.pdf	14/03/2023 23:50:38	Tânia Maria Sanábria Carvalho Tolotti	Aceito
Outros	instrumentocoleta.pdf	14/03/2023 23:47:23	Tânia Maria Sanábria Carvalho Tolotti	Aceito
Declaração de Pesquisadores	declaracaoResponsabilidadePesquisador.pdf	14/03/2023 23:45:40	Tânia Maria Sanábria Carvalho Tolotti	Aceito
Declaração de Pesquisadores	DeclaracaoResolucao.pdf	14/03/2023 23:43:00	Tânia Maria Sanábria Carvalho Tolotti	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	Tcle.pdf	14/03/2023 23:38:35	Tânia Maria Sanábria Carvalho Tolotti	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projetomestrادتانيا.pdf	26/10/2022 11:45:47	Tânia Maria Sanábria Carvalho Tolotti	Aceito
Declaração de Pesquisadores	curriculumCristiane.pdf	26/10/2022 11:33:57	Tânia Maria Sanábria Carvalho Tolotti	Aceito
Declaração de Pesquisadores	curruculumtania.pdf	26/10/2022 11:32:50	Tânia Maria Sanábria Carvalho Tolotti	Aceito
Declaração de Pesquisadores	coletanaoiniciada.pdf	26/10/2022 11:31:29	Tânia Maria Sanábria Carvalho Tolotti	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	infraestrutura.pdf	26/10/2022 11:28:31	Tânia Maria Sanábria Carvalho Tolotti	Aceito
Orçamento	orcamento.pdf	26/10/2022 11:23:38	Tânia Maria Sanábria Carvalho Tolotti	Aceito
Folha de Rosto	folhaderosto.pdf	26/10/2022	Tânia Maria	Aceito

Endereço: Av. Tancredo Neves, 1095

Bairro: Cavahada II

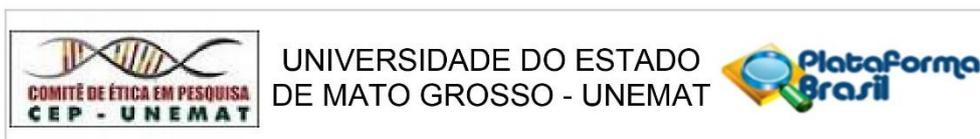
CEP: 78.200-000

UF: MT

Município: CACERES

Telefone: (65)3221-0067

E-mail: cep@unemat.br



Continuação do Parecer: 5.982.022

Folha de Rosto	folhaderosto.pdf	11:17:29	Sanábria Carvalho Tolotti	Aceito
----------------	------------------	----------	---------------------------	--------

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

CACERES, 03 de Abril de 2023

Assinado por:
Raul Angel Carlos Olivera
(Coordenador(a))

Endereço: Av. Tancredo Neves, 1095
Bairro: Cavahada II **CEP:** 78.200-000
UF: MT **Município:** CACERES
Telefone: (65)3221-0067 **E-mail:** cep@unemat.br



ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO CEP – COMITÊ DE ÉTICA EM
PESQUISA



**DECLARAÇÃO DE RESPONSABILIDADE DO PESQUISADOR,
COMPROMETENDO-SE A OBSERVAR A RES. N° 466/2012 ou 510/2016 EM
TODAS AS FASES DA PESQUISA**

INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA

Título do projeto: “ UM ESTUDO SOCIOLINGÜÍSTICO DO CURURU
MATO GROSSENSE FRENTE ÀS VARIAÇÕES E O PRECONCEITO
LINGÜÍSTICOS”

Responsável pela pesquisa: Tânia Maria Sanábria Carvalho Tolotti

Endereço e telefone para contato: Rua Avaí, quadra A nº 02 Residencial
Ana Paula- Cáceres-MT. Telefone: (65) 996402031 ou Residencial: 3222-4148

Equipe de pesquisa: Tânia Maria Sanábria Carvalho Tolotti e Profa. Dra
Cristiane Shmidht

Orientador: Prof. Dra. Cristiane Shmidht.

Área do Conhecimento: Grande área: Linguística, Letras e Artes.

Declaro que conheço e cumprirei os requisitos da Resolução CNS 466/12 e suas complementares. Comprometo-me a utilizar os materiais e dados coletados exclusivamente para fins previstos no protocolo e a publicar o resultados sejam eles favoráveis ou não. Aceito as responsabilidades pela condução científica do projeto acima. Tenho ciência que esta declaração será anexada ao projeto devidamente assinada por todos os responsáveis e fará parte integralmente da documentação do mesmo.

Cáceres MT, 06/03/2023

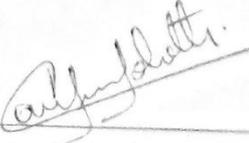
Tânia Maria Sanábria Carvalho Tolotti

Eu, Elonir Antunes de Melo
 autorizo a utilização das imagens e sons de vozes, na qualidade de
 projeto de pesquisa intitulado "UM ESTUDO SOCIOLIN-
 TOGROSSENSE FRENTE ÀS VARIAÇÕES E O PRECONCEI-
 to da responsabilidade de Tania Maria Sanabria Carvalho Tolotti vinculado(a)
 ao ato Grosso.

As imagens, sons de vozes e gravações em vídeo, poderão ser util-
 ização de interesse acadêmico, mantendo o sigilo das identidade
 da, mantendo a integridade, discrição e ética ao lidar com os sujeitos
 Tenho ciência de que não haverá divulgação das imagens nem sons de
 comunicação, sejam elas televisão, rádio ou internet, exceto nas ativ-
 a pesquisa explicitadas anteriormente, e conforme minha autorização
 Tenho ciência também de que a guarda e demais procedimentos de segu-
 ridade e sons de voz são de total responsabilidade do(a) pesquisador(a),

e este documento foi elaborado em duas vias, uma ficará com o(a)
 pela pesquisa e a outra com o(a) participante.


 Assinatura do (a) participante


 Assinatura do (a) pesquisador(a)

PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
CEP - COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA



DECLARAÇÃO DE AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGEM E SOM DE VOZ

PARA FINS DE PESQUISA

Caro Alexandre Antunes de Mendonça

zação das imagens e sons de vozes, na qualidade de participante/entrevistado(a) e pesquisa intitulado "UM ESTUDO SOCIOLINGUÍSTICO DO CURURUENSE FRENTE ÀS VARIAÇÕES E O PRECONCEITO LINGUÍSTICOS," sob a orientação de Tania Maria Sanabria Carvalho Tolotti vinculado(a) à Universidade do Estado do Mato Grosso do Sul.

As imagens, sons de vozes e gravações em vídeo, poderão ser utilizadas unicamente para fins de interesse acadêmico, mantendo o sigilo das identidades dos participantes e garantindo a integridade, discrição e ética ao lidar com os sujeitos participantes.

Declaro em pleno conhecimento de que não haverá divulgação das imagens nem sons de vozes por qualquer meio de comunicação, sejam elas televisão, rádio ou internet, exceto nas atividades vinculadas a esta pesquisa explicitadas anteriormente, e conforme minha autorização prévia.

Declaro também de que a guarda e demais procedimentos de segurança com relação às imagens e sons de voz são de total responsabilidade do(a) pesquisador(a) coordenador(a).

Este documento foi elaborado em duas vias, uma ficará com o(a) pesquisador(a) responsável pela pesquisa e a outra com o(a) participante.

Assinatura do (a) participante

Assinatura do (a) pesquisador(a)

UNEMAT

Av. Tancredo Neves – 1095 - Cavahada
CEP 78.200.000 - Cáceres/MT





GOVERNO DO ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
CAMPUS UNIVERSITÁRIO "JANE VANINI"
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM LINGUÍSTICA



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA

ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: ESTUDOS DE PROCESSOS LINGUÍSTICOS

LINHA DE PESQUISA: ESTUDO DE PROCESSOS DE VARIAÇÃO E MUDANÇA

**PARECER DE PARTICIPAÇÃO, DE FORMA REMOTA, A DISTÂNCIA EM BANCA
DE DEFESA DE MESTRADO**

Às 08h30 do dia 20/04/2023, participei na forma remota, a distância, com os demais membros que assinam a Ata física deste ato público, da Banca de Defesa da Dissertação de Mestrado, intitulada UM ESTUDO SOCIOLINGUÍSTICO DO CURURU MATO-GROSSENSE FRENTE ÀS VARIAÇÕES E O PRECONCEITO LINGUÍSTICO

do(a) candidata TÂNIA MARIA SANÁBRIA CARVALHO TOLOTTI do Programa de Pós-Graduação em Linguística, da Universidade do Estado de Mato Grosso.

Considerando o trabalho avaliado, as arguições de todos os membros da banca e as respostas dadas pelo(a) candidato(a), formalizo para fins de registro, por meio deste documento, minha decisão de que o(a) candidato(a) está **Aprovada**

Abaixo, segue o relatório sobre o trabalho avaliado, com a finalidade de contribuir com a versão final do trabalho, a ser arquivado no banco de dissertações e teses da instituição:

A dissertação sobre o cururu mato-grossense, defendida por Tânia Maria Sanábria Carvalho Tolotti, aborda uma temática muito relevante para a descrição da identidade linguística e cultural de Mato Grosso, em especial, de Cáceres.

Destacamos que o referencial teórico-metodológico está bem delineado, há uma descrição aprofundada sobre o Cururu, objeto de estudo da mestranda. O trabalho necessita, no entanto, de alguns ajustes quanto à redação e à análise dos dados para o depósito da versão final. Essas sugestões foram apresentadas durante a arguição e estão destacadas no corpo da dissertação que segue em anexo.

Documento assinado digitalmente
gov.br DIRCEL APARECIDA KAILER
Data: 25/04/2023 11:36:43-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Assinatura/ Nome completo do examinador
Nome da instituição a que pertence

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM LINGUÍSTICA
Cidade Universitária – Bloco do Centro de Pesquisas e Pós-Graduação em Linguagem
Av. Santos Dumont, S/nº; Bairro: DNER; CEP: 78.200-000; Cáceres-MT
Tel/PABX: (65) 3223-1466; E-mail: ppgl@unemat.br
Site: portal.unemat.br/linguistica

UNEMAT
Universidade do Estado de Mato Grosso